**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

MARCELO MARQUES RANGEL

**O traço de animacidade e as estratégias de relativização
em português brasileiro infantil: um estudo experimental**
(versão corrigida)

São Paulo
2017

MARCELO MARQUES RANGEL

O traço de animacidade e as estratégias de relativização em português
brasileiro infantil: um estudo experimental
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Bicudo Grolla

De acordo,

Prof.^a Dr.^a Elaine Bicudo Grolla

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R196t Rangel, Marcelo Marques
O traço de animacidade e as estratégias de relativização em português brasileiro infantil: um estudo experimental / Marcelo Marques Rangel ; orientadora Elaine Grolla. - São Paulo, 2017. 178 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. orações relativas. 2. animacidade. 3. aquisição de linguagem. 4. estudo experimental. 5. português brasileiro infantil. I. Grolla, Elaine, orient. II. Título.

MARCELO MARQUES RANGEL

O traço de animacidade e as estratégias de relativização em português brasileiro
infantil: um estudo experimental
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Bicudo Grolla

Aprovado em: 30/11/2016

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Fernando Lopes	Universidade de São Paulo (USP)
Presidente (membro não-votante)	Assinatura: _____

Prof. Dr. Jairo Morais Nunes	Universidade de São Paulo (USP)
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. ^a Dr. ^a Marina Rosa Ana Augusto	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcello Marcelino	Universidade Federal de São Paulo
Julgamento: _____	Assinatura: _____

"Eu vo-lo digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante. Eu vo-lo digo: tendes ainda um caos dentro de vós."

"A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação."

(Friedrich Nietzsche)

A Luiza Rangel Gará.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof.^a Elaine Bicudo Grolla, por me acolher quando decidi ingressar no mundo acadêmico, pelo apoio e todo o tempo dedicado a me guiar antes e durante meu percurso no mestrado.

Não menos importantes, agradeço aos membros da minha banca de qualificação: Prof.^a Marina Augusto e Prof. Jairo Nunes. Não tenho dúvidas de que, se há acertos neste trabalho, a Marina e o Jairo, além da Elaine (claro!) são diretamente responsáveis por eles. Muito obrigado pelos comentários, sugestões e puxões de orelha (e pelas recomendações para essa versão corrigida).

Nada disso teria sido possível se não fosse pelo querido amigo (*and older brother*), Prof. Marcello Marcelino. Não apenas você me iniciou no mundo científico, mas também se tornou uma das pessoas mais queridas em minha vida. Não há palavras para expressar minha gratidão por tudo que você já fez por mim. (Obrigado pela ajuda com alguns detalhes dessa última versão).

Sou grato aos professores do DL responsáveis pelas disciplinas que cursei e que tiveram um grande impacto em minha formação acadêmica: Jairo Nunes, Luciana Storto e Marcos Lopes.

Agradeço também aos membros suplentes da banca julgadora: Ana Müller, Luana Amaral e Maria Cristina Figueiredo Silva.

Agradeço aos meus colegas de linguística do LEAL e à Natalie Boll-Avetisyan, pelas conversas que me ajudaram nessa pesquisa.

A três pessoas muito queridas: Karin Vivanco, por toda a disposição em me ajudar desde o início; Camilla de Rezende, pela amizade, pelas risadas e também pelos momentos mais sérios; e Rodrigo Trevisan, também pela amizade, conversas e muitas risadas.

Aos queridíssimos amigos que, mesmo com a distância, jamais deixaram de me apoiar e manter contato: Carol Assumpção, Fabio Leandro, Ju Monteiro, Ivan Zago, Jana, Edu, Ju, tio Clis, Ane, Léo Nicolia, Sil Stein, Déia, Rodrigo Japa, Robson e Silvia Helena.

À Ir. Solange e todos do colégio Emilie de Villeneuve, por manterem as portas abertas sempre que precisei.

Agradeço também a todas as crianças que participaram do nosso experimento e o tornaram possível, assim como seus pais e responsáveis.

Aos meus companheiros de música e futebol, essenciais para minha saúde mental: Carlos Renato, Deco, Tiago From, Maluf, Tita e os amigos do Dragão F&C.

Aos queridos amigos Leandro e Ana Laura, pelo incentivo moral e pela ajuda com as figuras do experimento.

Aos “Seveninos”, que sem titubear contribuíram como puderam com essa pesquisa: Cris Harumi, Carina Guiname, Cintia Rodrigues, Beth Felix, Mauricio Shiroma, Patricia Arima, Vera Gherardini, Karen Tiemi e Sílvia Beraldo.

À Debora Schisler, por sempre me oferecer palavras de incentivo e apoio.

À tia Eunice, a primeira pessoa que me falou sobre linguística, antes mesmo de eu me matricular no curso de letras.

À tia Libânia, que, com muito carinho, me aguenta desde sempre.

Ao Luiz Felipe, por me ajudar sempre que precisei e ser um exemplo para mim. Obrigado, meu irmão.

Agradeço à minha família: meus pais, Reinaldo e Marina, minhas irmãs, Renata e Beatriz, e meu cunhado, Edney. Devo muito a vocês, pois sem seu apoio, jamais teria dado conta dessa empreitada. Espero que se orgulhem de mim.

Por fim, agradeço a duas pessoas que entraram em minha vida de maneira providencial: Luiza Rangel Gará e Juliana de Carvalho. Saibam que, quando estive mais próximo de desistir de tudo, vocês chegaram e me mostraram que tudo valeu a pena.

RESUMO

Esta dissertação investiga o comportamento linguístico de crianças brasileiras entre 4;0 e 6;11 anos de idade, acerca da produção de orações relativas de objeto direto e de objeto preposicionado. Segundo Friedmann, Belletti e Rizzi (2009), essa dificuldade existe devido ao traço [+NP] presente no sujeito da relativa e no núcleo relativizado. Para os autores, a gramática infantil computa o sujeito da relativa como um elemento interveniente que impede a relativização do objeto, resultando em uma violação semelhante à Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990). Por outro lado, estudos experimentais como o de Gennari e Macdonald (2008) indicam que essa dificuldade está ausente em relativas de objeto contendo um sujeito animado e um núcleo relativizado inanimado. Partindo desses estudos, desenvolvemos uma tarefa de produção eliciada com pares de figuras. Em nossos materiais, controlamos o traço de animacidade do sujeito da relativa e do núcleo relativizado, de modo a observar quais configurações de animacidade resultam em uma maior dificuldade para as relativas de objeto. Nossos resultados sugerem que as relativas de objeto direto mais difíceis contêm um sujeito inanimado. Isto ocorre uma vez que esta posição sintática é comumente preenchida por um argumento animado (Becker, 2014). O frequente uso de estratégias de esquiva nessas relativas indica que animacidade possui um papel determinante para facilitar ou dificultar a produção de relativas de objeto direto. No que diz respeito às relativas de objeto preposicionado, nossos resultados indicam que todas as configurações do traço de animacidade foram difíceis para nossos sujeitos de pesquisa, não sendo determinante a configuração de animacidade nessas relativas. Sugerimos que um conjunto de fatores pode estar envolvido para a dificuldade observada nessas construções: a ausência de relativas com *pied-piping* preposicional na fala dos adultos; a maior simplicidade derivacional em relativas preposicionadas com um resumptivo nulo ou pronunciado (Roeper (2003); Lessa de Oliveira (2008)); as relativas com *pied-piping* preposicional dependem de seu ensino formal (Corrêa (1998); Guasti e Cardinaletti (2003)).

PALAVRAS CHAVE: *orações relativas; animacidade; aquisição de linguagem; estudo experimental; português brasileiro infantil.*

ABSTRACT

This dissertation investigates the linguistic behavior of Brazilian children aged between 4;0 and 6;11, in relation to the production of direct object and prepositional object relative clauses. According to Friedmann, Belletti and Rizzi (2009), such difficulty arises due to the [+NP] feature present in the relative clause subject and the relativized head. To the authors, the child grammar takes the relative subject as an intervening element that hampers the relativization of the object, resulting in a violation resembling Relativized Minimality (Rizzi, 1990). On the other hand, experimental studies like Gennari and Macdonald (2008) indicate that such difficulty is absent in object relatives featuring an animate subject and an inanimate relativized head. Based on these studies, we designed an elicited production task with pairs of pictures. In our experimental material, we controlled the animacy feature in both the relative subject and the relativized head, so as to check which animacy configurations render the object relatives more difficult. Our results suggest that direct object relatives become more difficult when they feature an inanimate subject. That happens because the subject position is typically filled by an animate argument (Becker, 2014). The frequent use of avoidance strategies in these relatives indicates that animacy plays a determining role in facilitating or hindering the production of direct object relatives. Regarding the prepositional object relatives, our results indicate that all the animacy configurations were difficult for our research subjects, so that animacy does not play a determining role in the production of these relatives. We suggest that a number of things might be involved in the difficulty observed in these constructions: the absence of relatives featuring prepositional pied-piping in the speech of adults; the bigger derivational simplicity in prepositional relatives with a null or a pronounced resumptive (Roeper (2003); Lessa de Oliveira (2008)); relatives featuring prepositional pied-piping require formal learning (Corrêa (1998); Guasti e Cardinaletti (2003)).

KEY WORDS: *relative clauses; animacy; language acquisition; experimental study; child Brazilian Portuguese.*

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS, QUADROS E FIGURAS

Tabela 1: Porcentagem de respostas corretas e nº de crianças que se comportaram acima do nível de chance nos testes de compreensão de relativas em Friedmann et al. (2009: 76).....	69
Tabela 2: Número de relativas produzidas/total possível em cada grupo, por posição testada e grupo de sujeitos.	98
Tabela 3: Emprego de pronome/NP resumptivo em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto.....	103
Tabela 4: Número de relativas de objeto direto com lacuna.	104
Tabela 5: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto.....	105
Tabela 6: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado.....	107
Tabela 7: Emprego de pronome/NP resumptivo em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado.	109
Tabela 8: Número de relativas de objeto preposicionado com lacuna.....	110
Tabela 9: Uso de relativas de objeto direto e preposicionado com lacuna e resumptivos.	119
Tabela 10: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.	122
Tabela 11: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].	123
Tabela 12: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.	125
Tabela 13: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado].	126
Tabela 14: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.	128
Tabela 15: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado].	128
Tabela 16: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.	131
Tabela 17: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado].	132

Tabela 18: Frequência de uso de relativas de objeto direto, em todos os grupos e condições de animacidade testadas.....	133
Tabela 19: Frequência de uso de um outro verbo ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, em todas as condições testadas.	134
Tabela 20: Frequência de uso de resumptivos ao produzi uma relativa de objeto direto, em todas as condições testadas.....	135
Tabela 21: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.	140
Tabela 22: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].....	141
Tabela 23: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.....	143
Tabela 24: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado].....	144
Tabela 25: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.	146
Tabela 26: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado].....	146
Tabela 27: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.	149
Tabela 28: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado].....	150
Tabela 29: Frequência de uso de resumptivos ao produzir uma relativa de objeto preposicionado, em todas as condições testadas.....	152
Tabela 30: Frequência de uso de construções sem uma relativa para se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, em todas as condições testadas.	153
Gráfico 1: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto em cada grupo.....	102
Gráfico 2: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado.....	107
Gráfico 3: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].	121
Gráfico 4: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado].	124

Gráfico 5: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [–animado] e núcleo relativizado [+animado].	127
Gráfico 6: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [–animado] e núcleo relativizado [–animado].	130
Gráfico 7: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].	139
Gráfico 8: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [–animado].	142
Gráfico 9: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [–animado] e núcleo relativizado [+animado].	145
Gráfico 10: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [–animado] e núcleo relativizado [–animado].	148
Quadro 1: Resumo dos resultados experimentais acerca das construções relativas em Friedmann et al. (2009: 81).	71
Quadro 3: Proposta em Friedmann et al. (2009: 84)	72
Quadro 4: Resumo da proposta em Friedmann et al. (2009: 84) acerca dos tipos de intervenção em construções relativas nas gramáticas adulta e infantil.	73
Quadro 5: As condições de animacidade testadas no experimento.	94
Quadro 6: Exemplos dos materiais utilizados no experimento.	95
Quadro 7: Os diferentes tipos de relativas de sujeito – estratégias de esquiva.	99
Quadro 8: Tipos de relativas e as estratégias de relativização empregadas.	100
Figura 1: O menino sujou a bicicleta vs. O menino molhou a bicicleta.	94
Figura 2: A casa que o furacão destruiu.	98
Figura 3: A menina molhou o menino. vs. A menina sujou o menino.	120
Figura 4: A menina lambeu o sorvete. vs. A menina mordeu o sorvete.	123
Figura 5: O furacão derrubou a coruja. vs. O furacão levou a coruja.	126
Figura 6: A chuva derrubou o vaso. vs. A chuva molhou o vaso.	129
Figura 7: A menina colocou o chapéu no menino. vs. A menina tirou o chapéu do menino.	138
Figura 8: O menino colocou a corda na caixa. vs. O menino tirou a corda da caixa.	141
Figura 9: A onda trouxe a garrafa pro velho. Vs. A onda levou a garrafa do velho.	144
Figura 10: O vento trouxe o avião de papel pra mesa. vs. O vento levou o avião de papel da mesa.	147

SUMÁRIO

Capítulo 1: INTRODUÇÃO	1
Capítulo 2: A ESTRUTURA E A AQUISIÇÃO DAS ORAÇÕES RELATIVAS	10
2.1. Tipologia das orações relativas e as estratégias de relativização do PB.....	10
2.2. A estrutura das orações relativas.....	13
2.2.1. Chomsky (1977) e Kayne (1994).....	13
2.2.2. Kato e Nunes (2009).....	23
2.3.2. Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003)	43
2.3.3. Grolla (2000) e Lessa de Oliveira (2008)	49
2.4. O sujeito interveniente.....	67
2.5. O traço de animacidade nas orações relativas.....	82
Capítulo 3: ESTUDO EXPERIMENTAL	88
3.1. O experimento	90
3.2. Os informantes e os critérios de inclusão/exclusão.....	92
3.3. Os materiais	93
3.4. Classificação dos dados.....	96
3.5. Classificação dos resultados	97
3.6. Resultados	102
3.6.1. Eliciando as relativas de Objeto Direto	102
3.6.2. Eliciando as relativas de Objeto Preposicionado	106
3.6.3. Análise e discussão.....	111
3.6.4. Relativas de Objeto Direto e animacidade	120
3.6.5. Relativas de Objeto Preposicionado e animacidade	138
3.6.6. Análise e discussão.....	150
3.7. Síntese dos resultados.....	154
Capítulo 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
4.1. Síntese da dissertação	156
4.2. Algumas especulações sobre a aquisição das relativas em PB.....	159
4.3. Possíveis desdobramentos desta pesquisa	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
Anexo: Estímulos utilizados no experimento	173

Capítulo 1: INTRODUÇÃO

As construções envolvendo subordinação, de modo geral, são pertinentes para os estudos em gramática gerativa na medida em que seu debate abrange questões centrais para o desenvolvimento da teoria, como movimento de constituintes e recursividade. Uma teoria sobre linguagem adequada deve abarcar discussões acerca das propriedades de deslocamento de constituintes – a propriedade de certos elementos serem interpretados em posições diferentes em uma sentença –, além de assumir que não há um limite para o tamanho de uma sentença em uma língua.

Dentre as construções sintáticas envolvendo subordinação, diversos estudos dão às orações relativas uma atenção especial. Uma oração relativa é uma sentença encaixada que modifica um sintagma nominal (NP) na sentença subordinante. Em geral, é assumido que o elemento relativizado encontra-se em uma posição acima de um elemento-Qu ou de um complementizador. O paradigma (1) exemplifica a construção em foco em português brasileiro (PB), inglês, italiano, francês e hebraico, respectivamente; o elemento relativizado está grifado, enquanto o complementizador/elemento-Qu está em negrito.

1.

- a. Eu dirigi o carro **que** o menino lavou.

(Vivanco e Pires, 2011: 15)

- b. This is the woman **that/who** Grover talked to.

esta é a mulher que/quem Grover conversou para¹

(McDaniel et al., 1998: 320)

- c. L'homme **que** Jean a vu.

the-man that Jean has seen

o-homem que Jean AUX ver-PRT

(Guasti, 2002 : 229)

¹ As traduções das glosas para o PB neste trabalho são minhas.

- d. La bambina **che** la mamma sta baciando.

The child that the mother is kissing

a menina que a mãe está beijando

(Utzeri, 2007: 289)

- e. Tare li et ha-para she-menasheket et ha-tarnegolet.

show to-me ACC the-cow that-kisses ACC the-chicken

mostre para-mim ACC a-vaca que-beija ACC a-galinha

(Friedmann et al., 2009: 70)

Com base no trabalho de Tarallo (1983), em PB oral, a expressão *que* se faz presente independentemente da posição na qual o elemento relativizado é interpretado na sentença subordinada. O elemento relativizado pode ser interpretado em diferentes posições dentro da oração encaixada, sendo que, na maioria dos casos, esse elemento pode ser retomado por um pronome co-referente aberto na posição na qual ele é interpretado. Além disso, em geral, não se observa o uso de preposição precedendo *que* quando o elemento relativizado é interpretado como um PP na subordinada. Essa breve descrição é ilustrada no paradigma (2) abaixo:

2.

- a. O João tem uma amiga_i [que ____i/ela_i é muito atrapalhada]. (*Sujeito*)
- b. A Maria discutiu com o menino_i [que eu conheço ____i/ele_i]. (*Objeto Direto*)
- c. A Maria viu o menino_i [que eu discuti ____i/com ele_i]. (*Objeto Indireto*)
- d. O João viu a menina_i [que você deu o livro ____i/para ela_i]. (*Oblíquo*)
- e. O João abriu a gaveta_i [que eu guardo os livros ____i/nela_i]. (*Locativo*)
- f. A Maria viu o menino_i [que o livro ____i/dele_i ficou na sala]. (*Genitivo*)

Não apenas o PB, mas outras línguas também são capazes de relativizar elementos interpretados em diferentes posições sintáticas. De acordo com Keenan e Comrie (1977: 76–79), línguas como alemão, espanhol, francês, grego moderno,

hebraico, italiano, inglês e russo, entre tantas outras, seguem esse padrão². Até aqui, falamos sobre a estrutura das relativas. Abaixo, passamos para resultados de estudos sobre comportamentos de adultos e crianças com relação a essas estruturas.

Vários dos estudos sobre a compreensão e produção de relativas com adultos e crianças contrasta as duas construções cujos núcleos relativizados não são preposicionados, a saber as relativas de sujeito e as relativas de objeto direto (cf. (2a-b)). Há consenso entre os linguistas acerca desses estudos: (i) existe uma preferência pela produção de relativas de sujeito em detrimento das relativas de objeto (Belletti, 2008 e 2009; Belletti e Contemori, 2010; Guasti e Cardinaletti, 2003; Novogrodsky e Friedmann, 2006; Utzeri, 2007); (ii) as relativas de sujeito são compreendidas mais facilmente do que as relativas de objeto (Adani, 2008; Bentea et al., 2016; de Villiers et al., 1979; Friedmann et al. 2009; Guasti et al. 2012). Em outras palavras, esses estudos indicam que, em comparação à relativização de um núcleo na posição de sujeito, as crianças (principalmente as mais novas) têm dificuldade com relativas de objeto em tarefas de eliciação e de compreensão, mesmo quando há um contexto em que se espera a relativização do objeto. Por sua vez, os adultos mostram uma preferência pelo uso de relativas de sujeito, além de esperarem que um núcleo relativo seja referente a uma relativa de sujeito.

Estudos como o de Friedmann et al. (2009) propõem que essa dificuldade com as relativas de objeto está diretamente relacionada à semelhança estrutural entre o sujeito da subordinada e o núcleo relativizado. Isto é, quando o sujeito da subordinada e o núcleo relativizado contêm um NP pleno, como em “*o* [NP *político*] *que o* [NP *senador*] *acusou*”. Conforme veremos adiante, a semelhança estrutural entre esses dois elementos tornaria o sujeito da subordinada um elemento interveniente para o movimento do núcleo relativizado, nos moldes de uma versão mais rígida do Princípio de Minimalidade Relativizada (originalmente proposto por Rizzi, 1990). De acordo com a versão original desse princípio, em uma configuração

² Nem todas as línguas possuem diferentes posições sintáticas disponíveis para a relativização. Línguas como malgaxe, maori e tagalog, por exemplo, apenas permitem construções relativas de sujeito (Keenan e Comrie, 1977: 76-79). Para uma discussão sobre a acessibilidade de sintagmas nominais para relativização, cf. Keenan e Comrie (1977).

como (3) abaixo, X e Y não podem entrar em uma relação local, se Z é um candidato em potencial para essa relação.

3. X ... Z ... Y

Com base no Princípio de Minimalidade Relativizada é possível explicar por que, em PB, apenas os elementos-Qu em posição de sujeito são alçados em sentenças interrogativas contendo dois desses elementos. Nos exemplos abaixo, *quem* se refere a um sujeito e *o que* se refere a um objeto. Em (4a), é assumido que *quem* é alçado para uma posição mais alta na estrutura (para Spec CP), não havendo nenhum outro elemento-Qu entre a posição sintática onde *quem* se encontra e a posição de pouso (Z e X, respectivamente). No caso de (4b), o alçamento de *o que* (Y, em (3)) “cruza” a posição de sujeito (Z), que contém *quem*. Uma vez que *quem* e *o que* possuem o mesmo traço [+Q], (ambos são elementos-Qu nus), (4b) é bloqueado pelo princípio de Minimalidade Relativizada. Isto é, *quem* é um elemento interveniente para o alçamento de *o que*.

4.

- a. Quem fez o quê?
- b. *O que quem fez?

Na proposta de Friedmann et al. (2009), o traço [+NP], presente tanto no sujeito da subordinada quanto no núcleo relativizado, referentes a Z e Y, respectivamente, no esquema em (3) (enquanto X é a posição para onde o elemento em Y se move), é responsável pela dificuldade observada no comportamento infantil com relativas de objeto. Para os autores, as crianças interpretam o sujeito da subordinada como um candidato em potencial para a relativização. Por ter os mesmos traços do objeto e estar em uma posição mais próxima da posição de pouso do que o objeto, o sujeito da subordinada torna-se um elemento interveniente para o movimento do objeto, assim como em (4). Isso explicaria a preferência pela produção de relativas de sujeito e a dificuldade na compreensão de relativas de

objeto por crianças. Os exemplos abaixo ilustram essa ideia de “Minimalidade Relativizada Estendida”.

5.

- a. O elefante_i que o leão molhou _____i.

[+NP] [+NP]

- b. O elefante_i que _____i molhou o leão.

[+NP] [+NP]

Em (5a), o movimento do elemento relativizado (que contém o traço [+NP]) cruza um sujeito contendo o mesmo traço [+NP]. Essa configuração torna esse tipo de relativa mais difícil, uma vez que, para os autores, *o leão* é um elemento interveniente, i.e. *o leão* é um candidato em potencial para a relativização. Por sua vez, (5b) mostra uma relativa de sujeito, na qual não há qualquer tipo de elemento que possa intervir no movimento do item relativizado.

Os autores concluem que as crianças aderem a uma versão mais rígida do princípio de Minimalidade Relativizada. Nesta versão “estendida” do princípio de Minimalidade Relativizada, uma especificação distinta de traços do alvo e do elemento interveniente (*elefante* e *leão* em (5a), respectivamente) não é o suficiente para que a sentença não seja bloqueada. Nessa proposta, “Minimalidade Relativizada Estendida” requer que a especificação de traços desses elementos seja disjunta. De acordo com os autores:

“...the adult principle may be satisfied when the target has a featural specification which is globally distinct from the specification of the intervener in that the target’s specification properly includes the intervener’s specification, in a superset-subset relation [...] whereas the child principle is violated in this case as the stricter disjointness requirement is not met.”

(Friedman et al., 2009: 84)

Apesar do consenso sobre a dificuldade das relativas de objeto, alguns trabalhos experimentais mostram que essa dificuldade pode ser contornada ao se

manipular as características do sujeito da subordinada e do núcleo relativizado. Gennari e Macdonald (2007), por exemplo, manipulam o traço de animacidade desses dois elementos e concluem que essa manipulação pode facilitar ou dificultar a compreensão e produção dessas estruturas. Em seu experimento, as autoras testaram adultos falantes nativos de inglês em uma tarefa de leitura monitorada (compreensão) e uma tarefa de preenchimento de lacunas (produção), controlando o traço de animacidade dos argumentos envolvidos em seus estímulos. Seus materiais contavam com sentenças em que o sujeito da subordinada era animado e o núcleo relativizado (interpretado na posição de objeto da subordinada) era inanimado, e vice-versa. Foi constatado que relativas como (6a), abaixo, são mais facilmente entendidas e mais frequentemente produzidas do que relativas como (6b).

6.

- a. O **filme**_i que o **diretor** assistiu ___i.

[-animado] [+animado]

- b. O **diretor**_i que o **filme** agradou ___i.

[+animado] [-animado]

Para as autoras, o traço de animacidade fornece informação probabilística ao ouvinte, modulando a possibilidade de interpretações alternativas enquanto a sentença é produzida. Uma vez que nomes com o traço [+animado] geralmente recebem os papéis temáticos de agente ou experienciador, típicos da posição de sujeito, nomes com o traço [-animado] são comumente interpretados como o tema de um verbo. Com isso, ao se deparar com um nome e, logo em seguida, com um morfema relativo (um complementizador ou um elemento-Qu), interpretações alternativas são parcialmente ativadas pelo ouvinte/falante em função de sua frequência e plausibilidade. Ou seja, de acordo com esse estudo, as relativas de objeto são relacionadas com estruturas contendo um sujeito [+animado] e um objeto [-animado]. Consequentemente, estruturas em que há um sujeito [-animado] e um objeto [+animado] não são relacionadas com relativas de objeto.

Tendo como base a dificuldade na compreensão e na produção de relativas de objeto devido à similaridade de traços dos argumentos da sentença, e o fato de a manipulação do traço de animacidade dos argumentos poder facilitar a interpretação desse tipo de estrutura, nosso estudo pretende investigar o comportamento linguístico de crianças falantes nativas de PB acerca da produção de orações relativas de objeto, controlando os traços de animacidade dos argumentos envolvidos. Nos materiais utilizados, as variáveis controladas foram as idades dos informantes, os tipos de oração relativa (de objeto direto e de objeto preposicional) e o traço de animacidade dos argumentos envolvidos nas orações eliciadas. Conforme apresentaremos mais adiante, nossos materiais contemplam não apenas as configurações de animacidade utilizadas no experimento de Gennari e Macdonald (2007), mas também configurações em que os argumentos possuem traços de animacidade iguais.

Nossa proposta de trabalho é estudar o comportamento linguístico de crianças em fase de aquisição do PB, acerca da produção de relativas de objeto, manipulando o traço de animacidade dos núcleos nominais envolvidos na estrutura. Em nosso material experimental, utilizaremos orações relativas de objeto direto e preposicionado em que ambos o sujeito da subordinada e o núcleo relativizado possuem o traço [+NP] – configuração essa que, de acordo com Friedmann et al. (2009), é mais custosa para crianças. Além disso, nessas orações relativas, manipularemos o traço [$\pm$ animado] do sujeito da subordinada e do núcleo relativizado, de modo a testarmos se diferentes configurações podem facilitar a produção de relativas de objeto.

Isso posto, nossa hipótese de trabalho é a seguinte:

7.

a. Hipótese de trabalho:

O traço de animacidade de um NP e seu papel temático influenciam as estratégias utilizadas pelos falantes ao produzirem sentenças envolvendo relativas.

b. Hipótese nula:

O traço de animacidade de um NP e seu papel temático não influenciam as estratégias utilizadas pelos falantes ao produzirem sentenças envolvendo relativas.

Se verificarmos que nossa hipótese, (7a), está correta, nossos resultados estarão de acordo com outros estudos na área, que dizem que a configuração com sujeito [+animado] e um núcleo relativizado [-animado] é a mais produtiva em relação às relativas de objeto.

Além disso, se também verificarmos que as relativas envolvendo traços de animacidade iguais são tão problemáticas quanto relativas com um sujeito [-animado] e um núcleo relativizado [+animado], o traço de animacidade pode ser computado para fins de “Minimalidade Relativizada Estendida”, da mesma maneira que a simultaneidade do traço [$\pm$ NP] no sujeito da relativa e no objeto relativizado são computados em Friedmann et al. (2009), oferecendo suporte para essa proposta.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

8.

- a. Testar crianças de 4;0 a 6;11 de idade e adultos (de 20 anos de idade ou mais) de modo a observar as estratégias utilizadas ao se eliciar relativas de objeto direto e preposicionado;
- b. Verificar se a manipulação do traço [$\pm$ animado] dos núcleos nominais nos materiais do experimento resultam em uma preferência por determinada(s) estratégia(s);
- c. Comparar dados das crianças com os adultos para checar se, em todas as faixas etárias testadas, as crianças já apresentam comportamento adulto. Caso não apresentem, detectar em que idade isso acontece;
- d. Comparar os resultados colhidos nos experimentos deste estudo com dados obtidos por estudos anteriores disponíveis na literatura.

Com base nos resultados de estudos anteriores, lançamos as seguintes previsões:

9.

- a. As crianças utilizarão estratégias de esquiva a fim de evitar a relativização de um elemento em posição de objeto direto e preposicionado (Belletti, 2008 e 2009; Belletti e Contemori, 2010; Costa et al., 2014; Grolla e Augusto, 2016; Guasti e Cardinaletti, 2003; Labelle, 1990, 1996; Novogrodsky e Friedmann, 2006; Utzeri, 2007);
- b. O número de relativas de objeto direto apresentará uma variação de acordo com a manipulação do traço [$\pm$ animado] (Bentea et al., 2016; Gennari e Macdonald, 2007; Gennari et al., 2012; Mak et al., 2006);
- c. O número de relativas envolvendo o alçamento de preposição será (próximo de) zero (Labelle, 1990; Guasti e Cardinaletti, 2003; Tarallo, 1983);
- d. Os adultos produzirão mais orações relativas, seguindo a tarefa do experimento, enquanto que as crianças, principalmente as mais novas, não serão unânimes quanto ao uso de relativas em suas produções (Grolla e Augusto, 2016; Labelle, 1990; McKee et al. 1998).

No próximo capítulo da dissertação, apresentaremos a fundamentação teórica. Apresentaremos a tipologia das orações relativas do PB e as propostas de análises mais aceitas na literatura e que serão relevantes ao nosso estudo. Em seguida, discutiremos alguns trabalhos selecionados acerca da aquisição dessa estrutura, de modo a apoiar nossa argumentação nesses estudos.

O terceiro capítulo da dissertação diz respeito à metodologia experimental que foi adotada em nosso trabalho e aos dados coletados e sua classificação. Além de descrever o desenho do experimento, apresentaremos os materiais utilizados, e os critérios de seleção de informantes, os resultados obtidos e a discussão.

Finalmente, no último capítulo, apresentaremos nossas considerações finais.

Capítulo 2: A ESTRUTURA E A AQUISIÇÃO DAS ORAÇÕES RELATIVAS

De modo a fundamentar teoricamente nossa pesquisa, dedicaremos este capítulo para apresentarmos e discutirmos alguns trabalhos sobre a análise sintática das relativas e sobre sua aquisição.

Na seção 2.1, apresentaremos a tipologia das orações relativas e as estratégias de relativização do PB, com base no trabalho seminal de Tarallo (1983). Em seguida, na seção 2.2, discutiremos duas propostas de análise bastante influentes na literatura sobre relativização, a saber: a proposta do movimento de um elemento-Qu, ou de um operador nulo, para uma posição mais alta no sintagma relativo (Chomsky (1977)) e a análise de alçamento do constituinte relativizado (Kayne (1994)). Ato contínuo, na seção 2.3, apresentaremos como a proposta de análise de Kato e Nunes (2009) lida com as orações relativas do PB. Na seção 2.4, discutiremos alguns trabalhos sobre a aquisição das orações relativas.

2.1. Tipologia das orações relativas e as estratégias de relativização do PB

Conforme vimos na primeira parte, as orações relativas se caracterizam por apresentarem um núcleo que é interpretado tanto na oração matriz, quanto na oração subordinada. Para refinarmos a descrição da estrutura em foco neste trabalho, se faz necessário encontrar outras propriedades capazes de distinguir as orações relativas de outras construções. Conforme aponta De Vries (2002: 14), duas dessas propriedades são:

1.
 - a. Uma oração relativa é uma sentença subordinada;
 - b. Uma oração relativa é ligada a uma sentença matriz por meio de um núcleo.

Ao mesmo tempo em que essas propriedades restringem as possibilidades do que pode ser uma oração relativa, elas permitem variações encontradas em

diferentes línguas. Essa variação entre línguas, somada às diferentes classificações dessas estruturas, resulta em diferentes estudos sobre relativização, abordando algumas dessas características. Por exemplo, Vivanco (2014) analisa as orações relativas da língua Karitiana com base na posição do núcleo relativizado. Por meio de um estudo experimental, a autora analisa as relativas de núcleo interno e relativas de núcleo externo, ambas presentes na língua.

Aqui descreveremos apenas os tipos de relativas disponíveis no PB, com base nas posições relativizáveis na língua e os diferentes tipos de estratégias de relativização.

Como visto no paradigma em (2) do capítulo anterior, repetidos no paradigma em (2a-d) abaixo, o PB permite a relativização de elementos interpretados em diferentes posições sintáticas na oração subordinada e essas posições podem ser ocupadas ou não por um elemento resumptivo correferente ao elemento relativizado. Além das relativas apresentadas na introdução, o PB permite que algumas relativas contenham uma preposição, que é utilizada antes de “que” ou “quem” (nos casos em que o item relativizado contém o traço [+humano]). As contrapartes preposicionadas de (2a-c), são (2a’-c’), respectivamente. Quanto às relativas genitivas, exemplo (2d) acima, observamos o uso do pronome relativo “cujo”/“cuja” no lugar de “que” (cf. 2d’). Todas essas relativas são encontradas apenas em registros mais formais ou na escrita, compondo o que é referido na literatura como estratégia padrão.

2.

- a. A Maria viu o menino_i [que eu discuti ____i/com ele_i]. (*Objeto Indireto*)
- a’. A Maria viu o menino_i [com quem eu discuti ____i].
- b. O João viu a menina_i [que você deu o livro ____i/para ela_i]. (*Oblíquo*)
- b’. O João viu a menina_i [para quem você deu o livro ____i].
- c. O João abriu a gaveta_i [que eu guardo os livros ____i/nela_i]. (*Locativo*)
- c’. O João abriu a gaveta_i [em que/onde eu guardo os livros ____i].
- d. A Maria viu o menino_i [que o livro ____i/dele_i ficou na sala]. (*Genitivo*)
- d’. A Maria viu o menino_i [cujo livro ____i ficou na sala].

Com relação às relativas com resumptivos, um dos primeiros estudos sobre o uso de construções relativas diferentes das construções descritas na gramática tradicional foi o de Tarallo (1983). Nesse estudo, o autor identifica duas estratégias de relativização utilizadas em PB, diferentes da estratégia padrão ilustrada acima: a estratégia resumptiva, que envolve o uso de um elemento resumptivo, e a estratégia cortadora, na qual não há uma preposição identificável quando o elemento relativizado é interpretado como um sintagma preposicional na subordinada. Partindo desta classificação, temos as seguintes estratégias de relativização em PB.

3. Estratégia padrão (com uma lacuna³ na posição relativizada)

- a. ...a menina_i [que ____i trabalhou comigo]. (*Sujeito*)
- b. ...o menino_i [que eu conheço ____i]. (*Objeto Direto*)
- c. ...o pessoa_i [com quem eu discuti ____i]. (*Objeto Indireto*)
- d. ...a moça_i [para quem você deu o livro ____i]. (*Oblíquo*)
- e. ...a gaveta_i [em que eu guardei os livros ____i]. (*Locativo*)
- f. ...o aluno_i [cujo livro ____i ficou na sala]. (*Genitivo*)

4. Estratégia resumptiva⁴

- a. ...uma menina_i [que ela_i é muito atrapalhada]. (*Sujeito*)
- b. ...o menino_i [que eu conheço ele_i]. (*Objeto Direto*)
- c. ...a pessoa_i [que eu discuti com ela_i]. (*Objeto Indireto*)
- d. ...a moça_i [que você deu o livro para ela_i]. (*Oblíquo*)
- e. ...a gaveta_i [que eu guardei os livros nela_i]. (*Locativo*)
- f. ...o aluno_i [que o livro dele_i ficou na sala]. (*Genitivo*)

³ Entendemos como lacuna uma posição sintática fonologicamente nula, i.e. uma categoria vazia. Ao longo do texto, utilizaremos vestígios de movimento e/ou pronomes resumptivos nulos para identificar cada categoria vazia de acordo com a análise relevante à pesquisa.

⁴ A princípio, todos os tipos de relativas parecem aceitar, em PB, um elemento resumptivo na posição em que o núcleo relativizado é interpretado. No entanto, as relativas de sujeito apenas aceitam um resumptivo quando o núcleo relativizado é precedido por um artigo indefinido. Se precedido por um artigo definido, a relativa é inaceitável, como em (ii), que, comparada à versão padrão (iii), é bastante degradada.

(i) Eu conheço uma menina_i [que ela_i é muito atrapalhada].

(ii) *Eu conheço a menina_i [que ela_i é muito atrapalhada].

(iii) Eu conheço a menina [que ___ é muito atrapalhada.]

Apesar de o contraste acima ser bastante interessante, não estenderemos a discussão para abordar esse fato sobre as relativas do PB, pois ele foge ao escopo de nosso trabalho.

5. Estratégia cortadora⁵

- a. ...a pessoa_i [que eu discuti _____i]. (*Objeto Indireto*)
- b. ...a moça_i [que você deu o livro _____i]. (*Oblíquo*)
- c. ...a gaveta_i [que eu guardei os livros _____i]. (*Locativo*)
- d. ...o aluno_i [que o livro _____i ficou na sala]. (*Genitivo*)

2.2. A estrutura das orações relativas

Como dito no início desta dissertação, as orações relativas representam um tema muito produtivo para os estudos gerativistas. Como consequência, existem numerosas propostas de análise para as orações relativas presentes nas línguas do mundo. Em um primeiro momento, restringiremos nossa apresentação a duas delas: a análise tradicional, de Chomsky (1977) e a análise de alçamento, de Kayne (1994), já que uma apresentação exaustiva das análises encontradas na literatura foge ao escopo desse trabalho. Em seguida, apresentaremos a proposta de Kato e Nunes (2009), em que os autores visam a unificar a análise das orações relativas do PB com base na análise de alçamento. As análises discutidas abaixo foram escolhidas dada a sua influência na literatura e a sua pertinência para esse trabalho.

2.2.1. Chomsky (1977) e Kayne (1994)

Em busca de uma análise que pudesse reduzir o aparato gramatical para a descrição do inglês e, conseqüentemente, limitar a classe de possíveis regras gramaticais, reduzindo assim a complexidade da teoria gramatical, Chomsky (1977) propõe que as orações relativas envolvem movimento-A', assim como as interrogativas-Qu.

"I will assume [...] that wh-movement is what underlies restrictive and nonrestrictive relatives and direct and indirect questions."

(Chomsky, 1977: 87)

⁵ Seguindo Tarallo (1983), assumiremos que a estratégia cortadora se refere às relativas cujos verbos pedem uma preposição, que está ausente nas relativas. As contrapartes preposicionadas de (5a-d) são as relativas (4c-f).

A proposta de Chomsky que relaciona as interrogativas-Qu com orações relativas, também conhecida como análise tradicional⁶, foi a mais difundida durante anos. Chomsky observa que as orações relativas são sensíveis às mesmas restrições de movimento que as interrogativas-Qu. Com isso, o autor relaciona algumas características gerais assumidas nas interrogativas-Qu em inglês às construções relativas. São elas:

6.

- a. O movimento-Qu deixa um vestígio na posição onde ele é interpretado;
- b. O movimento-Qu é cíclico-sucessivo;
- c. O movimento-Qu é sujeito ao *Complex NP Constraint*;
- d. O movimento-Qu é sujeito a restrições de ilha.

(Adaptado de Chomsky, 1977: 86)

As interrogativas e suas contrapartes relativas em (7) exemplificam as características elencadas em (6), respectivamente.

7.

- a. **Quem_i** que você viu **t_i** ontem?
- a'. a pessoa_i [**que_i** eu vi **t_i** ontem]
- b. **Quem_i** que você acha [**t_i** que o João disse [**t_i** que a Maria beijou **t_i**]] ?
- b'. a pessoa_i [**que_i** eu acho [**t_i** que o João disse [**t_i** que a Maria beijou **t_i**]]]
- c. ***Quem_i** que você ouviu [o rumor [que a Maria beijou **t_i**]] ?
- c'. *a pessoa_i [**que_i** eu ouvi [o rumor [que a Maria beijou **t_i**]]]
- d. *Com **quem_i** que você imagina [**quem_k** que **t_k** conversou **t_i**] ?
- d'. *a pessoa_i [com **quem_i** tem uma menina_k [**que_k** o João viu **t_k t_i**]]

⁶ Kenedy (2002:12) comenta que esse modelo de Chomsky (1977) se consolidou e se tornou uma referência básica durante os anos 80, estando presente na maioria dos trabalhos sobre orações relativas no contexto da teoria de Princípios e Parâmetros, além de ser tendência majoritária nas pesquisas de base no Programa Minimalista. Por ser uma abordagem dominante nos estudos em linguística teórica, esse tipo de análise é denominado *modelo tradicional*.

A proposta em Chomsky (1977) é analisar as orações relativas com base no movimento de um elemento-Qu para COMP, a posição mais próxima ao núcleo relativizado. Muitos trabalhos se basearam nessa proposta, mantendo a ideia de que há movimento-Qu para uma posição mais alta na sentença e se adequando aos refinamentos e atualizações em teoria sintática. De Vries (2002), por exemplo, apresenta a análise tradicional para as orações relativas com base no movimento de um pronome relativo, ou um operador nulo (em relativas com *that*), para Spec de CP⁷. Consequentemente, o núcleo nominal imediatamente externo à oração relativa é gerado na base, resultando nas estruturas em (8) (referentes a (7a'-d')).

8.

- a. a pessoa que eu vi ontem

[_{NP} [_D a] [_{N'} [_N pessoa]_i [_{CP} **OP**_i que eu vi **t**_i ontem]]]

- b. a pessoa que eu acho que o João disse que a Maria beijou

[_{NP} [_D a] [_{N'} [_N pessoa]_i [_{CP} **OP**_i que eu acho [_{CP} **t**_i que o João disse [_{CP} **t**_i que a Maria beijou **t**_i]]]]]

- c. *a pessoa que eu ouvi o boato que a Maria beijou

[_{NP} [_D a] [_{N'} [_N pessoa]_i [_{CP} **OP**_i que eu ouvi [_{NP} o rumor [_{CP} **t**_i que a Maria beijou **t**_i]]]]]

- d. *a pessoa com quem tem uma menina que o João viu

[_{NP} [_D a] [_{N'} [_N pessoa]_i [_{CP} com **quem**_i tem **uma menina**_k [_{CP} **OP**_k que o João viu **t**_k **t**_i]]]]]

(Adaptado de De Vries, 2002: 84)

De acordo com essa análise, a interpretação do pronome relativo, ou do operador nulo, é possível graças a uma regra de predicação que coindexa o núcleo relativizado ao pronome relativo. A oração relativa é vista como uma proposição aberta que é saturada pelo referente do nome que antecede a subordinada. Desta forma, por não possuir uma referência independente, o pronome relativo recebe

⁷ As relativas contendo o complementizador *that* teriam a seguinte estrutura (adaptada de De Vries, 2002: 84):

(i) the guy that I met yesterday
[_{NP} [_D the] [_{N'} [_N guy]_i [_{CP} **OP**_i that I met **t**_i yesterday]]]

O movimento do operador nulo OP para Spec CP garantiria a coindexação necessária para a saturação da proposição aberta, representada pela oração relativa. Chomsky defende que essa construção envolvendo o operador nulo OP não violaria o Filtro do Comp Duplamente Preenchido, uma vez que apenas o complementizador *that* seria pronunciado na oração.

uma interpretação “anafórica”. Além disso, nessa proposta, a oração relativa é tida como adjunto de N, que por sua vez é gerado fora da oração relativa.

“The rule of interpretation for relatives requires that the relative be taken as an open sentence satisfied by the entity referred to by the NP in which it appears; hence there must be an NP in the relative that is interpreted as having no independent reference – i.e. a pronoun with the appropriate inflections that can be given the “anaphoric” interpretation.”

(Chomsky, 1977: 81)

No entanto, alguns dados sugerem que o núcleo relativizado é, na realidade, gerado dentro da oração subordinada e, em seguida, alçado para uma posição mais alta. Construções relativas com o uso de anáforas, que, de acordo com o Princípio A da teoria de ligação (Chomsky, 1981), devem ser c-comandadas por um referente, servem como evidência a favor de uma análise de movimento do item relativizado.

9.

- a. John_i painted a flattering portrait of himself_i.
- b. *Himself_i painted a flattering portrait of John_i.
- c. The portrait of himself_i that John_i painted is extremely flattering.
- d. *The portrait of John_i that himself_i/he_i painted is extremely flattering.

(Schachter, 1973: 32)

10.

- a. [John and Mary]_i showed a fleeting interest in [each other]_i.
- b. *[Each other]_i showed a fleeting interest in [John and Mary]_i.
- c. The interest in [each other]_i that [John and Mary]_i showed was fleeting.
- d. *The interest in [John and Mary]_i that [each other]_i showed was fleeting.

(Schachter, 1973: 32)

Nos exemplos (9a), a anáfora *himself* deve ser c-comandada por *John*, seu antecedente. O contrário (9b) resulta em uma sentença agramatical. Por sua vez, vemos em (9c) que a expressão anafórica pode aparecer antes de seu antecedente

em uma construção relativa, sugerindo que houve alçamento do constituinte para uma posição mais alta na derivação, a partir da posição de objeto de *paint*. A agramaticalidade de (9d) pode ser explicada com base no movimento de *John* de dentro da oração relativa, posição esta que é c-comandada por *himself*.

O paradigma em (10) mostra a mesma relação. O constituinte *John and Mary* deve c-comandar a expressão *each other* (cf. (10a-b)). A gramaticalidade de (10c) e a agramaticalidade de (10d) podem ser explicadas com base no alçamento do elemento relativizado. No primeiro caso, *John and Mary* c-comanda *each other* antes de ser alçado para a posição de pouso. O mesmo não acontece no segundo caso. *Each other* c-comanda *John and Mary* antes de seu alçamento, resultando em uma sentença agramatical.

Também podemos encontrar evidências envolvendo o Princípio C da teoria de ligação (Chomsky 1981), que implica a agramaticalidade de sentenças em que expressões referenciais são c-comandadas por um pronome.⁸

11.

- a. John_i thinks that Mary has an unfavorable opinion of him_i.
- b. *He_i thinks that Mary has an unfavorable opinion of John_i.
- c. The opinion of him_i that John_i thinks that Mary has is unfavorable.
- d. *The opinion of John_i that he_i thinks that Mary has is unfavorable.

(Schachter, 1973: 32)

Vemos em (11a) que o pronome pode estar ligado a *John*, mas em (11b) vemos que a expressão referencial *John* não pode ter *he* como um antecedente que o ligue. O contraste entre (11c) e (11d) pode ser explicado se assumirmos que há alçamento do NP relativizado. Em (11c), *opinion of him* é c-comandado por *John*

⁸ Sauerland (2000) analisa as relativas do inglês e propõe que relativas como (i), que não apresentam efeitos de Condição C, não são derivadas por alçamento. Para o autor, o núcleo relativizado e a posição interna à oração relativa (onde o núcleo é interpretado) são relacionados por meio de elipse. Desta forma, além de lidar com a aceitabilidade de (i), a proposta também prevê efeitos de *crossover*, como em (ii).

(i) Pictures of John_i which he_i displays prominently are likely to be attractive ones.

(ii) *Pictures of anyone_i which he_i displays prominently are likely to be attractive ones.

Para mais detalhes sobre a proposta, cf. Sauerland (2000).

antes de seu alçamento para a posição relativizada. Em (11d), o NP *opinion of John* ocupa uma posição c-comandada pelo pronome *he*, resultando no contraste observado acima.

A versão mais difundida da análise de alçamento foi proposta por Kayne (1994). Partindo do trabalho de Vergnaud (1974), Kayne propõe que o constituinte relativizado é gerado dentro da oração relativa e nucleado por um pronome relativo, ocupando a posição D⁰. Após o alçamento deste constituinte para Spec CP, o núcleo nominal é adjungido ao DP. Em seguida, o CP relativo se concatena a um D externo, formando a oração relativa. Os exemplos e suas estruturas em (12) ilustram as construções com um pronome-Qu relativo em inglês.

12.

a. the picture which Bill saw

the [CP[DP picture_i [DP which t_i]]]_k [C⁰ [Bill saw [t_k]]]]

b. the hammer with which he broke it

the [CP[PP hammer_i [PP with which t_i]]]_k [C⁰ [he broke it [t_k]]]]

c. the person who Bill saw

the [CP[DP person_i [DP who t_i]]]_k [C⁰ [Bill saw t_k]]]]

(Adaptado de Kayne, 1994: 88-90)

Os passos em (12a) são os seguintes: o constituinte *which picture* é alçado para Spec CP. Posteriormente, o núcleo nominal *picture* se adjunge ao DP e, finalmente, há concatenação do determinante externo *the* ao CP relativo. O mesmo ocorre com (12b), uma relativa preposicionada: após o alçamento do PP *with which hammer* para Spec CP, o núcleo nominal *hammer* é adjungido ao PP e há, por fim, a concatenação do determinante externo *the*.

Como vemos, a derivação de (12c) segue os mesmos passos de (12a), com o DP *who person* se movendo para Spec CP e depois a adjunção de *person* ao DP. No entanto, é possível se perguntar sobre a formação do constituinte *who person*, que em inglês é agramatical. Em nota, Kayne (1994: 154) segue uma sugestão de Giuliana Giusti, na qual *who* pode ser tomado como uma forma de *which* que aparece sob concordância de Spec-núcleo com um traço [+humano]: [man_i [who t_i]].

Com relação às relativas com *that* em inglês, Kayne propõe que há alçamento do constituinte relativizado para Spec CP, como em (13) abaixo.

13. the picture that Bill saw

the [[_{NP} picture_i] [that [Bill saw [t_i]]]]

(Adaptado de Kayne, 1994: 87)

Diferentemente das relativas em (12), em Kayne (1994), as relativas com o complementizador *that* envolvem apenas o alçamento do elemento relativizado para Spec CP. O problema aqui é similar ao que vimos em (12c): *saw picture* não é um VP bem formado em inglês, i.e. eles não formam um constituinte gramatical. Para contornar esse problema, Bianchi (1999), que também diferencia as relativas com *that* das relativas com um elemento-Qu⁹, propõe que o constituinte relativizado é nucleado por um determinante D_{rel} em relativas com *that*, para em seguida ser licenciado via incorporação ao determinante externo. Dentro dessa proposta, a estrutura sintática de uma relativa com *that* seria (14).

14. the book that I read

[_{DP} D_{rel} + the [_{CP} [_{DP} t_{Drel} [_{DP} book]]_i [_{CP} that I read t_i]]]

(Bianchi, 1999: 171)

No que diz respeito ao determinante que precede o CP relativo, a proposta de Kayne (1994) explora o seguinte contraste.

⁹ A análise proposta para as relativas com um elemento-Qu de Bianchi (1999) difere da análise de Kayne (1994), entre outros pontos, no que diz respeito à posição ocupada pelo constituinte relativizado. Com Rizzi (1997), Bianchi assume que CP possui diversas camadas e explica que o fato de o inglês dispor de relativas com um elemento-Qu e relativas com um complementizador está relacionado à disponibilidade de algumas dessas camadas. Para explicar o fato de que certas línguas, como o italiano, o espanhol e o francês, apenas dispõem de relativas com um elemento-Qu em relativas preposicionadas, a autora propõe que há uma marcação paramétrica relacionada. Algumas línguas (e.g. o inglês) possuem um sistema em que Top^oP pode hospedar um constituinte relativizado, enquanto que em outras línguas (e.g. línguas românicas) Top^oP não possui essa característica.

15.

- a. I have two pictures of John's.
- b. *I have the two pictures of John's.
- c. I found the two pictures of John's that you lent me.

(Adaptado de Kayne, 1994: 85-86)

Nos exemplos acima, vemos que *two pictures of John's* não pode ser precedido pelo determinante *the* ((15a) vs. (15b)), a menos que *two pictures of John's* esteja envolvido em uma construção relativa, como em (15c).

Tendo em mente o contraste entre os dois primeiros exemplos, Kayne argumenta que *the two pictures of John's* não forma um constituinte em (15c) e que, nas construções possessivas em inglês, há um D⁰ fonologicamente nulo, cuja função é licenciar o Caso de *John*; i.e. 's. Nessa análise, o constituinte *two pictures* se move para Spec DP, no passo em que a preposição *of* é inserida em D⁰ (cf. (16b)). Desta forma, D⁰ pode licenciar o Caso de *John*, salvando a estrutura. Ou seja, as construções envolvendo possessivos, como em (15a), teriam uma derivação como (16) abaixo.

16.

- a. D⁰ [John ['s [two pictures]]]
- b. [two pictures]_i [[D of [John ['s [t_i]]]]]

(Adaptado de Kayne, 1994: 85-86)

A inserção do determinante em (15b) resulta em uma sentença agramatical pois *the* não seleciona um complemento DP, nem é gerado em uma posição mais baixa que 's; i.e. o complemento de 's não pode ser um DP. Kayne diz que a gramaticalidade de (15c) pode ser explicada se as orações relativas forem analisadas como complementos de um determinante. Ou seja, indo de encontro à análise de Chomsky (1977), em que as relativas seriam um possível complemento de N, Kayne (1994) analisa as orações relativas como complementos de D: [DP D⁰ CP].

- 17. I found the [CP [two pictures of John's]_i that you lent t_i me].

(Adaptado de Kayne, 1994: 86)

Essa análise propõe que a estrutura de uma relativa como *the picture that Bill saw* deve ser como em (15); o NP relativizado é alçado para Spec CP, que por sua vez é nucleado pelo complementizador *that*.

18. the $[[_{NP} \text{ picture}]_i [\text{that } [\text{Bill saw } [t_i]]]]$.

(Adaptado de Kayne, 1994: 87)

Partindo dessa formulação, é possível analisar a ambiguidade em (19) abaixo com base no antecedente do reflexivo. Considerando que *himself* é gerado em uma posição na qual é c-comandado por Bill (dentro da oração relativa), após *the picture of himself* ser alçado para Spec CP, o reflexivo pode se referir tanto a *John* quanto a *Bill*.

19. John_i bought the $[[\text{picture of himself}]_{i/k} [\text{that } [\text{Bill}_k \text{ saw } [t_i]]]]$.

(Adaptado de Kayne, 1994: 87)

O problema com essa análise é que *saw picture* e *saw picture of himself*, em (15) e (16), respectivamente, não formam constituintes gramaticais em inglês, sendo necessário a inserção do determinante *the* para eles serem bem formados. No entanto, isso geraria relativas agramaticais, como **the the picture that...* e **the the picture of himself that...* Para contornar esse problema, Bianchi (1999) propõe que o constituinte relativizado possui um determinante D_{rel} em relativas como (28a) abaixo, que em seguida é licenciado via incorporação ao determinante externo. Dentro dessa proposta, a estrutura sintática de (20a) seria (20b).

20.

- a. the book that I read

- b. $[_{DP} D_{rel} + \text{the } [_{CP} [_{DP} t_{Drel} [_{NP} \text{ book}]]_i [\text{CP that I read } t_i]]]$

(Bianchi, 1999: 171)

É possível encontrarmos argumentos empíricos que sustentam a ideia de que o determinante se encontra em uma posição externa ao CP relativo. A relativização

envolvendo expressões idiomáticas nos dão uma evidência a favor da análise de alçamento com um determinante externo. Observemos o paradigma abaixo.

21.

- a. We made (*the) headway.
- b. *(The) headway was satisfactory.
- c. The headway that we made was satisfactory.

(Adaptado de Schachter, 1973: 31)

Comparando as sentenças em (21a) e (21b), vemos que o nome *headway* ocupa a posição de objeto de *make*, na expressão idiomática *make headway*. O uso de um determinante como *the* imediatamente antecedendo *headway* torna essa expressão inaceitável, enquanto que, em (21b), vemos que *the* deve preceder *headway* quando este não está sendo usado em uma expressão idiomática. Ao relativizar o objeto de *make headway*, sentença (21c), notamos a presença de *the* antes de *headway*. Isso pode ser interpretado como um indício de que houve alçamento do objeto da expressão idiomática, uma vez que '*the headway*' não poderia ter sido gerado como objeto de *make* na expressão idiomática, como visto que é impossível em (21a).

A análise de alçamento de Kayne, com a modificação proposta em Bianchi (1999), claramente possui vantagens em relação à análise tradicional. Como vimos acima, uma análise invocando o movimento do constituinte relativizado é adequada para lidar com argumentos empíricos envolvendo o Princípio A e o Princípio C (cf. (9), (10) e (11)). Além disso, diferentemente da análise tradicional, não é necessário estipular uma regra de predicação ligando o operador na relativa ao DP na sentença matriz, uma vez que o DP relativo foi gerado dentro da oração relativa e se moveu para uma posição mais alta. Também vemos que a análise de alçamento não estipula a existência de um operador nulo em relativas com um complementizador.

Portanto, não assumiremos que as orações relativas são derivadas a partir do movimento de um elemento-Qu, ou um operador nulo, para Spec de CP. Neste trabalho, vamos explorar a análise de alçamento, que envolve movimento do constituinte relativizado, partindo de dentro da subordinada.

Os argumentos apresentados em favor dessa análise foram majoritariamente feitos com base em inglês, o que nos leva a perguntar se essa mesma análise poderia ser aplicada à análise das orações relativas do PB.¹⁰ Na seção seguinte, retomaremos as estratégias de relativização do PB, apresentadas nos paradigmas (3-5) acima, e exploraremos com mais detalhes a proposta de Kato e Nunes (2009), que sugerem uma análise unificada para os diferentes tipos de relativas encontradas no PB, com base no modelo de alçamento.

2.2.2. Kato e Nunes (2009)

Conforme vimos na seção 2.1, as orações relativas do PB podem ser classificadas em três diferentes estratégias: a estratégia padrão, a estratégia resumptiva e a estratégia cortadora (paradigmas em (3), (4) e (5) acima, respectivamente). Em todas essas estratégias, atestamos o uso quase que invariável de *que* como um morfema relativo. Tal fato nos leva a perguntar sobre a natureza do *que* relativo.

Comparando a sentença (22a) em inglês com (22b) em PB, poderíamos dizer que o morfema relativo se comporta como o complementizador *that* em inglês, com a estrutura (simplificada) em (22c).

22.

- a. the book that I bought
- b. o livro que eu comprei
- c. [DP D_{ext} [CP NP_{rel} [CP comp [IP ...]]]]

Kenedy (2002) aponta para o fato de o *que* relativo possuir características que o difere de outros operadores relativos (presentes em registros mais formais, por exemplo), como *quem*, *onde*, *o/a qual*, *os/as* quais, *cujo(a-s)*, etc. De acordo com o autor:

¹⁰ Kayne (1994) utiliza também alguns exemplos do francês, romeno e italiano.

“...que não manifesta marcas de gênero, número ou caso...”

(Kenedy, 2002: 83)

Kenedy argumenta a favor de uma análise do *que* como complementizador apontando uma diferença entre as orações relativas e as interrogativas-Qu, a saber, a impossibilidade de ocorrência de dois “*ques*” nas relativas. De fato, enquanto que as interrogativas (23a) e (23c) são perfeitas, as suas contrapartes relativas em (23b) e (23d) são impossíveis em PB.

23.

- a. O **que** **que** você viu?
- b. *a coisa **que que** você viu
- c. Que livro **que** você leu?
- d. *o livro **que que** você leu

(Kenedy, 2002: 84)

De acordo com o autor, a ocorrência de dois “*ques*” é possível em (23a) e (23c) uma vez que o primeiro *que* é derivado como um pronome interrogativo, enquanto que o segundo *que* é um complementizador. Em outras palavras, o pronome interrogativo ocupa Spec CP, enquanto que o complementizador aparece em C⁰. Ao assumir que nas relativas o *que* é um complementizador, o elemento relativizado é alçado para Spec CP, não havendo uma posição a mais para o segundo *que*. Portanto, Kenedy (2002) assume que as orações relativas do PB apresentam um complementizador *que* aberto.

No entanto, ao analisarmos o paradigma em (24), vemos que o *que* nas relativas em PB não se comporta exatamente como o complementizador *that* em inglês.

24.

- a. o martelo **que** eu usei
- b. the hammer **that** I used
- c. o martelo **com que** eu consertei isso
- d. *the hammer **with that** I fixed that

Aparentemente, (24a-b) se comportam de maneira idêntica, sugerindo que *que* e *that* pertencem, na realidade, à mesma classe gramatical, i.e. ambos são complementizadores. Entretanto, (24c-d) nos mostram que, enquanto o *que* relativo do PB pode ser imediatamente precedido por uma preposição, o *that* relativo se comporta de maneira oposta. De fato, (24c) poderia ser parafraseado apenas com a substituição do *que* relativo pelo pronome relativo *o qual* (o martelo com o qual eu consertei isso), sugerindo que o *que* relativo, em PB, é um pronome relativo.¹¹ Esse é um dos motivos que guiam a proposta de Kato (1993), revista em Kato e Nunes (2009), que sugerem uma análise unificada para todos os tipos de relativas do PB.

De fato, uma análise unificada é mais atraente do ponto de vista teórico, uma vez que ela abre a possibilidade de redução do aparato teórico, abordando as diferentes estratégias de relativização sob um tipo de derivação.

A análise proposta está de acordo com a derivação de relativas-Qu à la Kayne (1994), envolvendo alçamento do DP relativo ([_{DP} Wh [_{NP}]]) para uma posição mais alta em CP, que por sua vez é nucleado por um C nulo. Desta forma, as estruturas sintáticas de (24a) e (24c) seriam (25a) e (25b), respectivamente.

25.

- a. o [_{CP} [_{DP} *martelo*_i [_{DP} *que* *t_i*]_k] [C [_{IP} eu usei *t_k*]]]
- b. o [_{CP} [_{PP} *martelo*_i [_{PP} com [_{DP} *t_i* [_{DP} *que* *t_i*]]]_k] [C [_{IP} eu consertei *t_k*isso]]]

Na análise unificada das relativas em Kato e Nunes (2009), as orações relativas do PB envolvem um determinante relativo, homófono com o complementizador declarativo e o determinante-Qu interrogativo do PB. Os autores comparam o uso dos determinantes demonstrativos *este* e *esta* com o *que* relativo como evidência para essa proposta. Em (26a-b), os demonstrativos *este* e *esta*, como todos os demonstrativos em PB, precedem seus complementos nominais. Já em

¹¹ As relativas com *pied-piping* preposicional não são comuns em PB oral (Tarallo, 1983). Construções como as exemplificadas em (i-iii), abaixo, parecem ser mais marginais na língua reforçando a ideia de que o *que* relativo não ocupa o núcleo de CP, mas aparece como um pronome relativo.

- (i) ?a professora com quem que meus pais falaram ontem
- (ii) *o menino para quem que eu dei o livro
- (iii) *a caneta com a qual que a minha mãe assinou o cheque

(26c-d), vemos que esses mesmos demonstrativos se comportam de maneira semelhante a um determinante relativo na medida em que eles não podem preceder seus complementos nominais. Isto é, eles se comportam como um determinante relativo, dotado de um traço [+N] forte e desencadeando movimento do núcleo nominal (algo que não acontece com os determinantes-Qu interrogativos).

26.

- a. Ele comprou **este livro**/***livro este**.
- b. Ele comprou **esta revista**/***revista esta**.
- c. Ele sempre cita um livro, **livro este**/***este livro** que na verdade não existe.
- d. O meu time era o favorito, **posição esta**/***esta posição** que atraía toda a atenção.

(Kato e Nunes, 2009: 97-98)

Finalmente, Kato e Nunes (2009) exploram a assimetria entre o pronome interrogativo *quem* sua contraparte homófona relativa, em (27a-c) e (28a-c) respectivamente.

27.

- a. **Quem** viu o professor?
- b. **Quem** o professor viu?
- c. **Com quem** o professor conversou?

(Kato e Nunes, 2009: 98)

28.

- a. *a pessoa **quem** ___ viu o professor
- b. *a pessoa **quem** o professor viu ___
- c. a pessoa **com quem** o professor conversou ___

(Kato e Nunes, 2009: 98)

(27a-c) ilustram que o *quem* interrogativo pode desempenhar a função de sujeito, objeto direto ou complemento de preposição, respectivamente. Entretanto, o *quem* relativo somente pode ser usado como complemento de preposição (cf.

(28c)), i.e. o *quem* relativo não pode ser usado em uma relativa de sujeito ou uma relativa de objeto direto (cf. (28a-b)). Ao analisar o *que* como um determinante relativo, e não como um complementizador, os autores sugerem que essa assimetria pode ser explicada com base no fenômeno de alternância *que-qui* em relativas do francês (cf. 29a-b). Kato e Nunes propõem que o mesmo fenômeno é observado nas relativas preposicionadas do PB (cf. 29c-d).

29.

- a. Quelle étudiante a Jean dit qui/*que viendra?
que aluno aux. Jean disse quem/que virá
- b. [[quelle étudiante]_i a Jean dit [_{CP} *t_i* [**que** [_{IP} *t_i* viendra *t_i*]]]]
↓
qui
- c. a pessoa com quem o professor conversou
- d. [_{DP} a [_{CP} [_{PP} pessoa_i [_{PP} com [_{DP} *t_i* [_{DP} que *t_i*]]]_k] [_{CP} C [_{IP} o professor conversou *t_k*]]]]
↓
quem

(Kato e Nunes, 2009: 101)

Em francês, a alternância *que-qui* ocorre quando um núcleo funcional (no caso, *que*) se encontra entre dois vestígios adjacentes de um elemento com o traço [+humano]. Com isso, o *qui* relativo do francês não é um item lexical básico, mas um item lexical derivado a partir da configuração observada em (29b). O mesmo pode ser dito do *quem* relativo, em comparação ao *quem* interrogativo. A estrutura do PB em (29d) possui a mesma configuração da estrutura (29b) do francês, na qual *quem* é obtido quando se encontra entre dois vestígios com o traço [+humano], enquanto o *quem* interrogativo (cf. 27a-c) é, na realidade, um item lexical básico.

Frente a esses argumentos, assumiremos em nosso trabalho, com Kato (1993), e Kato e Nunes (2009), que o *que* nas relativas não é um

complementizador¹², mas um determinante relativo, gerado junto ao núcleo relativizado dentro da oração subordinada, que em seguida é adjungido ao CP relativo. Em seguida, no caso das relativas não preposicionadas, o núcleo nominal é adjungido a DP, enquanto que nas relativas preposicionadas, após haver adjunção do núcleo nominal a DP, ele é adjungido a PP¹³.

No que concerne a estrutura sintática das relativas do PB, Kato e Nunes partem da observação em Kato (1993), que observa uma certa semelhança entre a forma das relativas não-padrão e elementos deslocados à esquerda: eles podem ser retomados por um pronome aberto ou nulo.

30.

- a. [esse livro]_i, ele_i é muito bom
- b. [esse livro]_i, eu comprei ele_i ontem
- c. [esse livro]_i, eu estava precisando dele_i ontem

(Kato e Nunes, 2009: 109)

31.

- a. [esse livro]_i, eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_i
- b. [esse livro]_i, eu falei com um aluno que estava precisando *pro*_i ontem

(Kato e Nunes, 2009: 109)

Para os autores, os exemplos em (31) indicam que não houve movimento do elemento deslocado à esquerda. Enquanto que em (31a) o DP *esse livro* é interpretado como complemento de *escreveu*, em (31b) *esse livro* é interpretado como complemento de *precisando*, um verbo que requer o uso de preposição. Como o elemento deslocado à esquerda é um DP, não um PP, Kato e Nunes analisam a posição relativizada como um *pro* resumptivo.

¹² Para uma análise das relativas do PB em que o *que* relativo é tratado como um complementizador, cf. Kenedy (2002).

¹³ Para uma discussão acerca das razões pelas quais a derivação das orações relativas do PB envolve adjunção em vez de concatenação, cf. Kato e Nunes (2009: 101-107).

Desta forma, considerando que em PB o *que* relativo funciona de modo análogo ao *which* relativo do inglês, os autores propõem que a diferença nas estratégias de relativização em PB está diretamente relacionada à posição de onde o elemento relativizado é alçado para se adjungir a CP. Com isso, as derivações dos três tipos de orações relativas observadas no PB são ilustradas em (32-34):

32. Estratégia padrão

- a. aquela pessoa que comprou o livro

[DP aquela [CP [DP pessoa_i [DP que t_i]]_k [CP C [IP t_k comprou o livro]]]]

- b. o livro que aquela pessoa comprou

[DP o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]_k [CP C [IP aquela pessoa comprou t_k]]]]

- c. o livro de que você precisa

[DP o [CP [PP livro_i [PP de [DP t_i que t_i]]]]_k [CP C [IP você precisa t_k]]]]

33. Estratégia não-padrão com resumptivos abertos

- a. uma amiga que ela é muito engraçada

[DP uma [CP [DP amiga_i [DP que t_i]]_k [CP C [LD t_k [IP ela_k é muito engraçada]]]]]]

- b. o livro que o João sempre cita ele

[DP o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]_k [CP C [LD t_k [IP o João sempre cita ele_k]]]]]]

- c. o livro que você vai precisar dele

[DP o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]_k [CP C [LD t_k [IP você vai precisar dele_k]]]]]]

34. Estratégia não-padrão com resumptivos nulos

- a. o livro que eu entrevistei a pessoa que escreveu

[DP o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]_k [CP C [LD t_k [IP eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro_k*]]]]]]

- b. o livro que você estava precisando

[DP o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]_k [CP C [LD t_k [IP você estava precisando *pro_k*]]]]]]

(Kato e Nunes, 2009: 114-115)

Conforme se verifica em (32), as relativas derivadas por meio da estratégia padrão envolvem alçamento do elemento relativizado (o DP *que pessoa* em (32a), o

DP *que livro* em (32b) e o PP *de que livro* em (32c)) de dentro de IP para Spec CP, seguido do alçamento do NP relativizado, que é adjungido ao DP/PP.

Por sua vez, nas duas estratégias não-padrão, o DP relativo é alçado de uma posição acima de IP, a saber de LD¹⁴. Assim como na estratégia padrão, após o alçamento do DP relativo para Spec CP, há subsequente alçamento do NP relativizado, que é adjungido ao DP. Na posição interna à oração relativa, onde o elemento relativizado é interpretado, há um pronome resumptivo coindexado ao DP relativo. A diferença entre as estratégias não-padrão está no tipo de pronome resumptivo. Em (33), o pronome resumptivo é pronunciado, enquanto que em (34), ele é nulo.

Kato e Nunes explicam a ausência da preposição em (34b) sugerindo que a preposição *de*, presente em construções envolvendo o verbo *precisar*, é uma realização de caso inerente, não sendo necessário que ela seja realizada na derivação.

“Assuming that insertion of prepositions for purposes of inherent Case realization is subject to Last Resort, the preposition will surface in case the object is overt; when it is null, there is no need for it to show up.”

(Kato e Nunes, 2009: 110)

Aparentemente, há dois casos de ambiguidade estrutural provenientes dessa análise: as relativas de sujeito e as relativas de objeto direto ((35a) e (35b), respectivamente). Por apresentarem uma categoria vazia nas posições de sujeito e objeto direto, não seria possível dizer se essas relativas são derivadas envolvendo o movimento que parte de uma posição argumental ou se esse movimento parte de uma posição de deslocamento à esquerda.

¹⁴ Em nota, os autores afirmam que o tipo de projeção atribuído a LD não é relevante para a discussão: *“It is immaterial for the present discussion what kind of projection LD in the structures that follow really is. All that matters is that it is the position that hosts left dislocated material and is between IP and CP.”* (Kato e Nunes, 2009: 112)

35.

- a. a pessoa que *ec* comprou o livro
- b. a pessoa que eu vi *ec*

Contudo, alguns estudos, como Ferreira (2000, 2009), mostram que o PB não possui resumptivos nulos na posição de sujeito. Considerando que orações relativas se comportam como ilhas sintáticas, apenas um pronome resumptivo pode preencher a posição de sujeito de *comprou* em (35a) e (36a). Considerando a agramaticalidade de (36b), Ferreira indica que resumptivos nulos não são licenciados na posição de sujeito em PB:

36.

- a. [a pessoa]_i que eu li o livro que ela_i comprou
- b. *[a pessoa]_i que eu li o livro que *pro*_i comprou

Com isso, podemos dizer que as relativas de sujeito em PB são derivadas exclusivamente por meio da estratégia padrão.¹⁵

No entanto, não é possível aplicar o mesmo tipo de teste para verificar o tipo de categoria vazia presente nas relativas de objeto direto, uma vez que o PB licencia objetos nulos, não exibindo sensibilidade a ilhas sintáticas (Ferreira, 2000; Galves, 1989; Kato, 1993).

37.

- a. [o livro]_i que eu entrevistei a pessoa que escreveu ele_i
- b. [o livro]_i que eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_i

Nunes e Santos (2009) mostram que é possível definir o tipo de categoria vazia em (37b) verificando a presença ou a ausência de retração de acento. Partindo dos trabalhos de Santos (2002, 2003), a retração de acento em PB ocorre

¹⁵ Isso explica a ausência de uma relativa de sujeito nos exemplos em (34).

opcionalmente em um sintagma fonológico Φ , em contextos contendo dois acentos primários adjacentes. Essa proposta é ilustrada abaixo.

38.

- a. [o Davi] Φ [coMEU] Φ [BOlo] Φ → *reestruturação*
- b. [o Davi] Φ [coMEU BOlo] Φ → *retração de acento*
- c. [o Davi] Φ [COmeu BOlo] Φ

(Nunes e Santos, 2009: 123)

Segundo Santos, um *pro* entre dois itens de um mesmo sintagma fonológico impossibilita a retração de acento em um contexto similar ao apresentado em (38). Ou seja, em (39), onde *pro* intervém entre *comprou* e *ontem*, não pode haver retração de acento.

39. O João disse que a Maria comprou *pro* ontem.

[comPROU *pro* ONtem] Φ

#[COMprou *pro* ONtem] Φ

Santos mostra que há uma assimetria entre *pro* e um vestígio de movimento quanto à aplicação de retração de acento. De acordo com a autora, um vestígio entre dois acentos primários adjacentes não é computado para fins de retração de acento. Os exemplos em (40) envolvem uma categoria vazia na posição de objeto e um antecedente na periferia esquerda da sentença. (40a), um exemplo de topicalização, indica que, quando há retração de acento, a categoria vazia é um vestígio de movimento. Por sua vez, em (40b) a categoria vazia não é interpretada como um vestígio de movimento, uma vez que ela se encontra dentro de uma oração relativa, uma ilha sintática. Nesse caso, a possibilidade de retração de acento não é verificada.

40.

- a. [essas árvores]_i a Maria disse [que ela podou *t_i* ontem].

[poDOU *t_i* ONtem]_Φ → *retração de acento*

[POdou *t_i* ONtem]_Φ

- b. [essas árvores]_i, a Maria pagou o jardineiro [que podou *pro_i* ontem].

[poDOU *pro_i* ONtem]_Φ

#[POdou *pro_i* ONtem]_Φ

(Nunes e Santos, 2009: 124)

Com base nesta proposta, podemos dizer que as relativas de objeto direto em PB podem envolver alçamento a partir de uma posição argumental, resultando em uma oração relativa padrão, ou a partir de LD, resultando em uma relativa não-padrão com um resumptivo pronunciado ou nulo.

Nesta seção sobre a estrutura das orações relativas, contrastamos duas propostas bastante influentes na literatura sobre as relativas: a análise tradicional, de Chomsky (1977) e a análise de alçamento, de Kayne (1994), argumentando a favor da segunda análise, com uma modificação baseada no trabalho de Bianchi (1999). Em seguida, apresentamos a proposta de Kato e Nunes (2009), que analisam as relativas do PB de maneira unificada. Diferentemente de outras análises, que tomam o “*que*” relativo em PB como um complementizador (assim como o *that* em inglês), Kato e Nunes (2009) analisam-no como um determinante relativo. Para esses autores, as estratégias padrão e não-padrão diferem, entre outros pontos, no que diz respeito à posição de alçamento do constituinte relativizado. Nas relativas padrão, o alçamento ocorre de dentro do IP, enquanto que nas relativas não-padrão, o DP relativo é alçado de LD, uma posição acima de IP. Para determinarmos se a categoria vazia nas relativas de sujeito diz respeito a um vestígio de movimento ou um pronome resumptivo nulo (*pro*), vimos que estudos como o de Ferreira (2000, 2009) propõem que o PB não possui resumptivos nulos na posição de sujeito. Por sua vez, as relativas de objeto direto configuram um caso de ambiguidade estrutural, uma vez que o PB licencia objetos nulos (Ferreira, 2000; Galves, 1989; Kato, 1993).

De acordo com Nunes e Santos (2009), as relativas de objeto direto podem envolver alçamento tanto de uma posição argumental em IP, quanto de LD. No primeiro caso, obtemos uma oração relativa padrão e a possibilidade de retração de acento. No segundo caso, temos uma relativa não-padrão, com um resumptivo nulo, e a impossibilidade de retração de acento.

Em vista das apresentações e argumentações feitas nesta seção, analisaremos nossos dados com base em Kato e Nunes (2009), assumindo que o constituinte relativizado é um DP, contendo um determinante relativo *que*.

Na seção seguinte, abordaremos os trabalhos mais relevantes para nossa pesquisa acerca da aquisição das relativas nas línguas naturais. Também apresentaremos trabalhos que propõem explicar a dificuldade observada na produção e no processamento de relativas de objeto com base nas características estruturais do sujeito da relativa. Finalmente, veremos dois trabalhos sobre o processo de aquisição das relativas em PB.

2.3. A aquisição das relativas nas línguas naturais

Há diversos trabalhos na literatura sobre a aquisição das orações relativas. Por ser um tema abrangente, esses trabalhos abordam diferentes pontos, por exemplo a (in)existência de movimento-Qu na derivação das relativas infantis (Guasti & Cardinaletti, 2003; Guasti & Shlonsky, 1995; Labelle, 1990, 1996), o uso de pronomes resumptivos por crianças (Grolla, 2004, 2005a, 2005b); McKee e McDaniel, 2001; Shlonsky, 1992), os estágios no processo de aquisição das relativas em PB (Grolla, 2000; Lessa de Oliveira, 2008), a dificuldade de crianças com relativas envolvendo *pied-piping* preposicional (Corrêa, 1998; Costa et al., 2014; Kenedy, 2007) e a assimetria no processamento de relativas de sujeito e objeto (Belletti, 2008, 2009; Belletti e Chesi, 2011; Belletti e Contemori, 2010; Belletti et al., 2012; Bentea et al., 2016; Friedmann et al. 2009; Grolla e Augusto, 2016; Miyamoto e Nakamura, 2003; Utzeri, 2007; entre outros), dentre outros tópicos.

Nesta seção, primeiramente contrastaremos a proposta de Labelle (1990, 1996) com as propostas de Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003)

no que diz respeito à operação de movimento-Qu nas relativas. Em seguida, apresentaremos alguns dados dos estudos de Grolla (2000) e Lessa de Oliveira (2008) para o PB, relacionando-os com o uso das estratégias não padrão, a saber a estratégia resumptiva e a estratégia cortadora. Por fim, analisaremos alguns trabalhos sobre a assimetria no processamento das relativas de sujeito e de objeto, com base na proposta de Friedmann et al. (2009), que propõe que, em relativas de objeto, o sujeito da subordinada atua como um elemento interveniente para o movimento do núcleo relativizado, acarretando problemas para a produção e o processamento de estruturas envolvendo dependências-A'.

2.3.1. Labelle (1990)

Em um experimento envolvendo uma tarefa de produção eliciada com crianças de 3 a 6 anos de idade, falantes de francês canadense, Labelle (1990) analisa 1.348 orações relativas produzidas pelas crianças testadas e argumenta que as orações relativas do francês canadense infantil não envolvem o movimento de um elemento-Qu para Spec CP. Para a autora, os dados das produções eliciadas não apresentam evidências de que há movimento-Qu na relativização nessa língua infantil. A autora, então, ressalta dois pontos: em primeiro lugar, as crianças falantes de francês canadense empregam movimento-Qu nas interrogativas; em segundo lugar dados de estudos com crianças falantes de inglês sugerem que o movimento-Qu é adquirido relativamente cedo nas relativas. Labelle propõe que as orações relativas são fruto de uma regra de predicação simples, que coindexa toda a oração relativa a um NP antecedente.

"...the relative clauses produced by the children tested do not show overt presence of a WH word in CP, although this is obligatory in adult standard French. [...]the relative clauses produced by the children do not seem to require the presence of an element in the clause that would be coindexed with the antecedent.."

(Labelle, 1990: 117)

O método utilizado por Labelle (1990) consiste em uma apresentação de pares de figuras em preto e branco. Em cada figura, o objeto ou o personagem correspondente ao alvo da relativização estava envolvido em uma atividade diferente da atividade do objeto ou personagem mostrado na segunda figura e era esperado que as crianças produzissem relativas de sujeito, objeto direto, objeto indireto, locativo e genitivo. Ao apresentar um par de figuras, a pesquisadora perguntava para a criança “Sur quel [X] est-ce tu vas mettre ton collant?” (Em que [X] você quer colocar seu adesivo?).

No paradigma abaixo, vemos exemplos de relativas em francês canadense envolvendo as posições sintáticas estudadas e a estratégia padrão da língua (isto é, a estratégia de relativização que envolveria movimento-Qu, de acordo com a autora):

41. Estratégia padrão em francês canadense

- a. Sujeito: La fille [[qui] ___ court]
The girl [[that] ___ runs]
a menina que corre
- b. Obj. Direto: La balle [[que] le garçon lance ___]
The ball [[that] the boy throws ___]
a bola que a menino joga
- c. Obj. Indireto: La fille [[à qui] la madame fait un sourire ___]
The girl [[to whom] the lady smiles ___]
a menina para quem a mulher faz um sorriso
- d. Locativo: La boîte [[dans laquelle] la fille est cachée ___]
The box [[in which] the girl is hiding ___]
a caixa em que a menina está escondida
- e. Locativo: La boîte [[où] la fille est cachée ___]
The box [[where] the girl is hiding ___]
a caixa onde a menina está escondida

- f. Genitivo: La garçon [[dont] [le chien ____] dort]
 The boy [[of whom] [the dog ____] sleeps]
 “The boy whose dog sleeps”
 o menino de quem o cachorro dorme

(Labelle, 1990: 97)

Labelle reporta o uso frequente de estratégias não-padrão nos dados infantis. Isto é, assim como vimos para o PB nos paradigmas (3), (4) e (5) acima, Labelle reporta o uso de estratégias não-padrão em francês, como o uso de pronomes e NPs resumptivos, e com lacunas, semelhantes aos exemplos das relativas preposicionadas com um pronome resumptivo nulo em PB. Alguns exemplos dessas produções seguem abaixo.

42. Estratégia com pronomes resumptivos em francês canadense

- a. Sujeito: La petit fille qu’a est assis sut la boîte
 “The little girl that-**she** is sitting on the box”
 a pequena menina que-ela está sentada sobre a caixa
- b. Obj. Direto: Sur la balle qu’i(l) l’attrape
 “On the ball that-he **it** catches”
 sobre a bola que-ele ela pega
- c. Obj. Indireto: Celle-là que le papa **lui** montre un dessin
 “That-one that the father **to-her** shows a drawing”
 a que o papai a-ela mostra um desenho
- d. Locativo: Sur la boîte que le camion rentre **dedans**
 “On the box that the truck goes **inside-it**”
 sobre a caixa que o caminhão vai dentro-ela
- e. Genitivo: Sur le petit garçon que **son** chien i(l) dort
 “On the little boy that **his** dog he sleeps”
 sobre o pequeno menino que seu cachorro ele dorme

(Labelle, 1990: 98-102)

43. Estratégia com NPs resumptivos em francês canadense

- a. Obj. Direto: Sur la balle qu'i(l) lance la **balle**
 "On the ball that-he throws the **ball**"
 sobre a bola que-ele joga a bola
- b. Obj. Indireto: Celle que la maman a rêvé à une **maison**
 "The-one that the mother she is-dreaming of a **house**"
 a que a mamãe ela está-sonhando com uma casa
- c. Locativo: Sur la boîte que la petite fille est debout sur la **boîte**
 "On the box that the little girl is standing on the **box**"
 sobre a caixa que a pequena menina está em-pé sobre a caixa
 (Labelle, 1990: 100)

44. Estratégia com lacuna em francês canadense

- a. Obj. Direto: C'est la balle qu'i(l) dessine
 "It's the ball that he is-drawing"
 é a bola que ele está-desenhando
- b. Obj. Indireto: Sur la petite fille que le monsieur i(l) montre un dessin
 "On the little girl that the man he is-showing a drawing"
 sobre a pequena menina que o homem ele está-mostrando um desenho
- c. Locativo: Sur la boîte que la petite fille elle embarque
 "On the box that the little girl she goes"
 sobre a caixa que a pequena menina ela embarca
- d. Genitivo: Sur le petit garçon que le chien i(l) est assis
 "On the little boy that the dog he is sitting"
 sobre o pequeno menino que o cachorro ele está sentado
 (Labelle, 1990: 100)

Em sua análise, Labelle explora o fato de não haver produções contendo um elemento-Qu (pronunciado) em seus dados, como nas sentenças (41c-f). A autora assume que as relativas envolvem o uso do complementizador *que* em CP, de maneira análoga às relativas com *that* em inglês. Para a autora da ausência, não há movimento de um elemento-Qu partindo da posição relativizada para Spec CP.

Segundo Labelle, a existência da estratégia resumptiva seria uma evidência a favor de sua proposta, uma vez que não há sentenças interrogativas nas quais o vestígio do elemento-*Qu* movido é realizado foneticamente. Para a autora, as crianças até os 6 anos de idade utilizam uma regra de predicação que coindexa um NP antecedente ao CP relativo para a formação das orações relativas. Essa relação da oração relativa com seu antecedente é representada em (45).

45. [NP]_i [CP]_i

(Labelle, 1990: 105)

Esse índice é equivalente a um operador lambda, que toma toda a oração como um argumento, transformando-o em uma descrição da propriedade do NP antecedente. Ou seja, Labelle assume que a relação de predicação é obtida pragmaticamente, já que não haveria uma variável associada ao seu antecedente. O operador lambda toma toda a oração relativa como uma propriedade do elemento relativo.

46.

a. [NP La maison]_i [CP que la maman dort]_i

a casa que a mamãe dorme

b. La maison [λ_i que [la maman dort]_i]

“The house that the mother is-sleeping”

(Labelle, 1990: 107)

Em seus dados, Labelle atesta o uso de *qui* pelas crianças nas relativas resumptivas de sujeito. Em outros trabalhos (como em Guasti, 2000), esse *qui* é analisado como o resultado da relação de concordância entre *que* e um vestígio nominativo ou um operador em Spec CP. Para defender sua análise, Labelle argumenta que o *qui* nessas produções é, na verdade, o resultado da sequência de um complementizador *que*, cuja vogal final é apagada, e uma forma reduzida do pronome masculino *il*, resultando em *qu'i* (cf. (47a) abaixo). Labelle diz que o mesmo

ocorre nas ocorrências de *qu’a*. Segundo a autora, isso seria um exemplo envolvendo uma forma reduzida do pronome feminino *elle* precedida de *qu’* (cf. (47b)).

47.

- a. *qu’i* [ki] = que il
- b. *qu’a* [ka] = que elle

(Labelle, 1990: 102)

Em relação à produção de relativas de sujeito com lacuna, nas quais também é observado o uso de *qui*, a autora analisa o *qui* como um complementizador. Nesse caso, a alternância *que-qui* ocorre devido à presença do operador lambda coindexado a uma variável vazia na posição de sujeito (cf. (48)).

48. celle [λx_i que [x_i lance la balle de neige]

↑
qui

“The one that is-throwing the snowball.”

a que está-jogando a bola-de-neve

Com isso, Labelle mantém a proposta de que não há movimento-Qu na relativização infantil, mesmo frente à ocorrência de *qu’i* nas relativas de sujeito.¹⁶ Sua proposta também diz que a diferença entre as relativas do francês infantil e do francês adulto é que na segunda gramática, há movimento-Qu. As operações de relativização envolveriam as estruturas abaixo:

¹⁶ Labelle ainda atesta a ocorrência de 29 relativas com *où* (*onde*, em PB) e um antecedente pronunciado, como em (i). No entanto, *où* não é analisado como um elemento-Qu pela autora, uma vez que ele foi usado de maneira “genérica”, não se referindo diretamente ao seu antecedente, conforme vemos em (ii).

- (i) Sur la boîte où la voiture rentre.
“On the box where the car is-going”.
- (ii) Sur la petite fille où elle met son pyjama.
“On the little girl where she is-putting her pyjamas on”.

(Labelle, 1990: 109)

49.

a. Gramática infantil

b. Gramática adulta

(Labelle, 1990: 107)

No entanto, Lessa de Oliveira (2008) observa uma situação controversa na análise de Labelle (1990). A autora verifica que, das 383 relativas de sujeito com um antecedente feminino nos dados de Labelle (1990), 280 (73,1%) continham [ki], enquanto que apenas 103 (26,9%) eram encabeçadas por [ka]. Para Labelle, os casos em que as relativas de sujeito foram introduzidas por [ki] envolvem uma neutralização do gênero do pronome na posição de sujeito da oração relativa. Ou seja, essa neutralização faz com que a criança use [ki] independentemente do gênero do antecedente. Segundo Labelle, esse fenômeno pode ser observado em produções como (50) abaixo.

50. Pasque la maman i couche dans une autre mason.

"Because the mother he sleeps in another house".

(Labelle, 1990: 105)

Lessa de Oliveira (2008) comenta:

"...devemos considerar que, se casos como o exemplo [acima] não forem generalizados na fala infantil, estes não serão suficientemente representativos para serem tomados como evidência de que a criança faz esse tipo de neutralização, quando realiza qui com antecedentes femininos. A autora, porém, nada esclarece sobre a frequência de exemplos semelhantes [...] na fala infantil.."

(Lessa de Oliveira, 2008: 100)

Outro ponto controverso na análise de Labelle (1990) é o fato de as crianças estudadas serem capazes de formular sentenças interrogativas com o alçamento do elemento-Qu. Se a autora assume que na gramática adulta há movimento-Qu na formação de orações relativas, e esse tipo de movimento é atestado nas interrogativas-Qu infantis, por que as crianças não aplicam o mesmo tipo de operação para formação de orações relativas?

Um terceiro ponto, levantado por Guasti e Shlonsky (1995), está relacionado à razão e a maneira pela qual as crianças deixam de lado a relativização com base na predicação, para relativizar com base em movimento, assim como Labelle propõe para a gramática adulta. De acordo com Labelle, as crianças aos poucos deixam de usar uma estratégia de predicação baseada no discurso em favor de uma estratégia sintática. Considerando que os mecanismos de movimento-Qu em interrogativas, inclusive com *pied-piping* preposicional, estão disponíveis desde cedo, um outro fator deveria lidar com a assimetria entre as interrogativas e as relativas para as crianças. Na proposta de Labelle, as crianças mudam de uma estratégia de predicação para uma estratégia sintática, tornando-se mais produtivas quanto ao uso de orações relativas. Entretanto, essa proposta cria um problema de descontinuidade. Conforme aponta Grolla (2010):

“This account of children’s apparent lack of wh-movement in relative clauses in semantic terms creates a discontinuity problem. She suggested that as children become more productive in their use of relatives, they shift from a semantic strategy to a syntactic strategy. However, it is not clear how productivity drives this shift.”

(Grolla, 2010: 41)

Além disso, a análise de Labelle está, em parte, baseada na ausência de relativas com *pied-piping* preposicional em seus dados. No entanto, o uso de *qui* nas relativas de sujeito e as lacunas nas relativas de objeto direto (sem um pronome resumptivo) poderiam indicar que há movimento-Qu na derivação das relativas em

francês infantil e que a ausência de relativas preposicionadas poderia indicar que há uma dificuldade inerente com *pied-piping* preposicional¹⁷.

Finalmente, na proposta de Labelle, o uso de pronomes resumptivos é tido como evidência de que não há movimento nas relativas infantis. Conforme aponta Grolla (2010), se isso estiver certo, podemos prever que esses resumptivos desapareceriam nas construções relativas assim que as crianças comessem a derivar as relativas via movimento. Porém, isso não é observado, já que em francês adulto oral, o uso de relativas com pronomes resumptivos é comum.¹⁸

Na seção que segue, discutiremos os trabalhos de Guasti e Shlonsky (1995) e de Guasti e Cardinaletti (2003), ambas baseadas no alçamento do constituinte relativizado (à la Kayne, 1994).

2.3.2. Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003)

Guasti e Shlonsky (1995) reanalisam os dados em Labelle (1990) assumindo uma análise alinhada à proposta de Kayne (1994). Para os autores, as relativas do francês envolvem um complementizador *que/qui*, além do movimento de um DP relativo de dentro da oração subordinada para Spec CP, no caso das relativas de sujeito, de objeto direto e as relativas não-padrão (cf. 51a). Por sua vez, as relativas preposicionadas, presentes nos registros mais formais do francês, envolvem o movimento de um PP contendo o elemento-Qu para CP e subsequente alçamento do DP relativo para se adjungir a CP (cf. 51b).

51.

- a. [DP [D' [D la] [CP [DP balle_i] [C' [C que] [IP le petit garçon lance [DP *t_i*]]]]]]

¹⁷ Para uma proposta sobre a anti-naturalidade de *pied-piping* preposicional, cf. McDaniel, McKee e Bernstein (1998), para o inglês, e Kenedy (2010), para o PB.

¹⁸ Grolla (2005) aponta para dados de aquisição do russo, de Bar-Shalom e Vinnitskaya (2004), em que as crianças adquirindo essa língua passam por um estágio em que elas produzem relativas com um operador-Qu com o mesmo Caso sintático da posição relativizada e a presença de um pronome resumptivo. De acordo com Grolla: "...the Russian data show us that whether or not children go through a stage where movement relatives are absent, this cannot be the sole reason why they produce RPs as they do." (Grolla, 2005: 42)

- b. [DP [D' [D la] [CP [DP petit fille_i] [CP [PP à qui t_i]_k [C' [C Ø] [IP le monsieur montre un dessin [PP t_i]_k]]]]]]

(Guasti e Shlonsky, 1995: 261, 262 e 265)

Parte da motivação para esta proposta vem da observação de que uma parte de uma expressão idiomática, como *advantage* em *take advantage*, pode ser precedida por um determinante em uma estrutura relativa, indicando movimento desse constituinte à la Kayne (1994).

52.

- a. John took (*the) advantage of the situation.
- b. How much (*the) advantage did John take of the situation?
- c. *(the) advantage that John took of the situation

(Adaptado de Guasti e Shlonsky, 1995: 260)

Assim como na discussão sobre o paradigma em (20) (na seção sobre a proposta de Kayne (1994)), em (52a-c) vemos que a expressão *take advantage* não admite o uso do determinante *the* a menos que *advantage* seja alçado para uma posição mais alta, i.e. a menos que *advantage* seja um núcleo relativizado, precedido de um determinante externo. Desta forma, Guasti e Shlonsky analisam as relativas do francês como possuindo a mesma estrutura das relativas com *that* em inglês.

Os autores propõem que a dificuldade que as crianças apresentam com as relativas preposicionadas se deve à ausência de elementos-Qu relativos em sua gramática. Ou seja, uma relativa como (51b) seria impossível na gramática da criança até que ela adquirisse esses elementos.

"The maturation of linking operators opens the way to the production of pied-piped relatives because these depend on the availability of relative operators."

(Guasti e Shlonsky, 1995: 274)

Para sustentar sua proposta e explicar a razão de as crianças produzem interrogativas com o alçamento de preposição, mas não relativas como em (51b), Guasti e Shlonsky argumentam que operadores relativos possuem propriedades

diferentes dos elementos-Qu interrogativos, dentre elas a associação a um núcleo relativizado. Para os autores, um operador relativo serve para relacionar um núcleo relativizado (nos exemplos acima, um antecedente) a uma variável dentro do CP relativo. Por sua vez, os elementos-Qu interrogativos não têm um antecedente. A proposta, então, é baseada na maturação da gramática infantil, que apenas permitirá construções relativas envolvendo o alçamento de preposição quando os operadores relativos estiverem disponíveis para a criança.

Posto isso, é possível nos questionar acerca da estrutura das relativas não-padrão em francês adulto. Considerando que as relativas não-padrão são comuns em francês adulto (Guasti, 2002; Guasti e Cardinaletti, 2003) e que as relativas oblíquas sem *pied-piping* preposicional são entendidas como o resultado da ausência de operadores relativos na gramática infantil, qual seria a estrutura sintática dessa construção na gramática adulta?

Guasti e Cardinaletti (2003) oferecem uma explicação para a ausência de *pied-piping* preposicional nas orações relativas nas línguas românicas. As autoras analisam orações relativas eliciadas em dados do italiano infantil e do francês infantil. Seu estudo envolve 30 crianças falantes de italiano, entre 5;1 e 10;0 anos de idade, e 18 crianças falantes de francês, entre 4;5 e 7;3 anos de idade. Foram apresentados contextos para a eliciação de diferentes tipos de relativas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, locativas e genitivas). Os dados colhidos pelas autoras foram classificados em dois tipos: relativas convencionais (equivalentes à estratégia padrão) e relativas não-padrão. De acordo com Guasti e Cardinaletti, essas duas variedades de relativas estão presentes tanto na gramática infantil, quanto na gramática adulta das línguas românicas, sendo que as relativas convencionais fazem parte da escrita e de registros formais, e as relativas não-padrão são comuns na língua coloquial.

Segundo as autoras, as relativas convencionais são introduzidas pelos complementizadores *che* e *que* no caso das relativas de sujeito e de objeto direto, em italiano e francês respectivamente, ou por um pronome relativo precedido de uma

preposição, no caso das relativas de objeto indireto¹⁹ (cf. (53a-c) para os exemplos em italiano e (53d-f) para os exemplos em francês). Por sua vez, as relativas não-padrão são invariavelmente introduzidas pelos complementizadores *che* e *que*, e podem apresentar um elemento resumptivo na posição relativizada (cf. (54a-c) para os exemplos em italiano e (54d-g) para os exemplos em francês).²⁰

53. Relativas convencionais/padrão

a. Relativa de sujeito

Il ragazzo che ha vinto il premio
 the boy that has won the prize
 o menino que AUX ganhar(PRT) o prêmio

b. Relativa de objeto direto

Il ragazzo che Maria ha invitato
 the boy that Maria has invited
 o menino que Maria AUX convidar(PRT)

c. Relativa de objeto indireto

Il ragazzo a cui/al quale hai regalato il libro
 the boy to whom (you) have given the book
 o menino para quem (você) AUX dar(PRT) o livro

d. Relativa de sujeito

La fille qui est partie
 the girl that has left
 a menina que AUX sair(PRT)

¹⁹ Uma vez que nosso estudo concerne apenas as relativas de objeto direto e de objeto preposicional, não apresentaremos as observações feitas pelas autoras acerca das relativas locativas e genitivas. Para detalhes sobre as produções e análise no trabalho, cf. Guasti e Cardinaletti (2003).

²⁰ Cf. Grolla (2005c, 2010) para a apresentação e discussão de diversos estudos sobre resumptivos em orações relativas infantis, como Bar-Shalom e Vinnitskaya (2004), para russo, Goodluck e Stojanovic (1996), para serbo-croata, Grolla (2004) para PB, Labelle (1990, 1996), para francês canadense, McKee e McDaniel (2001), para inglês, e Pérez-Leroux (1995), para inglês e espanhol, Varlokosta e Armon-Lotem (1998), para grego moderno e hebraico.

e. **Relativa de objeto direto**

La fille que j'ai vu
 the girl that I-have seen
 a menina que eu-AUX ver(PRT)

f. **Relativa de objeto indireto**

La fille à qui j'ai donné un livre
 the girl to whom I-have given a book
 a menina para quem eu-AUX dar(PRT) um livro

(Guasti e Cardinaletti, 2003: 49-50)

54. **Relativas não-padrão**

a. **Relativa de objeto direto com resumptivo**

C'è uno che lo chiamano Cuba
 there-is one that (they) him call Cuba
 é um que o chamam Cuba

b. **Relativa de objeto indireto com lacuna**

È il coltello che ho tagliato la torta
 (it) is the knife that (I) have cut the cake
 é a faca que AUX cortar(PRT) o bolo

c. **Relativa de objeto direto com resumptivo**

Sono un tipo che gli piace rischiare
 (I) am a fellow that to-him 'pleases' [to] risk
 sou uma pessoa que para-ele agrada arriscar

d. **Relativa de sujeito com resumptivo**

Voici le courrier qu'il est arrivé ce soir.
 here-is the mail that-it is arrived tonight
 aqui-está a correspondência que-ela AUX chegar(PRT) esta noite

e. **Relativa de objeto direto com resumptivo**

L'homme que je le regarde
 the-man that I him am-looking-at
 o-homem que eu o vejo

f. **Relativa de objeto indireto com resumptivo**

Voici la maison que Marie y pense encore

Here-is the house that Marie of-it thinks still

aqui-está a casa que Marie nela pensa ainda

g. **Relativa de objeto indireto com lacuna**

L'homme que je parle

the-man that I speak

o-homem que eu falo

(Guasti e Cardinaletti, 2003: 51-52)

As autoras verificaram que o uso de uma preposição precedendo o pronome relativo foi evitado por todas as crianças até 10 anos de idade. Essa observação condiz com outros estudos sobre a ausência de *pied-piping* preposicional na produção eliciada de relativas como, por exemplo, o trabalho de McDaniel, McKee e Bernstein (1998) sobre o inglês infantil. Nesse estudo, as crianças produziram relativas com *preposition stranding*.

Diferentemente da proposta de Labelle (1990), que assume que as relativas em francês infantil não envolvem o movimento do constituinte relativizado ou movimento-Qu (cf. Seção 2.4.1.), Guasti e Cardinaletti (2003) assumem que o conhecimento das crianças não é fundamentalmente diferente do conhecimento dos adultos. Para as autoras, tanto a gramática infantil quanto a gramática adulta derivam orações relativas com base no movimento-Qu. No caso das relativas de sujeito e de objeto direto, as construções possuem o complementizador *che* ou *que* (*qui* no caso das relativas de sujeito em francês), além do movimento de um operador relativo nulo da posição relativizada para Spec CP.

De acordo com as autoras, a ausência de relativas com *pied-piping* preposicional na gramática infantil possui uma relação direta com a ausência desse tipo de construção na fala coloquial dos adultos. Com isso, a aquisição das relativas preposicionadas depende do aprendizado dos pronomes relativos envolvidos nessas construções, os quais são aprendidos durante os anos escolares.

Para Guasti e Cardinaletti (2003), as relativas preposicionadas são aprendidas por meio de um processo parecido com o que ocorre na aprendizagem

de uma segunda língua. Portanto, a ausência de relativas preposicionadas nas produções das crianças estudadas é um reflexo da aquisição tardia dessas construções, que depende da escolaridade dos indivíduos, não de sua maturação linguística.

2.3.3. Grolla (2000) e Lessa de Oliveira (2008)

Grolla (2000) apresenta um estudo longitudinal sobre a periferia esquerda da sentença em PB com dados de produção espontânea de uma criança brasileira, N., dos 2;0 aos 4;0 anos de idade. Por estudar diferentes construções, Grolla considera um refinamento da estrutura do CP nos moldes de Rizzi (1997), ilustrado abaixo.

Nesse sistema, ForceP e FinP expressam relações respectivamente com uma sentença ou um elemento mais alto, e com o conteúdo da proposição (IP). Sendo assim, Rizzi reconhece que essas projeções fornecem informações sobre o que está fora da sentença e dentro dela. As projeções intermediárias – TopP²¹ e FocP – são relacionadas a articulações de tópico-comentário e de foco-suposição respectivamente. Na primeira, Spec TopP é capaz de abrigar a informação velha, enquanto o comentário é composto de um predicado complexo, que traz a informação nova (cf. (56a)). Por sua vez, Spec FocP traz uma nova informação, ao passo que seu complemento expressa uma informação que o falante pressupõe ser conhecida do interlocutor (cf. (56b)).

56.

- a. Seu livro, você deve dar *t* ao Paul (não ao Bill).
- b. SEU LIVRO você deve dar *t* ao Paul (não o meu).

(Grolla, 2000: 16)

Esse refinamento na estrutura do CP é importante para a avaliação da complexidade dos enunciados de N. Grolla reporta que, logo aos 2;6 anos de idade, todas as projeções estudadas por ela – TopP, FocP e ForceP – já haviam sido manifestadas. Com relação às relativas, a autora observa que a função sintática de sujeito foi amplamente relativizada. Com Perroni (1997), Grolla confirma a adequação da Hierarquia de Acessibilidade do NP postulada por Keenan e Comrie (1977), que preveem que há uma ordem de posições sintáticas mais acessíveis a relativização, representadas abaixo:

57. **Hierarquia de acessibilidade (Keenan e Comrie, 1977)**

Suj. > Obj. Direto > Obj. Indireto > Oblíquo > Genitivo > Obj. de Comparação

A hierarquia ilustrada acima deve ser interpretada da seguinte forma: uma língua capaz de relativizar uma determinada função sintática deve ser capaz de

²¹ O símbolo * à direita das projeções TopP indica que elas são recursivas. Cf. Rizzi (1997)

relativizar todas as funções sintáticas à sua esquerda na hierarquia. Por exemplo, uma língua capaz de relativizar a função de objeto indireto também deve ser capaz de relativizar as funções de objeto direto e de sujeito. Já uma língua capaz de relativizar a função de genitivo será capaz de relativizar as funções de oblíquo, objeto indireto, objeto direto e sujeito.

Se essa hierarquia é verificada em diversas línguas do mundo (cf. Keenan e Comrie, 1977: 76-79), é natural esperar que as relativas de sujeito sejam as mais utilizadas por crianças adquirindo o PB (língua essa que admite a relativização de outras funções sintáticas). Alguns exemplos das produções observadas por Grolla (e por Perroni (1997)) seguem abaixo:

58.

- a. Come a pedrinha que 'tá aqui. (2;10)
- b. O pica-pau, que subiu no banquinho, abriu bem a torneira... (3;2)

(Grolla, 2000: 47)

Uma observação importante feita por Grolla (2000, 2005b) é a quase que completa ausência de resumptivos realizados nas posições sintáticas relativizadas durante os primeiros anos de vida da criança estudada. A ocorrência de itens resumptivos só é atestada depois de 3;0 anos de idade, como complementos preposicionais.

59.

- a. Eu vou no seu colo, porque lá tem aquela cobrinha que as muler dança **nela**. (3;1)
- b. Você queria a borsinha que eu tava junto **com ela**? (3;6)

(Grolla, 2000: 48)

Para explicar o uso dos pronomes resumptivos, Grolla os analisa como uma estratégia de último recurso, baseando-se na hipótese de Shlonsky (1992). Nessa proposta, os pronomes resumptivos em dependências-A' são usados apenas para salvar derivações que seriam agramaticais sem eles. Ou seja, esses pronomes não estão em livre alternância com a operação de movimento. Em inglês, por exemplo,

pronomes resumptivos são usados somente em contextos de ilha, enquanto que, em contextos que permitem movimento de um constituinte, apenas um vestígio é permitido.

60.

- a. This is the boy_i that Mary loves (***him**_i).
- b. The book_i that I wondered whether I would get *(**it**_i) in the mail.

(Kayne, 1984 *apud* Shlonsky, 1992: 447)

Em contrapartida, o hebraico é uma língua que permite um uso aparentemente mais livre de pronomes resumptivos, sem a necessidade de ilhas para sua ocorrência. De acordo com os exemplos em (61), os pronomes resumptivos parecem alternar com lacunas em quase todas as posições sintáticas dentro da relativa.

61.

- a. Ha-ʔiš_i še-(***hu**_i) ʔohev ʔet Rina
the-man that-(he) loves ACC Rina
o-homem que-(ele) ama ACC Rina
- b. Ha-ʔiš_i še-xašavt ʔal-*(**av**_i)
the-man that-(I)-thought about-(him)
o-homem que(eu)-pensei sobre-(ele)
- c. Ha-ʔiš_i še-raʔiti (**ʔoto**_i)
the-man that-(I)-saw (him)
o-homem que-(eu)-vi (ele)
- d. Ha-ʔiš_i še-xašavt še-(**hu**_i) melamed ʔanglit
the-man that-(you.F)-thought that-(he) teaches English
o-homem que(você.F)-achou que-(ele) leciona inglês

(Shlonsky, 1992: 444-445)

No paradigma acima, vemos que o uso de pronomes resumptivos é aceito em diferentes posições sintáticas. Em (61a), vemos que apenas uma lacuna é possível

na posição mais alta de uma relativa de sujeito, enquanto que (61b) nos mostra que a gramaticalidade de uma relativa de objeto preposicionado depende do uso do pronome resumptivo, i.e. o pronome resumptivo é obrigatório nas relativas de objeto preposicionado. No caso de (61c) e (61d), o pronome resumptivo e uma lacuna variam livremente na posição de objeto direto em uma oração relativa de objeto direto e na posição de sujeito de uma sentença encaixada.

Shlonsky (1992) assume que o hebraico possui dois complementizadores *še* homófonos que selecionam tanto um Spec-A' como um Spec-A (*še_{A'}* e *še_A*, respectivamente). No primeiro caso, o núcleo relativizado ocupa a posição de Spec-A' do complementizador *še_{A'}*, sendo possível alçar qualquer constituinte das posições acessíveis à relativização na língua. No segundo caso, o complementizador *še* disponibiliza um Spec-A, posição esta que só poderá ser preenchida pelo sujeito da relativa (cf. (61a)). Por ser uma posição-A, um objeto direto não poderia ser alçado para Spec-A, uma vez que o sujeito da relativa possui as mesmas características sintáticas do objeto direto, seria um elemento interveniente para seu movimento. Ou seja, esse movimento resultaria em uma violação do princípio de Minimalidade Relativizada.²² Para se derivar uma relativa de objeto direto com esse complementizador (*še_A*), o pronome resumptivo aparece na posição temática como uma estratégia de último recurso, considerando que o alçamento do constituinte em questão não é licenciado, salvando assim essa derivação (cf. (61b)).

Essa análise nos leva a concluir que a aparente livre alternância entre pronome resumptivo e vestígio em hebraico é só aparente, já que ela resulta da seleção do complementizador *še_A* ou *še_{A'}*. Caso o primeiro seja selecionado, um pronome resumptivo é utilizado de forma a salvar a derivação. Caso o segundo seja selecionado, o movimento do objeto direto não viola o princípio de Minimalidade Relativizada.

²² Conforme apresentamos no capítulo anterior, de acordo com o princípio de Minimalidade Relativizada, uma relação entre X e Y em (i) abaixo não pode acontecer se Z é um candidato em potencial para a relação local. A agramaticalidade de (ii) é explicada pela interveniência de *which car*, bloqueando o movimento-A' de *how* para o Spec CP da matriz. Em (iii), o super-alçamento de *the train* é bloqueado por *it*, cujo movimento estabelecerá uma relação mais local. Cf. Rizzi (1990).

(i) X ... Z ... Y

(ii) *[How]_i did you wonder [which car you should fix t_i]?

(iii) *[The train]_i seems that it is likely [t_i to be late].

Grolla (2000, 2005b) nota que o PB se comporta de maneira semelhante ao hebraico, com relação ao uso de pronomes resumptivos. Nos exemplos abaixo, vemos que há alternância entre lacuna e pronome resumptivo nas orações relativas de objeto preposicionado e objeto direto.

62.

- a. A menina_i que eu falei com *(ela_i) ontem.
- b. A menina_i que eu falei _____i ontem.
- c. A menina_i que eu vi (ela_i) ontem na festa.

(Adaptado de Grolla, 2000: 65-66)

Uma vez que a estratégia de *preposition stranding* não é permitida em PB, Grolla propõe que a inserção de um pronome resumptivo é capaz de salvar a derivação, como vemos em (62a).

Já no exemplo (62b), vemos que o PB permite uma lacuna correspondente a todo o PP relativo, um exemplo de uma relativa cortadora (cf. (5)). Essa lacuna não pode ser analisada como o resultado do movimento do PP relativizado, uma vez que não há uma preposição alçada em (62b). Baseando-se em Ferreira (2000), Grolla analisa essa lacuna dentro da oração relativa como um pronome nulo com características especiais (nas palavras da autora, “um pronome defectivo sem caso” (Grolla, 2000: 66)). Nesses casos, o pronome nulo é chamado de *pro*_{especial}, já que ele não seria um DP, mas um PP, como o pronome *lhe*.²³ Desta forma, a lacuna não é analisada como resultado de movimento de um constituinte relativizado.

A evidência encontrada pela autora é o fato de essa categoria vazia poder ser encontrada em um contexto de ilha, não podendo alternar com um pronome resumptivo.

63. Esse livro_i, o João conversou com uma menina que disse que gostou (*ele_i).

(Adaptado de Grolla, 2000: 66)

²³ O pronome *lhe* em “O João lhe deu um presente.” substitui “para você” ou “para ele”. Ou seja, o *pro*_{especial} substitui um PP, funcionando como um *lhe* nulo.

Por sua vez, nas relativas de objeto direto, como em (62c), a alternância em questão é, aparentemente, livre. Tanto uma lacuna, quanto um pronome resumptivo são lícitos em PB. No entanto, conforme aponta Grolla, é possível encontrar essa alternância dentro de ilhas, como (64) abaixo.

64.

- a. Esse é o livro_i que o João conhece [a autora que escreveu ____].
- b. Esse é o livro_i que o João conhece [a autora que escreveu **ele**_i].

(Grolla, 2000: 67)

Para Grolla, os exemplos acima são evidência de que não houve movimento da posição de objeto direto da oração relativa. A categoria vazia é analisada como um *pro* resumptivo.

“Esta característica do PB falado provavelmente está ligada à presença de pronomes nulos na posição de objeto nesta língua, um fenômeno ausente mesmo em línguas bastante próximas ao PB...”

(Grolla, 2000: 67)

De fato, o PB é uma língua que possui argumentos nulos na posição de objeto direto (Ferreira, 2000; Galves, 1989). Grolla ilustra esse fenômeno com os exemplos abaixo, reforçando a análise de que a alternância pronome resumptivo/categoria vazia observada em (62c) é, na realidade, uma alternância entre pronome resumptivo lexical/pronome resumptivo nulo. Desta forma, a autora mantém a hipótese baseada em Shlonsky (1992), que toma pronomes resumptivos como uma estratégia de último recurso.

Grolla (2000, 2005b) verifica nos dados de N. uma relativa demora na produção dos pronomes resumptivos. Para a autora, a aquisição desses elementos, em PB, segue um padrão específico, que pode ser dividido em três estágios. Em um primeiro momento, a criança verifica se sua língua licencia esses elementos em dependências-A'. Durante esse período, não há a produção de pronomes resumptivos. Apenas derivações envolvendo movimento são encontradas, já que a criança ainda está verificando a existência ou não de tais elementos.

Nesse caso, a produção de pronomes resumptivos se restringe a contextos inequívocos de último recurso, como por exemplo em relativas em que o pronome resumptivo é um complemento de preposição (cf. (62a) e (63)). De outra forma, as construções envolvendo dependências-A' somente poderão envolver a aplicação de movimento, conforme a previsão da autora.²⁴

Em um segundo momento, a criança detecta os pronomes resumptivos nulos e abertos, presentes no PB adulto. Com relação aos resumptivos abertos, a aquisição depende que a criança apenas identifique esses elementos no *input*. A aquisição dos resumptivos nulos, por sua vez, depende de uma análise mais detalhada de construções com uma lacuna em construções-A'. Em PB, essas lacunas ora correspondem a um resumptivo nulo, ora a um vestígio de movimento (cf. (64) e (56), respectivamente). Com relação a esse segundo estágio, Grolla comenta:

“...a previsão é que a aquisição de pronomes resumptivos abertos precede a aquisição de pronomes resumptivos nulos.”

(Grolla, 2005b: 176)

Finalmente, o último estágio na aquisição de pronomes resumptivos, como proposto pela autora, envolve a aquisição dos resumptivos nulos, como em (65a). A autora prevê que, quando *pro* for adquirido pela criança, construções envolvendo um pronome resumptivo aberto, como em (65b), passam a ser lícitas na gramática infantil, uma vez que a lacuna observada na posição de objeto direto não corresponde a uma (aparente) alternância entre movimento/inserção de pronome resumptivo.

²⁴ Para evidências com dados experimentais para o que foi encontrado por Grolla (2000) em dados longitudinais, cf. Pereira-Pinto (2016). Nesse trabalho, a autora busca verificar se os pronomes resumptivos utilizados para retomar o tópico no comentário facilitam ou dificultam a compreensão de sentenças por crianças adquirindo o PB. Em seus dados experimentais, o número de acertos para as sentenças de objeto direto sem um pronome realizado é maior entre as crianças entre 2;0 e 3;4 anos, enquanto que os dados relativos aos complementos indiretos não indicam preferência entre a presença ou ausência de pronome realizado. Isso sugere que o uso de pronomes resumptivos realizados é derivado de uma estratégia de último recurso à la Hornstein (2001). Por sua vez, as crianças mais velhas não apresentam uma diferença estatisticamente relevante entre a presença ou a ausência do pronome resumptivo para complementos diretos.

65.

- a. Esse menino_i, eu vi **pro**_i ontem.
- b. Esse menino_i, eu vi **ele**_i ontem.

(Grolla, 2005b: 177)

Com isso, para a autora, as relativas de sujeito e de objeto direto que envolvem o movimento do constituinte relativizado são as primeiras a serem adquiridas pela criança. Por sua vez, as relativas contendo um pronome resumptivo aberto viriam em seguida.

No que concerne as relativas de sujeito e de objeto direto, Lessa de Oliveira (2008) investiga dados longitudinais de três crianças, dos 1;6 aos 3;6 anos de idade adquirindo o PB falado em Vitória da Conquista, no Estado da Bahia, e propõe que a estratégia padrão é a primeira a ser adquirida. Isto é, as primeiras relativas a aparecer são as derivadas a partir do movimento do constituinte relativizado na posição em que ele é interpretado na sentença subordinada.²⁵

Tal proposta, que está em consonância com a hipótese de Grolla (2000), toma como base o trabalho de Hornstein (2007) sobre pronomes ligados e economia derivacional. Hornstein sugere que, diferentemente de itens de uma numeração, os pronomes ligados funcionam como formativos gramaticais utilizados quando uma operação de movimento falha (compreendido com base na teoria de movimento por cópia). Considerando a ideia de que reflexivos podem ser analisados como resultado de movimento (cf. Chomsky 1993, 1995), ao rever os princípios A e B, o autor observa que pronomes ligados e reflexivos se encontram em distribuição complementar. Nessa proposta, as sentenças em (66a-b) partem da mesma numeração (66c), sendo comparáveis entre si. Isto é, pronomes e anáforas ligados não fazem parte da numeração.

²⁵ Lessa de Oliveira (2008) estuda a aquisição das relativas restritivas, livres e apositivas. Em seus dados, as relativas apositivas e restritivas surgem desde o início do processo de aquisição das relativas. Sua análise sugere que as relativas apositivas são derivadas exclusivamente por meio da estratégia padrão. Com isso, a autora sugere que as relativas de sujeito e objeto direto são adquiridas como a relativa apositiva, isto é, por meio de movimento. Conforme aponta a autora, essa conclusão desfavorece hipóteses que preveem que a aquisição das relativas restritivas envolvem um estágio em que não há movimento, como a hipótese de Labelle (1990, 1996).

66.

- a. John_i likes himself_i.
- b. *John_i likes him_i.
- c. {John, likes}

(Hornstein, 2007: 359)

Hornstein argumenta que o reflexivo em (66a) é o resíduo do movimento de *John* para a posição de sujeito. Em sua proposta, *self* é inserido como estratégia de último recurso, para receber caso acusativo. Dado que essa forma não é livre em inglês, *him* é inserido também, para dar suporte à *self*.²⁶ Uma vez que o movimento é lícito e preferível à inserção de pronomes ligados, o uso do pronome ligado seria a opção menos econômica para a convergência da derivação. Segundo Hornstein:

“Bound pronouns and reflexives are grammatical formatives (not lexical elements). They are the morphological by-products of grammatical “binding” operations with reflexive binding preferred to pronominal binding. If reflexives are the products of movement, we can regard pronoun use as less economical than movement and so blocked where movement suffices for convergence.”

(Hornstein, 2007: 356-357)

Com isso, pronomes ligados são adicionados à derivação quando a operação de movimento não é possível. Ou seja, o uso de pronomes ligados seria uma estratégia de último recurso. Por exemplo, construções envolvendo ilhas sintáticas e uma lacuna são melhoradas quando há um pronome (cf. (67a)). Já quando o movimento é possível, a inserção de um pronome degrada a aceitabilidade da sentença (cf. (67b)).

²⁶ Podemos nos questionar por que o movimento de *John* resulta em *himself*, não em “*Johnself*”. Assumindo a teoria de movimento por cópia (Chomsky (1993)), o movimento de um constituinte deixa uma cópia para trás. No entanto, se as cópias de um elemento movido são mantidas, o Axioma de Correspondência Linear (Kayne (1994)) não pode ser aplicado. A cópia mantida será aquela que tem todos os seus traços checados, já que uma cópia sem a checagem traços fará com que a derivação falhe (cf. Kayne (1994) e Nunes (1995)).

67.

- a. John is a person who Mary met someone who admired *(him).
- b. John is a person who Mary heard that Frank likes (*him).

(Hornstein, 2007: 365)

Hornstein nota que essa proposta não gera estruturas que violam a Condição de Inclusividade (Chomsky, 1995), que diz que material semanticamente ativo não pode ser adicionado durante a derivação, a menos que ele faça parte da numeração. Uma vez que reflexivos e pronomes ligados são entendidos como formativos gramaticais, eles são elementos semanticamente inertes. Portanto, para Hornstein, a “inserção” desses elementos não viola a Condição de Inclusividade.

Em relação às relativas, Hornstein ilustra o uso de um pronome na posição relativizada em francês.

68.

- a. L’homme [sur qui_i tu te fies t_i]]
the-man on whom you rely yourself
o-homem em quem você REFL confia
- b. L’homme [que 0_i [tu as vu t_i]]
the-man that you have seen
o-homem que você AUX ver(PRT)
- c. L’homme [qui 0_i [t_i est venu]]
the-man who came
o-homem quem AUX vir(PRT)

69.

- a. Un gars que je me fierais sur lui
A guy that I rely myself on him
um rapaz que eu REFL confio em ele
- b. ?? L’homme que je l’ai vu
the-man that I him have seen
o-homem que eu ele-AUX ver(PRT)

- c. ?? La fille qu'elle est venue
 the girl that she came
 a menina que-ela AUX vir(PRT)

(Hornstein, 2007: 366)

Os exemplos em (68a) e em (69a) são relativas de objeto preposicionado. O primeiro exemplo ilustra a estratégia padrão, em que há *pied-piping* preposicional, enquanto que o segundo nos mostra que, no caso de a preposição não ser alçada, um pronome deve ser utilizado. Isto ocorre uma vez que o francês é uma língua que não admite a estratégia de *prepositional stranding*. Em (68b-c), vemos relativas em que há movimento e que são gramaticalmente aceitáveis. Por sua vez, os exemplos em (69b-c) contêm um pronome resumptivo, degradando essas sentenças. Portanto, na análise proposta por Hornstein (2007), o pronome resumptivo é usado para salvar uma derivação que seria agramatical, como em relativas sem *pied-piping* preposicional. Em relativas derivadas por meio de movimento, o uso de um resumptivo degradaria a sentença, como vemos em (69b-c).

Com base nessa proposta, Lessa de Oliveira (2008) propõe que as crianças adquirindo as relativas em PB não encontram problemas com a estratégia padrão no que diz respeito as relativas de sujeito e de objeto direto. Segundo a autora:

“...num contexto como o das relativas de objeto direto sem envolvimento de ilha, a preferência será para a estratégia de movimento (a padrão). Quanto às relativas de sujeito, estas apresentam um contexto ainda mais favorável à estratégia padrão, uma vez que [...] vários estudos mostram que não existe resumptivo nulo em posição de sujeito em PB.”

(Lessa de Oliveira, 2008: 168)

Finalmente, no que diz respeito às relativas preposicionadas, a autora fundamenta sua análise em Roeper (2003). Segundo o autor, as sentenças em (70) envolvem a checagem de um traço [+Qu]. Para que isso ocorra, em (70a), o constituinte movido é transposto para se encontrar o traço [+Qu]. Por sua vez, em (70b), a checagem do traço [+Qu] acontece envolvendo o menor número de nódulos possível. Ou seja, para o autor, isso poderia explicar a preferência de falantes por

construções com uma preposição órfã (70b), que seriam, segundo essa proposta, uma estrutura menos complexa do que aquelas envolvendo o alçamento da preposição (70a).

70.

a. [a picture of whom] did he see

b. [who] did he see a picture of

(Roeper, 2003: 5-6)

Roeper observa que a “profundidade” de um traço [+Qu] também está relacionada a alguns casos de agramaticalidade, como o observado em (71b).

71.

- a. I wonder who you have a picture of.
- b. *I wonder a picture of whom you have.

(Roeper, 2003: 6)

Para capturar a preferência por (70b) a (70a) e a agramaticalidade de (71b) em comparação a (71a), Roeper discute as noções de *Attract* e *Path*, originalmente propostas em Fitzpatrick (2002)²⁷:

72. *Attract Closest C-Command*:

Mova o menor constituinte contendo o traço pertinente para o domínio de checagem.

73. *Path Quantification*:

Escolha o percurso mais curto na árvore entre o constituinte com o traço pertinente e o domínio de checagem.

A preferência por (70b) e a gramaticalidade de (71a) são capturadas pela noção de *Attract*, enquanto que *Path* explicaria a gramaticalidade de (70a). Já (71b) é agramatical uma vez que *wonder* requer que o traço [+Qu] seja checado imediatamente.

“...wonder seeks visible immediate satisfaction of subcategorized information.”

(Roeper, 2003: 7)

Segundo Roeper, essas duas noções são ligadas à economia e se relacionam a diferentes módulos da gramática. Em (70), observamos que ambas as sentenças são gramaticais e apresentam diferentes leituras. Na primeira, há uma leitura de escopo

²⁷ De acordo com Roeper (2003: 7):

- (i) *Attract Closest C-Command*:
G is the closest category in the sister of H iff there is no distinct category K such that K c-commands G and K bears a feature matching F.
- (ii) *Path Quantification*:
G is the closest category in the sister of H iff there is no category K bearing a feature matching F such that the path P' that would result from movement of K is smaller than the path P that would result from movement of G.

largo (uma foto ou um quadro qualquer), enquanto que a segunda possui uma leitura de escopo estreito (uma foto ou um quadro particular que alguém quer ver). Desta forma, Roeper explica que *Path* pode ser invocado, mesmo assumindo que *Attract* seja a opção sintaticamente mais econômica.

Com relação à aquisição das relativas preposicionais em PB, Lessa-de-Oliveira (2008) propõe que a dificuldade inerente ao alçamento da preposição na derivação de uma relativa é evitada na estratégia não-padrão, uma vez que o elemento alçado não é um PP, mas um DP (assim como nas relativas de sujeito e de objeto direto, na estratégia padrão).

“...a aquisição da relativa com pied-piping preposicional é preterida tanto em línguas de pied-piping obrigatório, [...] quanto em línguas que admitem prepositional-stranding...”

(Lessa-de-Oliveira, 2008: 177)

Podemos concluir, com base nessa proposta, que as relativas com *pied-piping* preposicional não são observadas nas produções infantis, pois elas são mais difíceis para as crianças, uma vez que *pied-piping* preposicional envolve a noção de *Path*, que, segundo Roeper, é menos econômica do que *Attract*. A produção desse tipo de relativa pelas crianças envolve apenas as estratégias não-padrão.²⁸

Uma vez que as relativas preposicionadas são derivadas por meio das estratégias não-padrão, podemos esperar que as relativas com *pied-piping* preposicional sejam um artefato prescritivo, conforme propõem Guasti e Cardinaletti (2003), aprendido durante os anos escolares. De fato, Corrêa (1998) estuda a produção oral e escrita de diversos informantes em PB, entre não escolarizados, alunos do Ensino Fundamental e Médio, alunos universitários e professores, e conclui que as relativas com *pied-piping* preposicional apenas são

²⁸ Os dados de aquisição e a análise da estrutura das relativas apositivas em PB em Lessa-de-Oliveira (2008) sugerem que essas construções somente são derivadas por meio da estratégia padrão, além de serem adquiridas cedo. Em vista de nossos dados e análise, podemos nos perguntar por que a estratégia padrão é adquirida cedo para as relativas apositivas preposicionadas, enquanto que *pied-piping* preposicional nas relativas restritivas dependem de seu ensino formal. Foge ao escopo de nosso trabalho investigar a diferença entre esses dois tipos de relativas e os possíveis motivos pelos quais a aquisição da estratégia padrão para as relativas preposicionadas ocorre independentemente de seu ensino formal para as relativas apositivas, mas não para as relativas restritivas.

aprendidas nos anos finais do Ensino Médio. Para a autora, essas relativas requerem o ensino formal de sua estrutura e uso.

Iniciamos esta seção apresentando o trabalho de Labelle (1990), que propõe que a gramática infantil gera orações relativas sem movimento-Qu e que apenas na gramática adulta, as relativas são derivadas via movimento. Sua motivação está no fato de as crianças não produzirem relativas preposicionadas em francês canadense, mas serem capazes de produzir interrogativas-Qu com *pied-piping* preposicional, além da produção ilícita de resumptivos nas orações relativas. Em sua proposta, Labelle defende a tese de que, até os 6 anos de idade, as crianças produzem relativas por meio de uma regra de predicação. Questionamos alguns pontos de sua análise, como a assimetria entre interrogativas-Qu e relativas que envolvem *pied-piping* preposicional, e a razão e a maneira pela qual as crianças abandonariam uma operação de relativização com base na predicação, para relativizar por meio de movimento. Em seguida, apresentamos os estudos de Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003), que refutam a tese de Labelle (1990) e propõem que a relativização ocorre por meio de alçamento à la Kayne (1994). Em Guasti e Shlonsky (1995), a aquisição das relativas preposicionadas depende da maturação de operadores relativos, que não estão presentes na gramática infantil. Entretanto, os autores não deixam claro qual seria a diferença entre as relativas não-padrão na gramática infantil e as relativas não-padrão em francês adulto. Por sua vez, Guasti e Cardinaletti (2003) propõem que não há diferença entre o conhecimento adulto e o conhecimento das crianças quanto às orações relativas e que as relativas preposicionadas são aprendidas em um processo semelhante ao aprendizado de uma segunda língua. A ausência de relativas preposicionadas na gramática infantil possui uma relação direta com a ausência desse tipo de construção na fala adulta.

Em relação às relativas do PB, inicialmente apresentamos o trabalho de Grolla (2000), cujos dados longitudinais indicam a ausência de resumptivos nas relativas durante os anos iniciais de vida da criança estudada. A ocorrência de itens resumptivos só foi atestada após os 3;0 anos de idade como complementos preposicionais. Com base em Shlonsky (1992), que analisa resumptivos como estratégias de último recurso, Grolla propõe 3 estágios diferentes para a aquisição desses itens. Em um primeiro momento, a criança não utiliza resumptivos em

contextos de aparente alternância entre vestígio de movimento e pronome resumptivo. No segundo estágio, os resumptivos abertos são identificados. Os resumptivos nulos dependem de uma análise mais profunda quanto sua distribuição na língua. Apenas no terceiro estágio, os resumptivos nulos são adquiridos e construções envolvendo a alternância entre resumptivo aberto e resumptivo nulo passam a ser lícitas na gramática infantil. Ainda sobre as relativas do PB, apresentamos o trabalho de Lessa de Oliveira (2008), que investiga dados longitudinais de três crianças baianas, e sugere, com base em Hornstein (2007), que a estratégia de movimento é a primeira a ser adquirida pelas crianças (com relação às relativas de sujeito e de objeto direto), em consonância com Grolla (2000, 2005b). Lessa de Oliveira propõe, com Roeper (2003), que as relativas com *pied-piping* preposicional são preteridas uma vez que sua derivação envolve a noção de *Path*, que segundo Roeper é uma noção menos econômica que *Attract* (sendo esta última relacionada a construções com *preposition stranding*).

Em vista dos trabalhos apresentados aqui, assumiremos que as crianças utilizam a operação de movimento na derivação de orações relativas durante sua aquisição. Conforme os estudos de Grolla (2000, 2005b) e Lessa de Oliveira (2008), assumiremos também que as crianças são capazes de processar e produzir relativas de sujeito e objeto direto, enquanto que as relativas de objeto preposicionado não são produzidas por meio da estratégia padrão, apenas com um resumptivo. As relativas de objeto preposicionado são um artefato prescritivo, aprendidas durante os anos finais do Ensino Médio, como observado em Corrêa (1998). Com Guasti e Cardinaletti (2003), assumiremos que o aprendizado das relativas de objeto preposicionado envolvendo *pied-piping* preposicional acontece de modo similar ao aprendizado de uma segunda língua.

Essa última observação vai ao encontro da previsão (9c), na introdução desta dissertação, que diz que não haverá produção de relativas com alçamentos *pied-piping* preposicional (ou que o número de produções com essa estrutura será próximo de zero).

Na seção subsequente, discutiremos a proposta que relaciona a dificuldade no processamento e na produção de relativas de objeto com a característica estrutural do sujeito da oração subordinada.

2.4. O sujeito interveniente

Muitos estudos sobre a produção e o processamento das orações relativas analisam a assimetria observada entre as relativas de sujeito e as relativas de objeto direto. Estudos recentes oferecem propostas focadas nas características estruturais dos argumentos envolvidos nas orações relativas. Mais especificamente, esses estudos analisam a interveniência entre a posição em que o elemento relativizado é interpretado dentro da oração subordinada e a posição para onde esse mesmo elemento é movido (Belletti e Contemori, 2010; Belletti e Chesi, 2011; Belletti et al., 2012; Bentea et al., 2016; Friedmann et al. 2009, Utzeri, 2007; entre outros).

Em uma série de experimentos envolvendo movimento-A' e as posições de sujeito e objeto direto, Friedmann, Belletti e Rizzi (2009) estudam a produção e a compreensão de orações relativas, além da compreensão de interrogativas-Qu, em hebraico. 22 crianças falantes nativas de hebraico, entre 3;7 e 5;0 de idade participaram dos experimentos.

Nos experimentos sobre a compreensão das relativas, os pesquisadores utilizaram duas tarefas. A primeira envolvia 14 pares de figuras, enquanto que a segunda envolvia 7 pares de cenários com animais de brinquedo. Os tipos de relativas testadas foram a de sujeito (74a), de objeto direto com e sem um pronome resumptivo (74b–c), relativas livres de sujeito e objeto direto (74d–e), e relativas de objeto direto com um *pro* com referência arbitrária na posição de sujeito (74f).

74.

- a. Tare li et ha-para she-menasheket et ha-tarnegolet.
 show to-me ACC the-cow that-kisses ACC the-chicken
 mostre para-mim ACC a-vaca que-beija ACC a galinha
- b. Tare li et ha-pil she-ha-arie martiv.
 show to-me ACC the-elephant that-the-lion wets
 mostre para-mim ACC o-elefante que-o-leão molha
- c. Tare li et ha-kof she-ha-yeled mexabek oto.
 show to-me ACC the-monkey that-the-boy hugs him
 mostre para-mim ACC o-macaco que-o-menino abraça ele

- d. Tare li et mi she-martiv et ha-yeled.
 show to-me ACC who that-wets ACC the-boy
 mostre para-mim ACC quem que-molha ACC o-menino
- e. Tare li et mi she-ha-yeled menadned.
 show to-me ACC who that-the-boy swings
 mostre para-mim ACC quem que-o-menino balança
- f. Tare li et ha-sus she-mesarkim oto.
 show to-me ACC the-horse that-brush-pl him
 mostre para-mim ACC o-cavalo que-escovam ele

(Friedmann et al., 2009: 70-75)

No experimento que eliciou orações relativas, as crianças foram convidadas a participar de um jogo com dois pares idênticos de animais de brinquedo. Um pesquisador apresenta uma situação com um dos pares de animais e depois, com o outro par de animais, a mesma situação é apresentada, mas com papéis invertidos. Enquanto isso, um segundo pesquisador fica na frente da criança, apenas observando a apresentação. Em seguida, o segundo pesquisador venda seus próprios olhos, para que ele não possa ver os pares de animais. Assim, o primeiro pesquisador aponta para um dos animais, pedindo para que a criança o descreva para o pesquisador com os olhos vendados.

De acordo com os autores, os dados coletados nos testes de compreensão de relativas sugerem que as crianças têm dificuldade com o alçamento da posição de objeto direto. A tabela 1 (reproduzida de Friedmann et al. 2009: 76) mostra a porcentagem de respostas corretas e o número de crianças que se comportaram acima do nível de chance.

- Sentença produzida: Ha-jirafa she-hifsida.
the-giraffe that-lost
a-girafa que-perdeu
- b. Sentença alvo: Ha-pil she-ha-arie hexbi.
the-elephant that-the-lion hid(transitive)
o-elefante que-o-leão escondeu(transitivo)
- Sentença produzida: Ha-pil she-hitxabe.
the-elephant that-hid(reflexive)
o-elefante que-escondeu-REFL
- c. Sentença alvo: Ha-ez she-ha-gorila litfa.
the-goat that-the-gorilla patted
a-cabra que-o-gorila acariciou
- Sentença produzida: Ha-ez she-lifta et ha-gorila.
the-goat that-patted ACC the-gorilla
a-cabra que-acariciou ACC o-gorila
- (Friedmann et al., 2009: 81)

Para explicar essa dificuldade na compreensão das relativas de objeto e a preferência pela produção de relativas de sujeito, primeiramente Friedmann et al. observam que as relativas consideradas “problemáticas” em seu estudo apresentam uma característica em comum, a saber: a presença de um sujeito com o mesmo traço [+NP] do elemento alçado. Isto é, o sujeito da relativa e o objeto relativizado possuem as mesmas características sintáticas. Para os autores, na gramática infantil, esse sujeito atua como um elemento interveniente para a relativização do objeto. Essa observação condiz com o que foi observado no experimento envolvendo relativas livres e no experimento envolvendo um *pro* com referência arbitrária na posição de sujeito. Nesses dois experimentos, o sujeito da relativa não causaria um efeito de interveniência. No primeiro caso, o sujeito da relativa é um DP que contém um elemento NP, enquanto que o elemento alçado é um elemento-Qu sem um complemento NP (cf. 74e). No segundo caso, o objeto relativizado contém um elemento NP e seu movimento cruza um *pro*, que não possui um elemento NP. Isto

é, nesses dois casos o sujeito da relativa e o objeto relativizado possuem características sintáticas distintas.

O quadro abaixo ilustra os tipos de relativas testadas pelos autores, a estrutura subjacente relativa a cada uma delas juntamente com o local de origem de movimento do elemento relativizado, além do julgamento previsto que as crianças devem fornecer, de acordo com essa hipótese.

Quadro 1: Resumo dos resultados experimentais acerca das construções relativas em Friedmann et al. (2009: 81).

Tipo de relativa	Estrutura					Gramaticalidade
	(Spec CP ... Sujeito ... Objeto)					
Rel. de sujeito	[D NP] _i	...	<i>t_i</i>	...	[D NP]	ok
Rel. de objeto	[D NP] _i	...	[D NP]	...	<i>t_i</i>	*
Rel. de obj. c/ resump.	[D NP] _i	...	[D NP]	...	pron. resump.	*
Rel. livre de sujeito	[Qu] _i	...	<i>t_i</i>	...	[D NP]	ok
Rel. livre de objeto	[Qu] _i	...	[D NP]	...	<i>t_i</i>	ok
Rel. de objeto c/ <i>pro</i>	[D NP] _i	...	<i>pro</i>	...	<i>t_i</i>	ok

Os autores verificam as previsões acima e propõem que as crianças têm problemas com as relativas de objeto com e sem um pronome resumptivo (aberto) uma vez que, em sua análise, o movimento do elemento relativizado de dentro de oração subordinada para a posição de pouso em CP cruza um sujeito que possui as mesmas características sintáticas. Para Friedmann et al., a característica relevante para explicar o problema das crianças com as relativas de objeto reside no fato de ambos o sujeito da subordinada e o objeto relativizado conterem o traço [+NP]. Os autores comentam que esse efeito de interveniência remete a violações de Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990).

Como mencionado no capítulo 1, o princípio de Minimalidade Relativizada diz que uma relação entre X e Y em (76a) abaixo não pode acontecer se Z é um candidato em potencial para a relação local. Em outras palavras, se tanto Y como Z podem se mover para satisfazer a checagem de traços de X, o movimento de Z bloqueia o movimento de Y por estabelecer uma relação sintática mais próxima. A agramaticalidade de (76b) é explicada pela interveniência de *what*, bloqueando o

movimento-A' de *who* para o Spec CP da matriz. Em (76c), o super-alçamento de *the bus* é bloqueado por *it*, cujo movimento estabeleceria uma relação mais local.

76.

- a. X ... Z ... Y
- b. *[What]_i do you think [[who] bought t_i]?
- c. *[The bus]_i seems that it is likely [t_i to be late].

A discrepância observada entre os dados infantis e adultos nos experimentos em Friedmann et al., segundo os autores, se deve ao fato de que as crianças aderem a uma versão mais rigorosa de Minimalidade Relativizada. Essa versão mais rigorosa do princípio atua de maneira disjunta sobre o feixe de traços do elemento a ser movido. Isto é, enquanto a gramática adulta permite que um elemento seja computado para fins de movimento com base em todo um feixe de traços, a gramática infantil é violada quando uma parte desses traços é igual. A proposta é exemplificada no quadro abaixo, no qual os itens à esquerda representam o(s) traço(s) sintático(s) presente(s) no elemento movido.

Quadro 2: Proposta em Friedmann et al. (2009: 84)

					Gramática adulta	Gramática infantil	
+A	...	+A	...	<+A>	*	*	identidade
+A, +B	...	+A	...	<+A, +B>	✓	*	inclusão
+A	...	+B	...	<+A>	✓	✓	disjunção

Na gramática adulta, Minimalidade Relativizada se aplica em contextos em que os elementos computados possuem traços idênticos para desencadear movimento, como ilustrado na linha 1 do quadro acima. Na gramática infantil, o mesmo princípio atua de forma mais rígida, bastando que um dos traços que desencadeiam movimento esteja presente em ambos os elementos computados (na gramática adulta, essa relação de inclusão não é computada para fins de Minimalidade Relativizada).

Ou seja, na proposta dos autores, a gramática infantil não possibilita o alçamento do DP da posição de objeto para uma posição mais alta na derivação de

uma relativa, uma vez que o DP sujeito, um candidato em potencial para uma relação mais local, está disponível para isso.

Quadro 3: Resumo da proposta em Friedmann et al. (2009: 84) acerca dos tipos de intervenção em construções relativas nas gramáticas adulta e infantil.

Movimento de um elemento com o traço [+NP]					Gramática adulta	Gramática infantil
[+NP]	...	[+NP]	...	<i>t</i>	*	*
[+NP] _{rel.}	...	[+NP]	...	<i>t</i>	✓	*
[+NP] _(rel.)	...	[+XP]	...	<i>t</i>	✓	✓

O estudo de Friedmann et al. (2009) originou uma série de outros estudos sobre relativização e intervenção que trazem confirmação empírica para a proposta de intervenção nas relativas (Adani, 2008; Belletti, 2009; Belletti e Chesi, 2011; Belletti e Contemori, 2010; Belletti e Rizzi (2013); Belletti et al., 2012; Bentea et al., 2016; Friedmann e Costa, 2010; entre outros). No entanto, há dois pontos discutíveis nesse estudo. Primeiramente, no que diz respeito às porcentagens de respostas certas nos testes sobre as relativas de objeto com e sem um pronome resumptivo – precisamente, os dados que baseiam o estudo em Friedmann et al. (2009) (cf. quadro 1) –, a tarefa envolvendo os pares de animais de brinquedo não se mostrou tão eficiente, uma vez que, por vezes, as crianças preferiram brincar com os objetos a executar a tarefa proposta. A diferença nos resultados obtidos nas duas tarefas faz com que a média de relativas de objeto, com e sem um resumptivo, seja mais baixa, causando uma maior discrepância nos resultados finais.

Em segundo lugar, se esse princípio interfere na compreensão e na produção das orações relativas de objeto direto, por que esse princípio não bloqueia as orações relativas totalmente, assim como Minimalidade Relativizada bloqueia sentenças como (74b-c)? Isto é, essa extensão do princípio é apenas aplicada parcialmente? Como explicar a taxa de acertos e de produções que as crianças obtiveram? Considerando que os resultados experimentais de outros estudos também indicam que as crianças produzem e compreendem relativas de objeto direto, podemos nos questionar se esse princípio realmente se aplica à produção e à compreensão de relativas. Se esse princípio é operativo na gramática, esperaríamos que a produção de relativas de objeto fosse bloqueada. Da mesma

forma, esperaríamos que o índice de acertos nas tarefas envolvendo relativas de objeto fosse (próximo de) zero. Por outro lado, se a proposta dos autores se aplicar ao processamento sintático dessas relativas, poderíamos esperar um desempenho mais próximo do que foi encontrado em Friedmann et al (2009). No entanto, os autores parecem não se comprometerem com uma análise de processamento sintático de forma clara, sugerindo que “Minimalidade Relativizada Estendida” ainda não está claramente definido.

“...clearly, disjointness is easier to determine, as it can be calculated feature by feature, whereas calculating a subset-superset relation requires holding in operative memory and comparing the whole featural specifications associated to different positions, an operation which may exceed the capacity of the early systems...”

(Friedmann et al., 2009: 84)

Se por um lado este tema rende diversos trabalhos para a pesquisa sobre as orações relativas (e outras construções envolvendo dependências-A’), por outro há um consenso no que diz respeito à dificuldade das crianças com as orações relativas de objeto e à preferência pelas relativas de sujeito, como uma maneira de evitar a relativização de objeto. Grolla e Augusto (2016) apontam para este fato e comentam que diferentes línguas utilizam diferentes estratégias para evitar as relativas de objeto a depender de aspectos específicos de cada língua.

“...children resort to different strategies in order to avoid object relatives in production. Although this seems to be a general trend among languages, the specific alternative strategies resorted to vary from language to language, depending on language specific aspects.”

(Grolla e Augusto, 2016: 46)

Grolla e Augusto (2016) conduziram um experimento com crianças de 4 e 5 anos de idade, falantes de PB. Com base nos dados de uma tarefa de produção eliciada com pares figuras, as autoras propõem que o desempenho de crianças em tarefas envolvendo a produção de orações relativas depende da complexidade das estruturas disponíveis para elas.

Grolla e Augusto observam que estudos em diferentes línguas sugerem que as crianças utilizam construções variadas para evitar uma relativa de objeto. Por exemplo, em italiano (cf. (77a)), as crianças entre 3;4 e 6;5 anos de idade utilizam relativas de sujeito como uma estratégia de esquiva. Em francês e alemão, as crianças utilizam pronomes específicos, respectivamente *où* e *wo* (equivalentes a *onde* em PB), no lugar de um morfema relativo normalmente usado nessas línguas (cf. (77b-c)).

77.

- a. Sentença alvo: Vorrei essere il bambino che l'elefante bagna.
 I would rather be the child that the elephant wets.
 Gostaria ser o menino que o-elefante molha
 Produção: Voglio essere la bambina che si bagna.
 I would rather be the child that is getting wet.
 Quero ser a menina que se molha
 (Belletti e Contemori, 2010: 5)
- b. Sentença alvo: Das Pferd, das der Junge reitet, ist jetzt rot.
 the horse that the boy rides is red.
 o cavalo que o menino cavalga é vermelho
 Produção: Das Pferd, wo der Junge reitet, ist rot.
 The horse where the boy rides is red.
 o cavalo onde o menino cavalga é vermelho.
 (Adani, Sehm e Zukowski, 2012: 7)
- c. Sentença alvo: Touche l'orange que la dame a pris pour faire le jus.
 Touch the orange that the lady took to make juice.
 toque a-laranja que a mulher AUX pegar(PRT) para fazer o suco
 Produção: Touche l'orange où la dame a pris pour faire le jus.
 Touch the orange where the lady took to make juice.
 toque a-laranja onde a mulher AUX pegar(PRT) para fazer o suco
 (Guasti e Cardinaletti, 2003: 67)

As autoras também comentam que, de acordo com Utzeri (2007), crianças mais velhas (de 6 a 11 anos de idade) e adultos falantes de italiano frequentemente usam passivas e construções “*si-fa*” (cf. (78)).

78.

- a. Sentença alvo: Vorrei essere il bambino che l'elefante solleva.
 I would rather be the child that the elephant lifts.
 Gostaria ser o menino que o-elefante ergue
- Produção: Voglio essere la bambina che viene sollevato dall'elefante.
 I would rather be the child that is lifted by the elephant.
 Quero ser a menina que é levantada pelo-elefante
- b. Sentença alvo: Il bambino che il re pettina.
 The child that the king combs.
 o menino que o rei penteia
- Produção: Il bambino che si fa pettinare dal re.
 The child that makes himself comb by the king.
 o menino que se faz pentear pelo rei.

(Utzeri, 2007: 298-299)

Considerando que o uso dessas estruturas pode indicar que as crianças evitam construções envolvendo um elemento interveniente à la Friedmann et al. (2009), e também que as crianças mais novas não utilizam construções com a voz passiva tão frequentemente quanto as crianças mais velhas, Grolla e Augusto investigam a possibilidade de crianças de 4 e 5 anos utilizarem a construção absoluta (Negrão e Viotti, 2010) em seu experimento. Essa construção, que é superficialmente similar às passivas, é analisada por Negrão e Viotti como uma estrutura envolvendo a ordem SV, em que o objeto direto de um verbo prototipicamente transitivo e agentivo é promovido à posição pré-verbal. Essa construção apresenta concordância entre o argumento promovido à posição de sujeito sintático e o verbo.²⁹

²⁹ Para um trabalho sobre a aquisição das absolutas em PB, com dados experimentais, cf. Rezende (2016).

Por se tratar de uma construção “nova” do PB, Grolla e Augusto a exemplificam e notam que, em Português Europeu, essa construção é julgada como agramatical.

79.

- a. A casa está pintando/construindo.
- b. Esse trem já perdeu.
- c. A cada um minuto, quatro coisas vendem.
- d. Meu jardim destruiu todo com a reforma.
- e. A Maria operou.

(Grolla e Augusto, 2016: 39)

As autoras também comparam essa construção com outras construções do PB de modo a estabelecer, por um processo de eliminação, o que essa construção não é. Vejamos os pares de exemplos abaixo:

80.

- a. O jardim foi destruído pela reforma.
- a'. *O jardim destruiu pela reforma.
- b. O jardim foi destruído pra aborrecer a Maria.
- b'. *O jardim destruiu pra aborrecer a Maria.
- c. A porta (se) abriu.
- c'. *O jardim se destruiu.
- d. Esse livro, quando você comprou?
- d'. *Meu jardim quando destruiu?
- e. *pro* destruíram meu jardim.
- e'. *Meu jardim *pro* destruíram.

(Grolla e Augusto, 2016: 40-41)

Em (80a-b), vemos construções passivas e absolutas. No primeiro caso, (80a-a'), vemos que o argumento externo pode ser realizado por meio de uma *by-phrase* (=pela reforma) apenas nas construções passivas. No segundo caso, (80b-b'), vemos que as passivas aceitam que o argumento externo esteja implícito, enquanto que nas

construções absolutas o argumento externo sequer é projetado. A primeira conclusão é que as absolutas não são passivas com morfologia empobrecida. As sentenças em (80c-c') indicam que as absolutas também não são um tipo de construção anticausativa (que são formadas por um verbo, opcionalmente, precedido do clítico *se* em PB). Em PB, temos interrogativas-Qu com um argumento topicalizado, como em (80d). A agramaticalidade em (80d') indica que as construções absolutas não aceitam que o argumento interno apareça antes do elemento-Qu, sugerindo que elas também não são um tipo de topicalização. Finalmente, Grolla e Augusto comentam que as absolutas não são construções impessoais (com um sujeito nulo e concordância em terceira pessoa do plural). Nas absolutas, o verbo concorda com o argumento interno (cf. (80e-e')).

Após excluírem essas possibilidades, as autoras assumem, com Negrão e Viotti (2010), que as construções absolutas possuem a estrutura em (81) e as características em (82):

81.

(Negrão e Viotti, 2010: 57)

82.

- a. O argumento interno é complemento de V;
- b. *v* não é projetado, uma vez que as construções absolutas não envolvem agentividade;

- c. O argumento interno concorda com o núcleo T e é atribuído Caso nominativo, sendo movido para uma posição fora de VP.

De acordo com essa análise, as construções absolutas possuem um ponto em comum com as construções passivas: o argumento interno é movido para uma posição pré-verbal e concorda com o verbo. Seguindo essa análise, Grolla e Augusto comparam as duas construções, assumindo que as absolutas são estruturalmente “mais simples” do que as passivas por três motivos: as absolutas não projetam vP, não envolvem a marcação do particípio no verbo e não envolvem a operação de *smuggling*³⁰. Uma vez que o sujeito de ambas as construções pode ser relativizado (como em “*o jardim que destruiu*”), as autoras preveem que, em seu experimento de eliciação de relativas, as crianças utilizarão essa estrutura como uma estratégia de esquiva para a relativização de objeto direto.

Nos dois grupos de crianças estudados pelas autoras (de 4 e 5 anos de idade), foi constatado o uso de construções absolutas: 26,25% e 28,75%, respectivamente nos grupos de 4 e 5 anos. Por sua vez, os adultos do estudo produziram apenas 1,25% de relativas contendo construções absolutas. Com relação ao uso de passivas,

³⁰ De acordo com a proposta de *smuggling* de Collins (2004), o objeto direto de um verbo transitivo internamente concatenado em VP não pode se mover diretamente para Spec IP, pois o DP na posição de sujeito intervém no movimento do objeto direto. Para evitar a intervenção, a proposta prevê o alçamento de um constituinte contendo [_{VP} V DP_{obj}], evitando um problema de interveniência com o DP_{subj}. Assumindo que *by* ocupa uma posição acima de vP, o constituinte contendo [_{VP} V + DP_{obj}] é movido para a posição de especificador da projeção de *by*. A estrutura de uma passiva via *smuggling* é dada abaixo:

(Collins, 2004: 9)

Uma vez que todo o sintagma contendo o DP_{obj} é movida para uma posição acima de DP_{subj}, o DP_{obj} é alçado sem violações de localidade.

enquanto as crianças de 4 anos não produziram nenhuma passiva, as crianças de 5 anos e os adultos utilizaram respectivamente 11,25% e 40% de relativas contendo uma construção passiva. Já o uso de relativas de objeto direto contendo uma lacuna na posição pós-verbal foi de 36,25% no grupo de crianças de 4 anos, 28,75% no grupo de crianças de 5 anos e 42,5% no grupo de adultos.

Para Grolla e Augusto, esses números sugerem que o custo associado à construção passiva está ligado à sua ausência nas produções das crianças de 4 anos. As autoras sugerem que o uso de construções absolutas pelos grupos de crianças está associado à ideia de que as absolutas são mais simples do que as passivas, sendo que o custo de produção de uma passiva como um todo é mais complexa.

Para as autoras, o movimento-A' da posição de objeto direto é mais custoso do que o movimento da posição de sujeito, sendo que a passiva é uma estrutura que evita esse custo.³¹ No entanto, há um certo custo para o processamento e a produção dessa estrutura, de acordo com as autoras, provavelmente ligado ao movimento-A, geralmente assumido para essa estrutura (cf. nota 30). A conclusão é a seguinte:

"The absolute construction avoids both costs, since there is no intervening element for the A-movement (no external argument is projected) and consequently a less costly A'-movement may be employed."

(Grolla e Augusto, 2016: 47)

A preferência por relativas de sujeito pode ser explicada com base na proposta de Princípio da Cadeia Mínima (*Minimal Chain Principle*, doravante MCP), de De Vincenzi (1991). Essa proposta é baseada na ideia de que cadeias, geradas por movimento, são custosas para o processamento sintático, uma vez que o *parser* tenta completar uma computação envolvendo uma cadeia o mais rápido possível. Isto é, assim que uma evidência de existência de uma cadeia é encontrada, o *parser* não deve demorar para identificar os membros dessa cadeia. De acordo com a autora:

³¹ Apesar de as crianças utilizarem estratégias de esquiva em detrimento das relativas de objeto direto, o uso de relativas de objeto direto é atestado nas produções infantis em diferentes línguas. Além dos dados do PB em Grolla e Augusto (2016), Belletti e Contemori (2010) reportam que crianças de 4 anos, falantes de italiano, utilizam relativas de objeto direto em 50% de suas produções e que as passivas começam a ser usadas por volta dos 5 anos de idade, assim como nos dados de Grolla e Augusto.

“Avoid postulating unnecessary chain members [...], but do not delay required chain members.”

(De Vincenzi, 1991: 13)

Com relação às orações relativas, o MCP prevê que, além de identificar o núcleo relativizado, o *parser* postule a existência de uma lacuna na posição argumental mais próxima à posição em que o núcleo relativizado está. Com isso, a “resolução” da cadeia pode ser feita o mais rápido possível pelo *parser*, reduzindo custos de processamento relacionados à postulação de cadeias na relativização.

Para finalizar, nesta seção apresentamos o estudo de Friedmann et al. 2009, que originou outros estudos sobre a questão da intervenção em relativas. Sua proposta de extensão do princípio de Minimalidade Relativizada rendeu diversos estudos relacionados à produção e compreensão das relativas por crianças. Apesar de haver consenso no que diz respeito ao uso de estratégias de esquiva de modo a evitar uma relativa de objeto, a aplicação de uma versão do princípio de Minimalidade Relativizada para explicar esse comportamento é questionável. Se verificamos que há produção de relativas de objeto por crianças, podemos dizer que (a extensão de) Minimalidade Relativizada não bloqueia essas construções. Em outras palavras, a extensão desse princípio não deve ser operativa na gramática. Outros fatores podem estar em jogo na produção e na compreensão de relativas de objeto por crianças, como a preferência por relações sintáticas mais locais, como prevê o MCP, de de Vincenzi (1991). Essa preferência por relações mais locais resulta no uso de estratégias de esquiva em detrimento das relativas de objeto. Essas estratégias incluem a passivização da oração encaixada, promovendo o argumento na posição de objeto direto para a posição de sujeito. Conforme vimos nos dados do PB em Grolla e Augusto (2016), os adultos utilizam as passivas como uma estratégia de esquiva de relativas de objeto, enquanto que os dados de crianças de 4 e 5 anos de idade indicam uma preferência pelo uso de construções absolutas como estratégia de esquiva (possivelmente, devido à complexidade derivacional envolvida na derivação das passivas).

A próxima seção é dedicada à apresentação de um outro fator relacionado à assimetria observada na produção e compreensão das relativas de sujeito e objeto

direto, a saber: o efeito do traço de animacidade no comportamento dos sujeitos de pesquisa em estudos experimentais.

2.5. O traço de animacidade nas orações relativas

Alguns estudos, como Bentea et al. (2016), Gennari e Macdonald (2007), Mak et al. (2002, 2006), entre outros, investigam o papel do traço de animacidade nos argumentos envolvidos em uma sentença relativa e como isso influencia o desempenho dos sujeitos em tarefas de produção e compreensão de relativas de objeto. Por exemplo, em um estudo envolvendo a leitura monitorada de sentenças, Gennari e Macdonald (2007) observam que seus sujeitos de pesquisa registram diferentes tempos de leitura a depender da configuração dos traços de animacidade dos núcleos nominais nas sentenças. Nesse estudo, as orações relativas de objeto com o núcleo relativizado [-animado] e o sujeito interno à oração encaixada [+animado] apresentam tempos de leitura menores do que relativas de objeto com uma configuração de animacidade inversa, i.e. relativas de objeto com o núcleo [+animado] e o sujeito da encaixada [-animado].

Gennari e Macdonald comentam que as relativas de objeto que apresentaram um tempo de leitura menor entre os sujeitos de pesquisa são processadas tão facilmente quanto as orações relativas de sujeito. Esses dados levam as autoras a concluir que a dificuldade observada nas relativas de objeto possui uma relação direta com a manipulação do traço de animacidade do sujeito da encaixada e do núcleo relativizado. Uma vez que o traço [+animado] é comumente encontrado na posição de sujeito, quando o núcleo relativizado contém o traço [+animado], é esperado que ele seja o agente ou o experienciador do verbo da subordinada, papéis temáticos geralmente atribuídos a sujeitos. Ao encontrar um núcleo [-animado] na posição de sujeito da subordinada, a expectativa do leitor não é correspondida, em um primeiro momento, e o leitor deve encontrar alguma maneira de resolver a

indeterminação semântica na construção, resultando em um tempo maior de leitura.^{32 33}

Diferentes configurações do traço de animacidade em uma determinada construção podem facilitar ou dificultar o processamento de certas construções. Em Becker (2014), a autora comenta que algo comum nas línguas do mundo é que, em sentenças transitivas simples, a posição de sujeito é geralmente preenchida com um argumento [+animado].

“One very important insight about language acquisition stems from the observation that subjects of basic, canonical sentences are often animate, or more animate than other nouns in the sentence, and that children can exploit this fact to home in on basic sentence structure...”

(Becker, 2014: 1)

Entretanto, nem sempre os argumentos de um verbo estabelecem uma relação sintática tão próxima ou esperada. Alguns tipos de verbos, como os de alternância causativa-incoativa e os de alçamento, (83a) e (83b) respectivamente, não (necessariamente) apresentam um sujeito animado.

83.

- a. A solução escureceu dentro do frasco.
- b. O João parece estar doente.

³² Gennari e Macdonald (2007) reconhecem que há diferentes maneiras de analisar como a indeterminação semântica é resolvida em casos como o acima. Em *two-stage models*, por exemplo, é proposto que o leitor reanalisa a sentença. Essa reanálise é desencadeada pela chegada de informações novas, sinalizando que a relação entre os argumentos e o predicado, que era assumida em um primeiro momento, deve ser interpretada de uma outra maneira. Por sua vez, *constraint-based models* assumem que há a ativação parcial de interpretações alternativas, na medida em que a sentença é ouvida/lida, em função de determinadas restrições, como frequência e plausibilidade. Foge ao escopo desse trabalho determinar qual dessas duas análises é a mais apropriada para dar conta da relação entre animacidade e processamento.

³³ De fato, as características dos argumentos parecem influenciar a performance quanto à produção e ao processamento de relativas de objeto. Belletti, Friedmann, Brunato e Rizzi (2012), por exemplo, controlaram o gênero dos argumentos em seu material de pesquisa, que envolvia uma tarefa de compreensão. Seu estudo contou com 31 crianças falantes de italiano e 31 crianças falantes de hebraico, todas entre 3;9 e 5;5 anos de idade. Foi observado um diferente comportamento entre as línguas. Os pesquisadores notaram que a compreensão das relativas foi superior no que diz respeito às relativas em hebraico. Parte da conclusão é que o traço de gênero é relevante para o hebraico, uma vez que a informação sobre gênero é codificada no verbo, facilitando assim a compreensão das relativas. Tal fato não é observado em italiano. Ou seja, não há um efeito de gênero *per se*. De acordo com os autores: *“...the potential effect of gender is crucially modulated by the morphosyntactic status of the feature in each language.”* (Belletti et al., 2012: 1053)

Para Becker (2014), considerando que os verbos que aceitam sujeitos animados e aqueles que aceitam sujeitos inanimados estabelecem relações diferentes com seus argumentos, suas estruturas sintáticas também apresentam diferenças. Segundo a autora, um sujeito [-animado] pode informar à criança que ele pertence a uma estrutura com uma configuração não-canônica. Isto é, se a criança espera que o sujeito de uma estrutura canônica seja [+animado], a alternância do traço de animacidade desse argumento faz com que a criança explore esses “desvios” para aprender que o sujeito pode ser um argumento movido.

Entendendo animacidade como um conceito de natureza não-linguística, disponível desde muito cedo para a criança em fase de aquisição, a autora apresenta uma hierarquia de animacidade, ilustrada abaixo.

84. Hierarquia de animacidade

Humano (*1ª/2ª pessoa > 3ª pessoa; pronome/nome próprio/espécie > outro nome humano*) >

Animal não-humano (*animal “mais alto” > animal “mais baixo”*)³⁴ > Inanimado

(Becker, 2014: 64)

Em relação a essa hierarquia, Becker nota que os referentes de 1ª e 2ª pessoa são necessariamente humanos, enquanto que referentes de 3ª pessoa não são necessariamente humanos. Além disso, nomes próprios geralmente se referem a humanos, ao passo que nomes comuns se referem às mais diversas entidades. Com base nessa hierarquia, a autora observa que adultos tendem a interpretar um sujeito [+animado] como um agente, enquanto um sujeito [-animado] é geralmente interpretado como um paciente em uma oração principal ou um argumento de uma sentença encaixada.

Becker descreve o experimento de Clark e Begun (1971), com informantes adultos. Nesse experimento, os autores verificaram a construção de sentenças transitivas de acordo com o traço de animacidade do sujeito. Na primeira parte do experimento, foram selecionados 40 substantivos de 5 diferentes tipos semânticos

³⁴ A diferença entre animais “mais altos” e “mais baixos” está relacionada às suas características em comparação ao homem. Mamíferos e vertebrados em geral são considerados animais “mais altos”, enquanto que espécies mais simples são tidas como animais “mais baixos”.

(200 itens no total): humano, animal, inanimado-contável (nomes que admitem plural, como *livro*), concreto-incontável (como *neve*), e abstrato-incontável (como *crescimento*). Em seguida, os sujeitos de pesquisa completaram sentenças simples em inglês de forma coerente, usando um verbo no passado e um substantivo na posição de objeto. Essas sentenças foram apresentadas com a posição de sujeito já preenchida: “(The) N ____ed (the) ____.” Após construídas, as sentenças foram sistematicamente alteradas pelos pesquisadores, de modo que os predicados criados com um sujeito de um determinado tipo semântico foram usados sistematicamente com um sujeito de um outro tipo semântico. Por exemplo, um predicado criado com um sujeito humano, como (85a), foi utilizado com um sujeito abstrato, como em (85c).

85.

- a. The man [considered the problem].
- b. The noise [frightened the baby].
- c. ?? The noise [considered the problem].
- d. The man [frightened the baby].

(Becker, 2014: 127)

Em seguida, essas sentenças foram apresentadas para um outro grupo de adultos que as classificaram conforme sua aceitabilidade em uma escala de 1 (totalmente sem sentido) a 7 (perfeitamente aceitável). Becker aponta duas generalizações acerca dos resultados. A primeira delas é que os sujeitos sintáticos com traço [+humano] foram mais frequentemente aceitos em construções diversas, enquanto que sujeitos da categoria concreto-incontável foram os menos aceitos. A segunda generalização é que os predicados que foram originalmente criados com sujeitos humanos foram os menos flexíveis com outros tipos de sujeitos.

Finalmente, foi pedido para que o mesmo grupo de adultos tentasse melhorar as sentenças mudando apenas uma das palavras nelas (exceto o determinante *the*).

Foi verificada uma frequente substituição dos sujeitos em sentenças cujos predicados foram originalmente criados para sujeitos com traço [+humano]. Com

relação aos sujeitos escolhidos, foi observada uma preferência pelo uso de sujeitos humanos.

Os resultados desse experimento sugerem que, além de existir uma relação entre o traço de animacidade e a escolha de um determinado predicado, há uma certa preferência por argumentos com o traço [+animado] na posição de sujeito em sentenças transitivas simples em inglês.

"It is possible that the cross-linguistic association between animacy and subjecthood in fact results from speakers' psychological preferences, though it is also possible that the direction of influence goes the other way: people come to associate animacy with canonical subjects because this is what they encounter in language."

(Becker, 2014: 128)

De fato, de acordo com estudos sobre processamento, como Gennari e Macdonald (2007) e Mak et al. (2002), o traço de animacidade presente em núcleos nominais possui um papel importante no *parsing* da sentença. Uma vez que diferentes configurações de animacidade aparentam estar envolvidas nas escolhas por determinadas estruturas, esses estudos manipulam o traço [±animado] em construções diversas, relacionando ao uso de estratégias da língua que privilegiem certos argumentos em uma ou outra posição sintática, além de dificuldades com o *parsing* de determinadas construções. Por exemplo, Becker nota que substantivos inanimados raramente são relacionados ao papel temático de agente. Desta forma, ao encontrar um sujeito [-animado], um ouvinte/leitor pode imaginar que a estrutura da sentença não será a de uma transitiva.

"In general, most inanimate NPs make poor agents, and so their occurrence in subject position can suggest to readers that the sentence will not have a matrix transitive structure, but rather some alternative structure that allows the subject to be construed as the patient of the verb."

(Becker, 2014: 135)

Assim, uma vez que a seleção dos argumentos de um verbo depende, em parte, das relações semânticas que serão estabelecidas entre si, o traço [±animado] de um argumento em uma sentença pode influenciar nas previsões de um falante acerca das propriedades temáticas do predicado que seguirá. Além disso, parece

haver uma certa preferência pelo uso de um sujeito [+animado] quando um objeto é [-animado], conforme vimos no experimento de Clark e Begun (1971), reportado em Becker (2014).

Encerramos esta parte da dissertação apresentando o estudo de Gennari e Macdonald (2007), que aponta para uma relação entre a dificuldade no processamento de relativas de objeto e o traço de animacidade do sujeito da relativa e do núcleo relativizado. Com Becker (2014), assumimos que o traço de animacidade pode ajudar a criança em fase de aquisição a descobrir certas características sintáticas, como por exemplo as propriedades de verbos de alternância causativa-incoativa e verbos de alçamento (cf. 83). Becker também descreve o trabalho experimental de Clark e Begun (1971), que aponta para uma preferência de uso de argumentos com o traço [+animado] na posição de sujeito. Finalmente, esta seção busca justificar a escolha do traço de animacidade como uma variável em nosso trabalho. Em nosso estudo experimental, o traço de animacidade foi manipulado em nossos materiais de modo a testarmos todas as configurações possíveis e verificarmos se há uma correlação entre animacidade e intervenção, nos moldes da proposta de Friedmann et al. (2009).

No próximo capítulo, retomaremos nossa hipótese de trabalho, além dos objetivos e previsões. Detalharemos nosso estudo experimental, apresentando os critérios de inclusão/exclusão de informantes para nossa pesquisa, os materiais utilizados e como classificaremos nossos dados. Por fim, apresentaremos os resultados obtidos e os analisaremos em detalhes.

Capítulo 3: ESTUDO EXPERIMENTAL

Como visto no capítulo 2, em geral, há consenso na literatura sobre as orações relativas no que diz respeito à dificuldade que as crianças têm no processamento de relativas de objeto e à preferência pelo uso de estratégias de esquiva, que incluem o uso de relativas de sujeito e de outras estruturas, como construções passivas e absolutas, por exemplo, em tarefas de produção de relativas de objeto.

A presente dissertação investiga o comportamento linguístico de crianças em fase de aquisição do PB, acerca da produção de orações relativas ao tentarmos eliciar relativas de objeto direto e de objeto preposicionado. Em nosso estudo, verificamos se o traço de animacidade dos núcleos nominais presentes na estrutura influencia na escolha por uma ou outra estratégia de esquiva, nesses dois tipos de relativas.

Conforme veremos em detalhe nesta seção, nosso material experimental é composto de orações relativas de objeto direto e preposicionado em que o traço [$\pm$ animado] do sujeito da subordinada e do núcleo relativizado foram manipulados para testarmos se diferentes configurações podem facilitar ou dificultar a produção de relativas de objeto em PB, como em Gennari e Macdonald (2008). Além disso, em nosso material experimental, não apenas o núcleo relativizado possui o traço [+NP], mas também o sujeito da relativa. Conforme vimos no capítulo 2, seção 2.4, de acordo com Friedmann et al. (2009), a presença de traços iguais no sujeito da relativa e no núcleo relativizado torna o sujeito um elemento interveniente para a relativização do objeto na gramática infantil.

Retomando nossa hipótese de trabalho no capítulo 1:

1.

- a. Hipótese de trabalho: O traço de animacidade de um NP e seu papel temático influenciam as estratégias utilizadas pelos falantes ao produzirem sentenças envolvendo relativas.

- b. Hipótese nula: O traço de animacidade de um NP e seu papel temático não influenciam as estratégias utilizadas pelos falantes ao produzirem sentenças envolvendo relativas.

Com relação ao objetivo central da pesquisa, nosso experimento foi trabalhado de modo a verificar a influência (i) do traço de animacidade dos NPs envolvidos na estrutura e (ii) da posição do núcleo relativizado (objeto direto vs. objeto preposicionado) em uma tarefa de eliciação de relativas de objeto por meio da apresentação de pares de figuras. Nossos objetivos específicos são:

2.

- a. Testar crianças de 4;0 a 6;11 de idade e adultos (de 20 anos de idade mais) de modo a observar as diferentes estratégias utilizadas ao se eliciar relativas de objeto direto e de objeto preposicionado;
- b. Verificar se a manipulação do traço [$\pm$ animado] dos núcleos nominais nos materiais do experimento resultam em uma preferência por determinada(s) estratégia(s);
- c. Comparar dados das crianças com os adultos para checar se, em todas as faixas etárias testadas, as crianças já apresentam comportamento adulto.
- d. Comparar os resultados colhidos nos experimentos deste estudo com dados obtidos por estudos anteriores disponíveis na literatura.

Nossas previsões são:

3.

- a. As crianças utilizarão estratégias de esquiva a fim de evitar a relativização de um elemento em posição de objeto direto e de objeto preposicionado (Belletti, 2008 e 2009; Belletti e Contemori, 2010; Costa et al., 2014; Grolla e Augusto, 2016; Guasti e Cardinaletti, 2003; Labelle, 1990, 1996; Novogrodsky e Friedmann, 2006; Utzeri, 2007);
- b. O número de relativas de objeto direto produzido apresentará uma variação de acordo com a manipulação do traço de animacidade, sendo a configuração

- com um sujeito [–animado] e um núcleo relativizado [+animado] a configuração mais difícil (Gennari e Macdonald, 2007; Gennari et al., 2012; Mak et al., 2006);
- c. O número de relativas envolvendo o alçamento de preposição será (próximo de) zero (Labelle, 1990; Guasti e Cardinaletti, 2003; Tarallo, 1983).
 - d. Os adultos produzirão mais orações relativas, seguindo a tarefa do experimento, enquanto que as crianças, principalmente as mais novas, não serão unânimes quanto ao uso de relativas em suas produções (Grolla e Augusto, 2016; Labelle, 1990; McKee et al. 1998).

Conforme vimos nas seções que antecedem a descrição de nosso estudo experimental, esperamos o uso de estratégias de esquiva, uma vez que as crianças, em geral, evitam o uso de relativas de objeto, possivelmente devido ao seu alto custo de processamento (cf. (3a)). Além disso, de acordo com estudos envolvendo a manipulação do traço [$\pm$ animado], esperamos eliciar mais relativas de objeto direto em que o núcleo relativizado é [–animado] e o sujeito da relativa é [+animado] (Gennari e Macdonald, 2007 e Mak et al., 2006). Não esperamos encontrar relativas com o alçamento de preposição, conforme a descrição em Tarallo (1983). Finalmente, esperamos que os adultos produzam mais relativas do que as crianças, seguindo a tarefa proposta em nosso experimento (como observado nos estudos de Grolla e Augusto, 2016; Labelle, 1990; McKee et al. 1998).

No que se segue, descreveremos em detalhes a metodologia experimental adotada: uma tarefa de eliciação de relativas por meio da apresentação de pares de figuras. Delinearemos o desenho do experimento e as condições e estímulos utilizados. Em seguida, apresentamos os resultados obtidos, organizados e classificados de acordo com os grupos experimentais e o grupo de controle. Por fim, apresentaremos uma discussão sobre os resultados gerais.

3.1. O experimento

O método utilizado foi uma tarefa de produção eliciada, cujos estímulos eram figuras apresentadas na tela de um computador. As sessões com os informantes foram gravadas em áudio/vídeo, para a posterior transcrição das respostas. As

sessões ocorreram em uma sala reservada da escola onde as crianças estudavam, sem grandes interferências sonoras ou visuais, onde a segurança e a comodidade dos pesquisadores e informantes foram prioritariamente garantidas de modo a não haver variáveis externas que pudessem intervir nos dados colhidos e nos resultados do estudo.

A metodologia usada nesse experimento foi baseada naquelas descritas em Labelle (1990) e em Friedmann et al. (2009). O pesquisador propõe uma atividade na qual o sujeito de pesquisa deve dizer qual personagem ele escolhe após a apresentação de cada cena. Cada par de figuras foi apresentado seguido de uma contextualização narrada pelo pesquisador. Os personagens e objetos sobre os quais os informantes eram indagados somente poderiam ser diferenciados por suas ações, já que eram fisicamente idênticos nas duas imagens apresentadas. Isso favoreceu a utilização de uma oração relativa para a identificação dos personagens e objetos escolhidos pelos informantes.

A interação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa aconteceu da seguinte forma. Após apresentar cada par de figuras, o pesquisador pediu para o informante escolher um personagem. Abaixo, exemplificamos a fala do pesquisador e a fala esperada do informante:

4.

Pesquisador: *“Aqui, a menina está deitada e aqui a menina está sentada. Qual menina você escolhe?”*

Informante: *“Eu escolho a menina que está deitada/sentada.”*

Os únicos referentes possíveis eram os elementos idênticos apresentados nas figuras. Se observasse que o informante não havia produzido uma relativa, o pesquisador repetia a pergunta e, por vezes, lembrava o informante que ele deveria começar sua resposta com “Eu escolho a/o...”. Caso o informante enfrentasse alguma dificuldade para responder à pergunta ou entender a cena, o pesquisador repetia a descrição do par de figuras e pedia para que novamente o informante desse uma resposta completa.

3.2. Os informantes e os critérios de inclusão/exclusão

Para o nosso experimento, selecionamos um grupo de controle constituído por informantes 20 adultos de 20 anos de idade ou mais, e três grupos experimentais compostos por 30 crianças cada. Esses grupos foram divididos nas seguintes faixas etárias: de 4;0 a 4;11 de idade, de 5;0 a 5;11 de idade, e de 6;0 a 6;11 de idade.³⁵ Essa divisão se justifica na medida em que uma organização dos resultados dessa forma nos dá um panorama longitudinal de como as crianças se comportam com relação à tarefa proposta. O grupo de informantes adultos nos servirá de base de comparação. Com isso, esperamos que o grupo experimental composto de crianças de 6;0 a 6;11 anos de idade se comporte de maneira mais parecida com os adultos do que as crianças de 4;0 a 4;11 de idade. Ou seja, esperamos ver nos dados infantis uma mudança gradual nas escolhas das estratégias de esquiva e relativização, em direção aos dados adultos.

Os informantes selecionados foram aqueles que, além de terem entregado o TCLE devidamente preenchido e assinado, passaram por um pré-teste que incluía a eliciação de relativas de objeto por meio de pares de figuras. Para esse pré-teste, cinco pares de figuras foram apresentados a cada sujeito de pesquisa e, após o pesquisador ter explicado a tarefa, apenas aqueles que produziram ao menos quatro orações relativas em suas respostas seguiram para a fase de coleta de dados.

No caso das crianças, antes desse pré-teste, houve um indicador de consentimento da criança. Ao explicar de maneira simplificada e breve o motivo do experimento e como ele aconteceria, o pesquisador pediu para que cada criança apontasse para um cartão ilustrando um rosto sorrindo, se ela quisesse participar,

³⁵ Os participantes adultos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, no caso das crianças, os responsáveis legais assinaram e me entregaram o mesmo termo, concordando com a sua participação no experimento e em disponibilizar os dados obtidos para nosso estudo. Seus dados pessoais estão seguramente armazenados no LEAL - laboratório de estudos em aquisição de linguagem da FFLCH/USP, respeitando a integridade psicológica e moral dos participantes, cumprindo assim todos os Termos das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos, em conformidade com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12 e complementares.

Número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 36349814.1.0000.5561
Autorizado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da USP, em 04/09/2014.

ou para um cartão ilustrando um rosto triste, se ela não quisesse. Essa etapa não foi utilizada na coleta de dados com os adultos.

Foram excluídas as crianças que não terminaram a tarefa por qualquer motivo (cansaço, desinteresse, horário de saída, etc.), crianças que passaram pelo pré-teste, mas que se dispersaram durante a tarefa e crianças que não consentiram em participar do experimento. Crianças com qualquer tipo de distúrbio mental, problema auditivo, problema severo de fala ou crianças que não fossem falantes nativas de PB não foram recrutadas para participar de nosso experimento. Ressaltamos que não houve exclusão, tampouco diferenciação no tratamento, com base no nível sociocultural, na raça, na crença, etc. da criança e de sua família.

3.3. Os materiais

Nos materiais usados, dois personagens idênticos são apresentados aos informantes. Os personagens ou objetos correspondentes ao alvo da relativização estão envolvidos em atividades diferentes nas duas imagens e só podem ser distinguidos por meio dessas atividades.³⁶ Por exemplo, na primeira imagem, um menino está molhando uma bicicleta, enquanto que na segunda imagem, um menino está sujando uma bicicleta, ambos idênticos e posicionados de maneira idêntica (cf. (5) abaixo). Foram apresentados, de forma randômica e fixa, 24 pares de figuras para eliciar 12 relativas de objeto direto e 12 de objeto preposicionado (cada informante viu todas as figuras, na mesma ordem). As variáveis independentes do estudo são o traço de animacidade do núcleo relativizado e do sujeito da oração relativa e a posição sintática dentro da relativa (objeto direto ou objeto preposicionado).

As condições formadas são, portanto:

³⁶ As imagens foram produzidas especialmente para nosso estudo, usando o software Adobe Photoshop CS5. Agradecemos à Ana Laura Nishiuchi Fernandes, por disponibilizar os vetores necessários para a edição das imagens.

Quadro 4: As condições de animacidade testadas no experimento.

Tipo de relativa	Sujeito da subordinada	Núcleo relativizado
Relativa de objeto direto	[+animado]	[+animado]
	[+animado]	[-animado]
	[-animado]	[+animado]
	[-animado]	[-animado]
Relativa de objeto preposicionado	[+animado]	[+animado]
	[+animado]	[-animado]
	[-animado]	[+animado]
	[-animado]	[-animado]

Com isso, temos um estudo 2 x 4, cuja variável dependente é a quantidade de relativas de objeto direto e preposicionado (estruturas alvo) produzidas.

Além disso, o gênero dos argumentos foi manipulado de modo que, em cada par de figuras, os dois personagens possuíssem gêneros opostos, como no exemplo abaixo.

5. “O menino sujou/molhou a bicicleta”.

Figura 1: O menino sujou a bicicleta vs. O menino molhou a bicicleta.

A manipulação de gênero foi feita para identificarmos qual argumento foi relativizado em possíveis respostas iniciadas com “aquele(a) que”, “o(a) que”. Em relação ao exemplo acima, uma resposta como “...a que está molhada” nos indica que o argumento relativizado é a *bicicleta*. Se tivéssemos cenas como “O menino sujou/molhou o carro”, não conseguiríamos saber qual é o núcleo da relativa em “...o que está molhado.” Apesar de evitarmos esse tipo de ambiguidade em nossos materiais, nos casos em que o informante não produziu o núcleo, foi pedido para que ele repetisse sua resposta, iniciando-a com o núcleo relativo, no caso “a bicicleta”. Após duas tentativas, caso o informante ainda não produzisse o núcleo abertamente,

continuaríamos com o experimento sem mais comentários, para não constranger a criança, computando sua primeira resposta.

Alguns exemplos dos materiais utilizados seguem abaixo³⁷:

Quadro 5: Exemplos dos materiais utilizados no experimento.

Posição relativizada:	Objeto direto
Configuração de animacidade:	Sujeito encaixado [+animado] Núcleo relativizado [+animado]
Apresentação:	<i>“Nessa figura, a menina está empurrando o cachorro e nessa figura a menina está abraçando o cachorro. Qual cachorro você escolhe?”</i>
Sentença alvo:	<i>“...o cachorro que a menina está empurrando/abraçando.”</i>
Figuras usadas:
Posição relativizada:	Objeto preposicionado
Configuração de animacidade:	Sujeito encaixado [+animado] Núcleo relativizado [+animado]
Apresentação:	<i>“A menina colocou o chapéu no menino e a menina tirou o chapéu do menino. Qual menino você escolhe?”</i>
Sentença alvo:	<i>“...o menino em quem a menina colocou o chapéu/de quem a menina tirou o chapéu.”</i>
Figuras usadas:

³⁷ Todas as figuras utilizadas no experimento constam no apêndice ao final do texto.

Ressaltamos que os estímulos para as relativas preposicionadas contêm argumentos que desempenham diferentes funções nas sentenças, como locativo, possessivo, objeto indireto, etc. Para a escolha dos verbos e argumentos em nosso material experimental, enfrentamos diversos desafios, como o fato de que as imagens tinham de conter elementos animados e inanimados, além de verbos que aceitassem argumentos animados e inanimados. Além disso, os verbos tinham de fazer parte do vocabulário de crianças em idade pré-escolar. Esses desafios nos levaram a essas diferenças em nossos materiais. No entanto, lembramos que todas as sentenças com NPs preposicionados impõem uma dificuldade na produção de relativas e esse ponto comum é o que norteia esse estudo. Como se verá na seção de resultados, os sujeitos de pesquisa apresentaram um comportamento uniforme no que diz respeito à dificuldade com todos esses tipos de elementos preposicionados. Além disso, na apresentação das figuras, o experimentador apontava e gesticulava para que os sujeitos de pesquisa entendessem o que estava acontecendo em cada cenário (como no exemplo no quadro acima).

Intercalado entre cada par de figuras correspondente às relativas eliciadas, foi apresentado um par de figuras eliciando uma sentença distratora, para desviarmos a atenção dos informantes das estruturas testadas. Também pudemos avaliar se os informantes estavam cooperando, ao participar adequadamente em nossa tarefa. No caso das distratoras, as sentenças alvo consistiam em relativas de sujeito. Escolhemos essa construção já que relativas de sujeito são as estruturas que as crianças produzem espontaneamente desde cedo (cf. Grolla (2000) para dados espontâneos de produção de relativas de sujeito em uma criança a partir dos 2 anos de idade), além de mantermos as instruções da tarefa o mais simples possível e fornecer condições para que os informantes produzissem o maior número de relativas durante o experimento.

3.4. Classificação dos dados

Após a coleta dos dados, todas as produções foram transcritas. Levantamos o número de orações relativas de todos os tipos produzidas por cada participante, organizando os dados de acordo com a estratégia empregada (a ser discutida

abaixo), o grupo do participante e a condição de animacidade e posição sintática (objeto direto ou preposicionado). Além das relativas, também classificamos as produções que não continham uma relativa e aquelas em que o núcleo relativizado era diferente do que era perguntado para o informante.

Com base nas transcrições organizadas, foram conduzidos testes estatísticos para verificarmos se as diferenças nos resultados entre as condições de animacidade e posições sintáticas e entre os grupos são significativas. Com isso, podemos observar (i) a relevância das variáveis controladas durante o experimento, a saber o traço de animacidade do sujeito e do objeto direto/preposicionado, e a posição sintática do elemento relativizado, e (ii) o percurso de desenvolvimento das crianças rumo ao comportamento linguístico adulto.

Fixados os critérios de classificação e de organização dos dados, passaremos para os resultados do experimento. Em um primeiro momento, esses resultados serão divididos em duas partes: A seção 3.5.1 trata dos dados concernentes à eliciação das relativas de objeto direto, enquanto que a seção 3.5.2 tem como foco os dados referentes à eliciação das relativas de objeto preposicional. Em seguida, analisaremos cada condição de animacidade, em cada tipo de relativa que o experimento buscou eliciar. Por fim, apresentaremos a discussão desses resultados e nossa conclusão.

3.5. Classificação dos resultados

Somando todas as produções dos três grupos experimentais e do grupo controle, foram eliciados 2.640 enunciados, dos quais 2.150 continham orações relativas (81,4% do total). Somando apenas os dados dos grupos experimentais (crianças), obtivemos 2.160 enunciados, dos quais 1.682 continham orações relativas (77,9% do total). A tabela abaixo detalha a distribuição das produções contendo relativas e o número total de enunciados eliciados divididos entre os grupos e os tipos de relativa-alvo.

Tabela 2: Número de relativas produzidas/total possível em cada grupo, por posição testada e grupo de sujeitos.

Posição do núcleo relativizado	Adultos (N=20)	Crianças 4;0 – 4;11 (N=30)	Crianças 5;0 – 5;11 (N=30)	Crianças 6;0 – 6;11 (N=30)	Total (N=110)
Obj. Dir.	98,3% (236 de 240)	71,4% (257 de 360)	82,2% (296 de 360)	88,6% (319 de 360)	83,9% (1108 de 1320)
Obj. Prep.	96,7% (232 de 240)	60,5% (218 de 360)	80% (288 de 360)	84,4% (304 de 360)	78,9% (1042 de 1320)
Total	97,5% (468 de 480)	66% (475 de 720)	81,1% (584 de 720)	86,5% (623 de 720)	81,4% (2150 de 2640)

Os enunciados que não continham a relativização do elemento pedido (490, ou 18,6% do total) possuem estruturas diversas, como as sentenças exemplificadas em (6a-d).

6. Sentença alvo: “A casa que o furacão destruiu.”

Produções:

- a. A casa destruída.
- b. A casa tá destruída.
- c. A casa no chão.
- d. O furacão destruiu a casa.

Figura 2: A casa que o furacão destruiu.

Ao eliciar as relativas de objeto direto e objeto preposicionado, também foi atestado o uso de relativas de sujeito por todos os grupos estudados. Tais produções foram bastante produtivas e serão analisadas detidamente no que se segue, pois elas sugerem uma estratégia de esquiva produtiva utilizada tanto por adultos quanto por crianças. Essas relativas foram classificadas de acordo com as construções envolvidas, conforme vemos abaixo e nos exemplos que seguem.

Quadro 6: Os diferentes tipos de relativas de sujeito – estratégias de esquiva.

"Tipo de relativa"	• "Construção utilizada"
Relativa de Sujeito	<ul style="list-style-type: none"> • Com outro verbo (cf. 7a) • Com adjetivo ou verbo de mudança de estado (cf. 7b) • Passiva (cf. 7c) • Absoluta (cf. 7d) • Reflexiva (cf. 7e) • Reversibilidade (cf. 7f) • "ter + DP + particípio" (cf. 7g)

7. Relativas de sujeito – estratégias de esquiva

a. Com outro verbo

Relativa alvo: "...a menina para quem o menino contou uma história."

Relativa produzida: "...a menina_i [que ____i ouviu a história]."

b. Com adjetivo ou verbo de mudança de estado

Relativa alvo: "...a bicicleta que o menino sujou."

Relativa produzida: "...a bicicleta_i [que ____i está suja/sujou]."

c. Passiva

Relativa alvo: "...a mulher que o cachorro mordeu."

Relativa produzida: "...a mulher_i [que ____i foi mordida]."

d. Absoluta

Relativa alvo: "...a toalha que o aspirador engoliu."

Relativa produzida: "...a toalha_i [que ____i engoliu]."

e. Reflexiva

Relativa alvo: "...o menino que a menina molhou."

Relativa produzida: "...o menino_i [que ____i se molhou]."

f. Reversibilidade dos argumentos

Relativa alvo: "...a menina com quem o menino dançou."

Relativa produzida: "...a menina_i [que ____i dançou]."

g. "ter + DP + particípio"

Relativa alvo: "...o velho velho de quem a onda levou a garrafa."

Relativa produzida: "...o velho_i [que ____i teve a garrafa levada]."

Todas construções exemplificadas em (6-7) se juntam à contagem de produções envolvendo as estratégias de esquiva, uma vez que esses tipos de produções diferem da estrutura alvo. Em outras palavras, dado que o contexto apresentado era claramente em favor de uma relativa de objeto, qualquer estrutura diferente da estrutura alvo pedida em que os sujeitos fizeram modificações e produziram coisas diferentes do esperado foi classificada como uma estratégia de esquiva. É importante salientar que, apesar de essas produções fugirem do que tínhamos como construção alvo, elas são pragmaticamente apropriadas, como vemos abaixo em um exemplo de um diálogo envolvendo o uso de uma estratégia de esquiva.³⁸

8.

Pesquisador: *“Aqui, o cachorro mordeu a mulher. Aqui, o cachorro lambeu a mulher. Qual mulher você escolhe?”*

J.C. (6;2): *“Eu escolho a mulher que foi lambida pelo cachorro.”*

No que diz respeito às construções relativas alvo atestadas, as produções dos sujeitos de pesquisa foram classificadas de acordo com o tipo de relativa produzida. Listamos abaixo as possíveis construções envolvidas.

Quadro 7: Tipos de relativas e as estratégias de relativização empregadas.

<i>“Tipo de relativa”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Construção utilizada”</i>
Relativa de Objeto (Direto ou Preposicionado)	<ul style="list-style-type: none"> • Com pronome resumptivo (cf. 9a) • Com NP resumptivo (cf. 9b) • Com lacuna em posição de Obj. Dir. (cf. 9c) • Com lacuna em posição de PP (cf. 9d) • Com <i>pied-piping</i> preposicional (cf. 9e)

³⁸ O uso de estratégias de esquiva foi pouco atestado quando as distratoras (relativas de sujeito) foram eliciadas.

9. Relativas de objeto (direto/preposicionado)

a. Com pronome resumptivo

Relativa: “...a mulher [*que o cachorro lambeu ela*].”

b. Com NP resumptivo

Relativa: “...a toalha [*que o aspirador limpou a toalha*].”

c. Com lacuna em posição de objeto direto

Relativa: “...o menino [*que a menina sujou*].”

d. Cortadora (com uma lacuna no lugar do PP, sem *pied-piping* preposicional)

Relativa: “...o velho [*que a onda trouxe a garrafa*].”

e. Com *pied-piping* preposicional

Relativa: “...o velho [*para quem a onda trouxe a garrafa*].”

A partir dessa classificação, poderemos comparar a frequência de uso das relativas de objeto com o uso das estratégias de esquiva. O detalhamento das construções utilizadas também nos permitirá verificar quais construções são preferidas em cada faixa etária, além de detectar que configuração de animacidade e que posição sintática trazem mais dificuldades ou facilidades para cada grupo de participantes.

Nas seções seguintes, detalharemos os resultados da eliciação das relativas de objeto direto e das relativas de objeto preposicionado, abrangendo todas as configurações de animacidade estudadas. Em seguida, apresentaremos uma análise e discussão acerca desses dados. Logo depois, organizaremos nossos resultados de acordo com cada configuração de animacidade testada. Primeiro, apresentaremos os dados concernentes às relativas de objeto direto. Em seguida, os dados relativos às relativas de objeto preposicionado serão apresentados. Finalmente, discutiremos esses dados com base no capítulo 2 e em resultados de estudos anteriores.

3.6. Resultados

3.6.1. Eliciando as relativas de Objeto Direto

Seguindo a classificação proposta acima, o gráfico 1 mostra a frequência com que cada tipo de relativa foi produzido por cada grupo, além da porcentagem de produções referentes às estratégias de esquiva, exemplificadas em (6) e (7), acima.

Gráfico 1: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto em cada grupo.

Podemos ver no gráfico 1 que as estratégias de esquiva (que envolvem construções diferentes das relativas de objeto, aquelas listadas e ilustradas em (6) e (7), foram amplamente empregadas em todos os grupos estudados.

Ao analisarmos as produções de relativas de objeto direto com pronomes resumptivos, na tabela 3 abaixo, podemos notar que seu uso se torna menos frequente de acordo com a idade dos informantes. O uso de pronomes resumptivos pelas crianças de 4 anos (12,1%) é quase duas vezes maior se comparado às porcentagens dos grupos de 5 e 6 anos (6% e 5,4%, respectivamente). Já no grupo

de adultos, verificamos a frequência de apenas 1,1% de uso de pronomes resumptivos nas relativas de objeto direto.

Com relação às relativas com NPs resumptivos, notamos que seu uso por crianças de 4 anos é tão frequente quanto o seu uso por crianças de 5 anos (13,2% e 12,7%, respectivamente), enquanto que o grupo de crianças de 6 anos as utilizou com uma frequência menor (5,4%). Por sua vez, os adultos não produziram relativas de objeto direto com um NP resumptivo.

Abaixo temos a tabela com a frequência de produção de relativas com NPs e pronomes resumptivos, seguida de alguns exemplos dessas construções:

Tabela 3: Emprego de pronome/NP resumptivo em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto.³⁹

4 anos		5 anos		6 anos		Adultos	
Pron. resump.	NP resump.	Pron. resump.	NP resump.	Pron. resump.	NP resump.	Pron. resump.	NP resump.
12,1% (11)	13,2% (12)	6% (9)	12,7% (19)	5,4% (6)	5,4% (6)	1,1% (1)	0% (0)

10. Relativas de objeto direto com pronomes resumptivos

- “...a mulher que o cachorro lambeu **ela**.” C.G. (4;9)
- “...o menino que a onda só molhou **ele**.” J.C. (5;9)
- “...o menino que a menina molhou **ele**.” J.C. (6;2)

11. Relativas de objeto direto com NPs resumptivos

- “...a caixa que ele tá empurrando a **caixa**.” G.H. (4;4)
- “...a cachorra que o aspirador está engolindo a **cachorra**.” T.M. (5;3)
- “...o vaso que a chuva molhou o **vaso**.” H.S. (6;1)

No que diz respeito à frequência de produção de relativas de objeto direto com uma lacuna, nossos dados indicam que as crianças mais velhas possuem um comportamento mais próximo ao comportamento adulto. As porcentagens na tabela 4 indicam que as crianças de 4 anos são as que menos produzem relativas de objeto

³⁹ As porcentagens se referem à frequência de produções com resumptivos frente ao total de relativas de objeto daquela faixa etária.

direto com uma lacuna, seguidas das crianças de 5 anos (74,7% e 81,3% de frequência em cada grupo, respectivamente). Já as crianças de 6 anos apresentam uma porcentagem mais próxima à porcentagem de frequência de uso dessa construção por adultos (89,2% e 98,9%, respectivamente).

Tabela 4: Número de relativas de objeto direto com lacuna.⁴⁰

4 anos	5 anos	6 anos	Adultos
Lacuna de OD	Lacuna de OD	Lacuna de OD	Lacuna de OD
74,7% (68)	81,3% (121)	89,2% (100)	98,9% (87)

12. Produções de relativas de objeto direto com lacuna

- a. “...o cachorro que a menina tá empurrando.” J.D. (4;11)
- b. “...a bicicleta que o menino limpou.” K.R. (5;9)
- c. “...a casa que o furacão levou.” G.R. (6;1)

Já com relação às construções utilizadas como estratégia de esquiva, vemos uma clara preferência pela estratégia passiva no grupo de adultos. 85,5% (130 de 152) dessas construções foram estruturas passivas nesse grupo. Por sua vez, as porcentagens dos grupos de crianças não parecem apontar a mesma tendência. Em geral, as crianças utilizam relativas de sujeito nessa tarefa e preferem outras duas construções: o uso de um adjetivo ou um verbo que indique mudança de estado (i.e. um verbo incoativo), e o uso de construções absolutas.

Abaixo vemos a tabela referente às porcentagens de estratégias de esquiva, seguida de um exemplo de cada construção.⁴¹

⁴⁰ As porcentagens se referem à frequência de cada produção relativa ao total de relativas de objeto direto.

⁴¹ Para os exemplos em (13), listamos as relativas alvo dado que algumas das produções foram bem diferentes do que esperávamos.

Tabela 5: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto.⁴²

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	11,5% (31)	20,1% (54)	2,6% (7)	24,2% (65)	1,1% (3)	2,2% (6)	0,0% (0)	38,3% (103)
5 anos	14,7% (31)	23,7% (50)	7,1% (15)	22,9% (48)	0,9% (2)	0,4% (1)	0,0% (0)	30,3% (64)
6 anos	16,5% (41)	29,4% (73)	21,4% (53)	15,3% (38)	0,8% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	16,5% (41)
Adultos	1,3% (2)	9,9% (15)	85,6% (130)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,6% (1)	2,6% (4)

13. Relativas de sujeito utilizadas como esQUIVA de objeto direto

- a. Relativa alvo: “...a coruja que o furacão derrubou.”
Produção (V#): “...a coruja **que caiu**.” B.F. (4;5)
- b. Relativa alvo: “...o menino que a onda molhou.”
Produção (Adj.): “...o menino **que tá molhado**.” V.B. (4;8)
- c. Relativa alvo: “...a toalha que o aspirador engoliu.”
Produção (Pass.): “...a toalha **que tá sendo aspirada**.” V.B. (4;8)
- d. Relativa alvo: “...o cachorro que a menina abraçou.”
Produção (Abs.): “...o cachorro **que abraçou**.” V.S. (4;6)
- e. Relativa alvo: “...o menino que a menina molhou.”
Produção (Refl.): “...o menino **que se molhou**.” P.F. (5;8)
- f. Relativa alvo: “...o menino que a menina molhou.”
Produção (Rev.): “...o menino **que molhou a menina**.” R.B. (4;5)
- g. Relativa alvo: “...a mulher que o cachorro mordeu.”
Produção (terDP PRT): “...a mulher **que teve o joelho mordido**.” J.M. (adulto)
- h. Relativa alvo: “...a bicicleta que o menino molhou.”
Produção (N/A): “...a bicicleta limpa.” P.F. (5;8)

No que concerne às produções que não continham uma oração relativa (coluna N/A na tabela 5), vemos que as crianças de 4 anos foram as que mais

⁴² As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esQUIVA. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

apresentaram esse tipo de produção, seguidas pelas crianças de 5 anos e depois pelas crianças de 6 anos (frequências de produção de 38,3%, 30,3% e 16,5% em cada faixa etária, respectivamente). Apenas 2,6% dos enunciados no grupo de adultos não continham uma relativa, sendo este o grupo com a maior taxa de frequência de uso de relativas em suas respostas.

Na próxima seção, apresentaremos os resultados quanto à eliciação das relativas de objeto preposicionado.

3.6.2. Eliciando as relativas de Objeto Preposicionado

Nessa seção, veremos os dados relacionados à produção de relativas de objeto preposicionado. Conforme apresentamos no capítulo 2 desta dissertação, essas relativas, que em sua versão padrão requerem *pied-piping* preposicional, são as mais difíceis para as crianças e praticamente nulas na fala coloquial dos adultos, falantes de PB (Grolla, 2000; Lessa de Oliveira, 2008; Perroni, 2001; Tarallo, 1983). No gráfico 2 abaixo, as porcentagens de relativas de objeto preposicionado se referem às produções de relativas com *pied-piping* preposicional, relativas com resumptivos preposicionados e relativas em que há uma lacuna em posição pós-verbal, seguindo a classificação em (9) acima.

Gráfico 2: Frequência de uso de estratégias de esquivas e de relativas de objeto preposicionado.

Assim como no gráfico 1, o gráfico 2 mostra que as estratégias de esquivas foram largamente utilizadas em todos os grupos estudados. Em geral, os dados concernentes às relativas de objeto preposicionado apresentam uma certa uniformidade quanto às construções mais frequentes como estratégia de esquivas, conforme observamos na tabela abaixo.

Tabela 6: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado.⁴³

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	33,7% (97)	1,4% (4)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	15,6% (45)	0,0% (0)	50,7% (142)
5 anos	51,1% (123)	1,2% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	17,8% (43)	0,0% (0)	29,9% (72)
6 anos	61,2% (168)	1,0% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	17,4% (48)	0,0% (0)	20,4% (56)
Adultos	72,0% (108)	2,8% (4)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	10,6% (16)	9,3% (14)	5,3% (8)

⁴³ Assim como na tabela anterior, as porcentagens da tabela 6 se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquivas. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

Primeiramente, observamos na tabela acima que o uso de um outro verbo é a estratégia de esquiva mais utilizada em todos os grupos. Abaixo, temos alguns exemplos das construções utilizadas como estratégia de esquiva.⁴⁴

14. Construções utilizadas como esquiva de objeto preposicionado

- a. Relativa alvo: “...o velho para quem a onda trouxe a garrafa.”
Produção (V≠): “...o velho **que levou** a garrafa.” C.G. (4;9)
- b. Relativa alvo: “...a caixa de onde o menino tirou a corda.”
Produção (Adj.): “...a caixa **que tá vazia**.” L.S. (4;4)
- c. Relativa alvo: “...a menina com quem o menino dançou.”
Produção (Rev.): “...a menina **que dançou com o menino**.” R.B. (4;5)
- d. Relativa alvo: “...o velho de quem a onda levou a garrafa.”
Produção (terDPPRT): “...o velho **que teve a garrafa levada**.” F.S. (adulto)
- e. Relativa alvo: “...a menina para quem o menino contou uma história.”
Produção (N/A): “...a menina da história.” M.S. (5;7)

Com relação ao uso de resumptivos (cf. tabela 7, abaixo), notamos que, enquanto o grupo de adultos apresentou uma frequência baixa de produção de resumptivos (apenas 4,4% de suas produções continham um pronome ou um NP resumptivo), as crianças de 4, 5 e 6 anos utilizaram um pronome ou um NP resumptivo com uma frequência de 36,5%, 35,2% e 35,3%⁴⁵, respectivamente. Isso sugere que o comportamento das crianças quanto à produção de relativas de objeto preposicionado contendo um elemento resumptivo pronunciado se mantém praticamente inalterado entre os 4 e 6 anos. Somente o grupo de adultos parece evitar esse tipo de construção.

⁴⁴ Apesar de não esperarmos que as crianças produzissem relativas com *pied-piping* preposicional, as relativas preposicionadas alvo são ilustradas contendo uma preposição movida para informar a preposição apresentada nos estímulos em cada caso.

⁴⁵ Valores relativos à soma das colunas *Pron. resump.* e *NP resump.* em cada grupo testado.

Tabela 7: Emprego de pronome/NP resumptivo em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado.⁴⁶

4 anos		5 anos		6 anos		Adultos	
Pron. resump.	NP resump.	Pron. resump.	NP resump.	Pron. resump.	NP resump.	Pron. resump.	NP resump.
18,1% (13)	19,4% (14)	10,9% (9)	24,3% (29)	18,8% (16)	16,5% (14)	2,2% (2)	2,2% (2)

15. Relativas de objeto preposicionado com pronomes resumptivos

- a. Relativa alvo: “...a menina de quem o vento tirou o papel.”
Relativa produzida: “...a menina que o vento tirou o papel **dela**.” B.P. (4;9)
- b. Relativa alvo: “...o velho para quem a onda trouxe a garrafa.”
Relativa produzida: “...o velho que a onda trouxe a garrafa pra **ele**.” C.M. (5;9)
- c. Relativa alvo: “...a menina com quem o menino tá falando.”
Relativa produzida: “...a menina que o menino tá falando com **ela**.” T.L. (6;1)

16. Relativas de objeto preposicionado com NPs resumptivos

- a. Relativa alvo: “...o velho para quem a onda trouxe a garrafa.”
Relativa produzida: “...o velho que a onda trouxe a garrafa pro **velho**.” C.F. (4;9)
- b. Relativa alvo: “...o velho de quem a onda levou a garrafa.”
Relativa produzida: “...o velho que a onda levou a garrafa do **velho**.” R.S. (5;1)
- c. Relativa alvo: “...o barco para onde a onda trouxe o remo.”
Relativa produzida: “...o barco que a onda trouxe o remo pro **barco**.” H.S. (6;1)

No que se refere à frequência de produção de relativas de objeto preposicionado com uma lacuna, ou seja, as chamadas relativas cortadoras, as porcentagens na tabela 8 abaixo, indicam que o comportamento infantil quanto à frequência dessa construção se mantém estável entre os 4 e 6 anos de idade. Isto é, a frequência de produção de relativas de objeto preposicionado com uma lacuna se mantém praticamente a mesma nos três grupos experimentais. Cabe ressaltar que, para as crianças do nosso estudo, a lacuna nessas relativas está sempre associada a um PP. As sentenças em (17) exemplificam as relativas cortadoras. Por sua vez, os

⁴⁶ As porcentagens se referem à frequência de produções com resumptivos frente ao total de relativas de objeto daquela faixa etária.

adultos do estudo produziram essas relativas com uma lacuna em maior frequência (95,6%), sendo que parte delas, mais precisamente 17,8% (relativo a 16 produções), se refere ao uso da estratégia com *pied-piping* preposicional (exemplificada no capítulo anterior), e 77,8% (relativo a 70 produções) se referem ao uso de uma cortadora. Isto é, no que diz respeito à produção de relativas cortadoras por adultos, 77,7% dessas produções continham uma estrutura semelhante às relativas de objeto preposicionado usadas pelas crianças, enquanto que o restante (17,8%) continha uma preposição precedendo o morfema relativo (ou as expressões *onde*, *cujo* ou *cuja*). As sentenças em (18) exemplificam esse tipo de construção.

Tabela 8: Número de relativas de objeto preposicionado cortadoras e com *pied-piping* preposicional.⁴⁷

4 anos		5 anos		6 anos		Adultos	
Cortadora	<i>Pied-piping</i> prep.	Cortadora	<i>Pied-piping</i> prep.	Cortadora	<i>Pied-piping</i> prep.	Cortadora	<i>Pied-piping</i> prep.
62,5% (45)	0,0% (0)	64,7% (77)	0,0% (0)	64,7% (55)	0,0% (0)	77,8% (70)	17,8% (16)

17. Relativas de objeto preposicionado cortadoras

- a. Relativa alvo: “...a caixa de onde o menino tirou a corda.”
Relativa produzida: “...a caixa **que o menino tirou a corda.**” J.D. (4;11)
- b. Relativa alvo: “...a menina de quem o vento o levou o papel.”
Relativa produzida: “...a menina **que o vento levou o papel.**” T.M. (5;3)
- c. Relativa alvo: “...o barco para onde a onda trouxe o remo.”
Relativa produzida: “...o barco **que a onda trouxe o remo.**” J.C. (6;2)

18. Relativas de objeto preposicionado com *pied-piping* preposicional

- a. Relativa produzida: “...a menina **pra quem** ele mostrou uma figura.” F.S. (“adulto”)
- b. Relativa produzida: “...o barco **para o qual** a onda levou o remo.” A.F. (“adulto”)
- c. Relativa produzida: “...a menina **cujo** papel foi levado.” E.F. (“adulto”)
- d. Relativa produzida: “...a mesa **de onde** o vento tirou o papel.” V.G. (“adulto”)

⁴⁷ As porcentagens se referem à frequência de cada produção relativa ao total de relativas de objeto preposicionado.

A seguir, apresentaremos nossa análise para os dados concernentes às relativas de objeto direto e às relativas de objeto preposicionado, contrastando as produções nos grupos estudados e comparando o comportamento dos nossos sujeitos de pesquisa no que diz respeito à posição sintática relativizada.

3.6.3. Análise e discussão

Conforme vimos nos gráficos 1 e 2, as crianças e os adultos utilizam estratégias de esquiva frequentemente. Em nossa análise, a frequente produção de orações relativas de sujeito como estratégia de esquiva ocorreu devido à maior dificuldade que a construção de objeto impõe aos falantes. Isso está de acordo com o que encontramos na literatura não apenas sobre o PB (Grolla e Augusto (2016) e Vivanco e Pires (2011), por exemplo), mas de outras línguas também (Belletti (2008, 2009), Belletti e Contemori (2010), Belletti e Chesi (2011), Belletti e Rizzi (2010) e Utzeri (2007) para o italiano, Costa et al. (2014) para português europeu e hebraico, Guasti e Cardinaletti (2003) para francês e italiano, Friedmann et al. (2009) e Novogrodsky e Friedmann (2006) para hebraico, entre outros).

Em nossos dados, vemos também que nossos sujeitos de pesquisa preferiram utilizar relativas de sujeito em PB, em detrimento das relativas de objeto direto e preposicionado. Essa observação pode ser analisada com base no Princípio da Cadeia Mínima (*Minimal Chain Principle*), de De Vincenzi (1991) (cf. capítulo 2, seção 2.4). De acordo com esse princípio, uma vez que um constituinte é identificado como um antecedente (*filler*), como por exemplo um elemento-Qu movido, ou um constituinte relativizado, o *parser* entende que há uma lacuna onde o antecedente deve ser interpretado. Portanto, o *parser* deve associar o antecedente à lacuna mais próxima disponível, postulando assim uma operação mais local, com menos elos em uma cadeia de movimento. No caso das orações relativas, o antecedente estabelece uma relação mais próxima com a posição de sujeito da relativa. Isto é, as orações relativas de sujeito devem ser preferidas, de acordo com esse princípio.

Com relação às relativas de objeto direto, nossos dados indicam que as construções relativas mais utilizadas pelas crianças mudam conforme a idade, em direção ao uso de passivas como a principal estratégia de esquiva, como se vê nos

adultos. Conforme vimos na tabela 5, as crianças de 4 anos utilizaram a construção absoluta na maior parte de suas produções, seguida do uso de um adjetivo ou verbo incoativo. Já as crianças de 5 anos passaram a usar mais construções com adjetivos ou verbos incoativos, sendo que a construção absoluta ficou em segundo lugar. Por sua vez, as crianças de 6 anos preferiram usar construções com adjetivos ou verbos incoativos, enquanto a passiva apareceu como a segunda construção mais utilizada. Ou seja, as crianças mais velhas utilizam cada vez mais construções passivas como estratégia de esquiva, ao passo que abandonam as construções absolutas gradativamente. Isso sugere que há uma migração de uma construção a outra como estratégia de esquiva, a depender da idade dos informantes, em direção ao comportamento adulto.

Nossos dados estão em consonância com os dados encontrados em Grolla e Augusto (2016) e Rezende (2016). As primeiras autoras reportam que as crianças, especialmente as mais novas (de 4 anos de idade), utilizaram a construção absoluta de maneira frequente, enquanto que o uso de construções passivas apenas apareceu no grupo das crianças mais velhas (além do grupo de adultos). Rezende verifica que crianças de 3;8 a 4;11 anos de idade utilizam as construções absolutas mais frequentemente do que crianças de 5;0 a 6;0 anos de idade. Em contrapartida, os resultados de seu estudo indicam que as crianças mais velhas produzem mais sentenças com a construção passiva do que as crianças mais novas.⁴⁸ Os resultados de Rezende apontam para a mesma conclusão a que chegamos em nosso trabalho: a preferência por determinada construção muda a depender da idade dos sujeitos de pesquisa.

"From a developmental point of view, it is noticeable that from 4 to 5 year-olds, passive relative clauses emerge and there are fewer non-valid responses..."

(Grolla e Augusto, 2016: 45)

Dentre as estratégias de esquiva utilizadas no grupo de adultos, as construções passivas são amplamente favorecidas (em 85,6% dos casos). Esse

⁴⁸ Rezende (2016) utiliza duas tarefas distintas em seu estudo experimental: uma tarefa de produção eliciada com apresentação de vídeos e uma tarefa de julgamento de aceitabilidade.

resultado condiz com os resultados de outros estudos, como Belletti e Contemori (2010), Guasti e Cardinaletti (2003) e Utzeri (2007), em que falantes adultos de italiano evitam produzir uma relativa de objeto passivizando a estrutura dentro da oração relativa para produzir uma relativa de sujeito. Em PB, Grolla e Augusto (2016) e Rezende (2016) reportam que os informantes adultos que participaram de seu experimento também preferiram utilizar a construção passiva dentre as estratégias de esquiva disponíveis.

A análise proposta pelas autoras se adequa aos dados desse estudo. Se considerarmos, com Grolla e Augusto (2016: 42), que as construções absolutas são mais simples do que as passivas, uma vez que a ausência de agentividade faz com que *v* não seja projetado (conforme apresentamos no capítulo 2, seção 2.4, exemplos (80b-b')), não há marcação morfológica de particípio no verbo e a operação de *smuggling* (cf. Collins (2004)) não está envolvida, temos uma explicação para a preferência das crianças, principalmente as mais novas, pelas construções absolutas.

"...it may be argued that children resort to the simplest structure available whenever confronted with the task of producing complex sentences."

(Grolla e Augusto, 2016: 47)

Ainda sobre as relativas de objeto direto, com relação ao uso de resumptivos (cf. tabela 3, acima), as porcentagens relativas às frequências com as quais as crianças utilizam pronomes e NPs resumptivos na produção de relativas de objeto direto sugerem que o comportamento linguístico das crianças está migrando, de maneira gradativa, rumo ao comportamento adulto. Em ambos os casos (uso de pronomes e NPs resumptivos), as crianças mais novas, produzem mais elementos resumptivos, enquanto que os dados das crianças mais velhas indicam que elas possuem um comportamento mais próximo ao adulto, quanto à frequência de uso de resumptivos.

As porcentagens na coluna N/A, na tabela 5, parecem se organizar de forma decrescente, a depender de cada grupo estudado. Isso indica que as crianças mais velhas (as de 6 anos) produzem mais orações relativas, seguindo as instruções da tarefa proposta mais consistentemente, enquanto que as crianças de 4 anos foram

as que menos deram respostas contendo uma oração relativa (seguida das crianças de 5 anos).⁴⁹

No que concerne às relativas de objeto preposicionado, as porcentagens relativas à frequência de uso de um outro verbo na tabela 6 (V≠) indicam que essa estratégia de esquiva é cada vez mais utilizada a depender da idade dos sujeitos de pesquisa. Isto é, as crianças de 6 anos apresentam um comportamento linguístico acerca do uso dessa estratégia de maneira mais próxima ao comportamento adulto, se comparados aos outros grupos infantis. Da mesma forma, os dados do grupo de 5 anos indicam que essas crianças apresentam um comportamento linguístico mais próximo ao comportamento adulto do que as crianças de 4 anos. Assim como sugerimos na seção anterior, as crianças parecem adotar uma estratégia de esquiva cada vez mais frequentemente, de modo que seu comportamento muda em direção ao comportamento adulto.

Assim como observamos nos dados concernentes às relativas de objeto direto, as porcentagens de produções que não envolvem uma relativa na tabela 6 (coluna *N/A*) indicam que as crianças de 6 anos são mais consistentes na hora de aderir à proposta da tarefa do que as crianças de 5 anos (que, por sua vez, produziram mais relativas do que as crianças de 4 anos). Isto é, as crianças mais velhas se mostram mais aptas a seguir as instruções de uma tarefa envolvendo a eliciação de relativas de objeto em geral (cf. nota 49).

Conforme vimos na tabela 8, as crianças não utilizaram a estratégia padrão para produzir relativas de objeto preposicionado, enquanto que os dados adultos apresentam uma baixa frequência dessa construção. Podemos concluir que a produção de orações relativas com *pied-piping* preposicional depende do seu ensino formal, como sugere Corrêa (1998). Isto é, essas relativas são artefatos prescritivos, aprendidos tardiamente.

⁴⁹ Uma possível interpretação para esses resultados está relacionada à memória de trabalho e à produção de orações relativas. Bentea et al. (2015) investigam a relação entre a compreensão de orações relativas em francês e memória de trabalho, por meio de testes de repetição de dígitos na ordem direta e na ordem inversa com crianças de 5 a 11 anos de idade. De acordo com os autores, “...the impact of forward digit span scores on response accuracy suggests that limitations in memory resources affect the processing of A'-dependencies.” Bentea et al. (2015: 18).

Isso pode ser observado em nossos dados, por exemplo, quando encontramos duas tentativas de uso da forma *cuja* que não se adequam à pergunta feita durante a tarefa.

19.

- a. Relativa alvo: “...a menina para quem o menino contou uma história.”
Relativa produzida: “...a menina **cuja** história foi contada.” E.F. (“adulto”)
- b. Relativa alvo: “...a boneca para quem o menino contou uma história.”
Relativa produzida: “...a boneca **cuja** história foi contada.” E.F. (“adulto”)

As produções acima podem ser tomadas como evidência de que o uso da estratégia padrão para derivar orações relativas preposicionadas é aprendido tardiamente (Corrêa, 1998) e seu uso é suscetível a erros, como no aprendizado de uma segunda língua, o que está de acordo com a proposta de Guasti e Cardinaletti (2003).⁵⁰

“...this state of affairs can be captured in terms of different, coexisting grammars [...] acquired in different moments of one’s life. Non-standard relatives are picked up naturally during the first years of life [...] Subjects are exposed to the formal language in school years through reading and writing, and it is at this point that standard relatives start to be acquired by children...”

(Guasti e Cardinaletti, 2003: 85-86)

Ao verificarmos as frequências de uso de relativas de objeto direto e de objeto preposicionado em comparação ao uso de estratégias de esquivas, vemos que, nos grupos infantis, houve uma maior produção de relativas de objeto direto do que de relativas de objeto preposicionado (25,3% vs. 20,0%, no grupo de 4 anos; 41,4% vs. 33,1%, no grupo de 5 anos; 31,1% vs. 23,6%, no grupo de 6 anos). Um teste de igualdade de proporções⁵¹ foi aplicado para verificar se a diferença entre as

⁵⁰ Para uma abordagem que considera que um falante pode possuir uma série de “minigramáticas” relativas a diferentes domínios, cf. Roeper (1999).

⁵¹ Em todos os testes estatísticos, foi utilizado o aplicativo R e a função *prop.test*. O teste de igualdade de proporções (*2-sample Test for Equality of Proportions*) é usado para testar a hipótese nula em que as proporções em diferentes grupos são as mesmas (isto é, os resultados são “por acaso”), ou que elas igualam um valor dado. Nossos testes envolvem duas proporções (como frequência de uso de

produções de relativas de objeto direto e de objeto preposicionado em cada grupo é estatisticamente significativa. Os resultados dos testes estatísticos indicam que a diferença observada é significativa para todos os grupos (Teste de Igualdade de Proporções, p-valores < 0.011; 0.024; 0.029, para os grupos de 4, 5 e 6 anos, respectivamente). Por sua vez, os adultos produziram menos relativas de objeto direto do que relativas de objeto preposicionado (36,7% vs. 37,5%, no grupo de adultos), sendo que a diferença observada nesse grupo não é estatisticamente significativa (Teste de Igualdade de Proporções, p-valor > 0.924).⁵²

Isso sugere que, para as crianças, as relativas de objeto preposicionado são mais difíceis do que as relativas de objeto direto. Uma possível explicação tem como base a proposta de Roeper (2003), explorada por Lessa de Oliveira (2008) (cf. seção 2.3.3). Roeper propõe que operações de movimento que envolvem *pied-piping* preposicional são menos econômicas do que o movimento que resulta em uma estrutura com *preposition stranding*. De acordo com o autor, ambas as interrogativas “[a picture of whom] did he see?” e “[who] did he see a picture of?” (relativos aos exemplos (70a-b) no capítulo 2) necessitam da checagem do traço [+Qu], mas há uma preferência pela segunda construção (a que envolve *preposition stranding*). No primeiro caso, para que a checagem do traço [+Qu] ocorra, o constituinte movido deve ser transposto, enquanto que no segundo caso, essa checagem do traço [+Qu] ocorre envolvendo o menor número de nós possível. Segundo Roeper, a checagem imediata do traço [+Qu], que resulta na interrogativa com *preposition stranding*, representa a opção sintaticamente mais econômica. Como o PB é uma língua em que a estratégia de *preposition stranding* resulta em uma sentença

estratégias de esquiva e frequência de uso de relativas de objeto direto ou preposicionado, por exemplo) e foram aplicados com intervalo de confiança de 95%.

⁵² Nossos resultados diferem daqueles em Costa et al. (2014) para português europeu infantil e hebraico infantil. Para esses autores, tanto as relativas de objeto direto quanto as relativas de objeto preposicionado são igualmente difíceis para as crianças. No entanto, os critérios utilizados para a classificação dos dados são diferentes daqueles utilizados em nosso estudo. Costa et al. não consideram como válidas as produções de relativas de objeto direto e preposicionado com o uso de elementos resumptivos. Apenas as relativas com uma lacuna (no caso das relativas de objeto direto), as relativas com *prepositional pied-piping* e as relativas cortadoras (no caso das relativas de objeto preposicionado) foram incluídas na contagem de produções válidas em seu estudo. Desta forma, os valores relativos às produções de relativas de objeto direto e de relativas de objeto preposicionado nesse estudo se aproximam, o que faz com que os autores concluam que as relativas de objeto direto são tão difíceis quanto as relativas de objeto preposicionado para as crianças. Para os detalhes sobre os materiais utilizados, os procedimentos, classificação e análise dos dados, cf. Costa et al. (2014).

degradada (cf. (20a)), para que um núcleo relativizado preposicionado possa checar o traço relativo, todo o PP deve ser alçado – justamente a opção menos econômica, dentro da proposta de Roeper (cf. (20b)).

Assumindo a análise de Kato e Nunes (2009), as estratégias de relativização não-padrão do PB envolvem o alçamento de um DP (em vez de um PP) partindo da posição de LD (cf. (20c)), viabilizando a checagem do traço relativo sem envolver *pied-piping* preposicional, sendo mais econômica do que tal estratégia.

Os exemplos abaixo ilustram as derivações de uma relativa preposicionada com *preposition stranding*, com *pied-piping* preposicional e cortadora (respectivamente (20a), (20b) e (20c)).

No primeiro exemplo, o DP *que professora* é alçado para CP, deixando para trás a preposição *para*. O NP relativizado *professora* é movido, sendo adjungido ao DP e todo o CP relativo é concatenado ao determinante *a*. Essa derivação resulta em uma relativa agramatical em PB, dada a impossibilidade de *preposition stranding* na língua.

No segundo exemplo, todo o PP *para que professora* é alçado para CP. Em seguida, o NP relativizado *professora* é adjungido ao DP, para depois se mover novamente, sendo adjungido ao PP nucleado pela preposição *para*. Finalmente, o CP relativo se concatena ao determinante externo, resultando em uma relativa preposicionada padrão (i.e. com *pied-piping* preposicional).

Por fim, o terceiro exemplo ilustra a derivação de uma relativa não-padrão, isto é, sem *pied-piping* preposicional. O DP *que professora*, gerado em LD (uma posição acima de IP) é alçado para CP. Em seguida, há movimento do NP relativizado *professora*, que se adjunge ao DP. Finalmente, o determinante externo é adjungido ao CP relativo.

20.

- a. *A professora que eu dei o livro para.

[IP eu dei o livro [PP para [DP que professora]]]

[CP [DP que professora]_i [IP eu dei o livro [PP para t_i]]]

[CP [DP professora_k [DP que t_k]_i] [IP eu dei o livro [PP para t_i]]]

[DP a [CP [DP professora_k [DP que t_k]_i] [IP eu dei o livro [PP para t_i]]]]

- b. A professora para quem eu dei o livro.

[_{IP} eu dei o livro [_{PP} para [_{DP} que professora]]]
 [_{CP} [_{PP} para [_{DP} que professora]]_i [_{IP} eu dei o livro t_i]]
 [_{CP} [_{PP} para [_{DP} professora_k [_{DP} que t_k]]]_i [_{IP} eu dei o livro t_i]]
 [_{CP} [_{PP} professora_k [_{PP} para [_{DP} t_k [_{DP} quem t_k]]]]_i [_{IP} eu dei o livro t_i]]
 [_{DP} a [_{CP} [_{PP} professora_k [_{PP} para [_{DP} t_k [_{DP} quem t_k]]]]_i [_{IP} eu dei o livro t_i]]]

- c. A professora que eu dei o livro *pro*.⁵³

[_{LD} [_{DP} que professora_i] [_{IP} eu dei o livro *pro*_i]]
 [_{CP} [_{DP} que professora_i]_k [_{LD} t_k [_{IP} eu dei o livro *pro*_i]]]
 [_{CP} [_{DP} professora_i [_{DP} que t_i]]_k [_{LD} t_k [_{IP} eu dei o livro *pro*_i]]]
 [_{DP} a [_{CP} [_{DP} professora_i [_{DP} que t_i]]_k [_{LD} t_k [_{IP} eu dei o livro *pro*_i]]]]

Uma possível interpretação para os dados acerca das relativas de objeto preposicionado é que as crianças não produzem essas relativas por meio da estratégia padrão (i.e. com *pied-piping* preposicional) devido a uma conjunção de fatores: as construções utilizadas pelas crianças (as relativas cortadoras e com um elemento resumptivo preposicionado pronunciado) são as mais simples do ponto de vista derivacional; o grupo de adultos não produziu relativas com *pied-piping* preposicional frequentemente, sugerindo que as crianças não ouvem essas construções na fala dos adultos; e a estratégia padrão para as relativas preposicionadas depende de seu ensino formal.

As frequências de uso de uma lacuna e de resumptivos nas relativas de objeto direto em comparação com as mesmas construções nas relativas de objeto preposicionado indicam que, em geral, o uso de resumptivos (pronomes e NPs) foi mais frequente quando tentamos eliciar relativas de objeto preposicionado. Por sua vez, o uso de lacunas na posição relativizada se mostrou mais frequente quando tentamos eliciar relativas de objeto direto, em todos os grupos. A tabela abaixo

⁵³ Em (20c), ilustramos uma oração relativa de objeto preposicionado cortadora. No caso de uma relativa com um pronome resumptivo, temos [_{PP} para ela] nessa mesma posição, seguindo a proposta de Kato e Nunes (2009). Em nosso trabalho, estendemos a estrutura proposta pelos autores para as relativas com um NP resumptivo, já que esse tipo de construção foi utilizado por nossos sujeitos de pesquisa. Ressaltamos que é necessário um estudo futuro sobre as consequências dessa extensão.

compara as frequências de uso de lacunas e resumptivos nas relativas de objeto direto e objeto preposicionado.

Tabela 9: Uso de relativas de objeto direto e preposicionado com lacuna e resumptivos.

Grupo	Relativas de Objeto Direto			Relativas de Objeto Preposicionado		
	Lacuna	Pron. resump.	NP resump.	Lacuna	Pron. resump.	NP resump.
4 anos	74,7% (68)	12,1% (11)	13,2% (12)	62,5% (45)	18,1% (13)	19,4% (14)
5 anos	81,3% (121)	6,0% (9)	12,7% (19)	64,7% (77)	10,9% (9)	24,3% (29)
6 anos	89,2% (100)	5,4% (6)	5,4% (6)	64,7% (55)	18,8% (16)	16,5% (14)
Adultos	98,9% (87)	1,1% (1)	0% (0)	77,8% (70)	2,2% (2)	2,2% (2)

A maior frequência de elementos resumptivos nas relativas de objeto preposicionado pode estar relacionada à conjunção de fatores que fazem com que as crianças utilizam as estratégias não-padrão para produzir essas relativas, como apontamos acima. Por sua vez, o maior uso de lacunas nas relativas de objeto direto pode ser explicado com base nos dados de aquisição em Grolla (2000, 2005b), que sugerem que as primeiras relativas de objeto direto produzidas por crianças adquirindo o PB como primeira língua são derivadas via movimento, e que a criança começa a usar resumptivos apenas depois de uma análise acerca desses elementos na língua. Com isso, podemos esperar que as relativas de objeto direto derivadas por movimento sejam as mais comuns na fala de crianças do que as relativas com resumptivos. Em nossa análise, as relativas de objeto direto com uma lacuna são tidas como derivadas via movimento do núcleo relativizado, partindo da posição de objeto direto.

Nas seções que seguem, apresentaremos e analisaremos as produções de cada grupo estudado de acordo com a manipulação do traço de animacidade em nossos materiais experimentais. Primeiramente, apresentaremos os resultados e a discussão sobre as quatro condições testadas em relativas de objeto direto. Em seguida, seguiremos os mesmos passos quanto às condições testadas em relativas de objeto preposicionado.

A seguir, apresentaremos os dados relativos à produção de orações relativas de objeto direto focalizando as configurações de animacidade utilizadas em nosso material experimental.

3.6.4. Relativas de Objeto Direto e animacidade

Nessa seção, apresentaremos os dados relacionados à produção de relativas de objeto direto, organizados de acordo com as quatro condições de animacidade testadas em nosso experimento. Após a apresentação dos dados, contrastaremos as frequências de produção para verificarmos quais condições de animacidade influenciam ou não a produção de relativas de objeto direto de maneira estatisticamente relevante.

3.6.4.1. Sujeito [+animado], Núcleo Relativizado [+animado]

Inicialmente, veremos os dados concernentes às relativas com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado]. Um exemplo do material utilizado para eliciarmos as relativas de objeto direto nessa configuração de animacidade segue abaixo.

21. Relativa alvo: “...o **menino** que a **menina** molhou/sujou.”

[+animado] [+animado]

Figura 3: A menina molhou o menino. vs. A menina sujou o menino.

Gráfico 3: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].

Os dados concernentes à essa configuração de animacidade, ao eliciar relativas de objeto direto, indicam que houve uma maior frequência de uso de estratégias de esquiva do que de relativas de objeto direto. Um teste de igualdade de proporções indica que os dados das crianças de 4 e de 6 anos apresentaram uma diferença estatisticamente significativa (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para os grupos de 4 e 6 anos). As crianças de 5 anos e os adultos não apresentaram uma diferença significativa no mesmo teste entre a frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto nessa condição (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} > 0.75$, para o grupo de 5 anos, e $p\text{-valor} > 0.24$, para os adultos).

Nessa condição de animacidade, as porcentagens das construções utilizadas em cada faixa etária constam na tabela a seguir.

Tabela 10: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.⁵⁴

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	3,1% (2)	21,9% (14)	3,1% (2)	21,9% (14)	3,1% (2)	7,8% (5)	0,0% (0)	39,1% (25)
5 anos	10,6% (5)	21,3% (10)	6,4% (3)	21,3% (10)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	40,4% (19)
6 anos	10,3% (6)	31,1% (18)	24,1% (14)	17,3% (10)	1,7% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	15,5% (9)
Adultos	0,0% (0)	8,5% (3)	85,7% (30)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	2,9% (1)	2,9% (1)

Na distribuição das porcentagens de uso de relativas de sujeito como estratégias de esquivas pelas construções empregadas, vemos que, entre as crianças de 4 e 5 anos, o uso de um adjetivo ou um verbo de mudança de estado e as construções absolutas são as construções mais frequentes. Ambas as construções aparecem com a mesma frequência em cada grupo (21,9% no grupo de 4 anos e 21,3% no grupo de 5 anos). As crianças de 6 anos, por sua vez, utilizaram as seguintes construções ao empregar uma relativa de sujeito em suas respostas: o uso de um adjetivo ou um verbo de mudança de estado (31,1%), uma passiva (24,2%) e uma construção absoluta (17,3%). Já os adultos utilizaram a passiva na grande maioria de suas respostas (85,7%).

No que diz respeito ao uso de uma construção sem uma relativa, as crianças de 4 e 5 anos não apresentam uma grande diferença entre suas porcentagens (39,1% e 40,4%, respectivamente), enquanto que as crianças de 6 anos recorreram a essa estratégia com menos da metade da frequência dos outros grupos infantis (15,5%). No grupo de adultos, houve apenas uma produção desse tipo (correspondendo a 2,9% das produções em N/A, na tabela acima).

A tabela abaixo mostra a distribuição de pronomes e NPs resumptivos, e lacunas na produção de relativas de objeto direto por cada grupo estudado.

⁵⁴ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

Tabela 11: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].⁵⁵

4 anos			5 anos			6 anos			Adultos		
PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna
26,9%	3,9%	69,2%	11,7%	13,9%	74,4%	9,4%	6,2%	84,4%	4,0%	0,0%	96,0%
(7)	(1)	(18)	(5)	(6)	(32)	(3)	(2)	(27)	(1)	(0)	(24)

Em todos os grupos estudados, vemos que as relativas de objeto com uma lacuna foram a construção mais utilizada. Por sua vez, a frequência de relativas com um elemento resumptivo, seja ele um pronome ou um NP, é de 30,8%, 25,6%, 15,6% e 4,0% para os grupos de 4, 5 e 6 anos, e para os adultos, respectivamente.

3.6.4.2. Sujeito [+animado], Núcleo Relativizado [-animado]

A seguir, apresentamos o gráfico referente às produções envolvendo relativas com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado], como ilustra o exemplo abaixo:

22. Relativa alvo: “...o **sorvete** que a **menina** lambeu/mordeu.”

[-animado] [+animado]

Figura 4: A menina lambeu o sorvete. vs. A menina mordeu o sorvete.

⁵⁵ As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto daquela faixa etária. Legenda: Pronome resumptivo (PR), NP resumptivo (NPR) e Lacuna.

Gráfico 4: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado].

Nessa configuração de animacidade, observamos o mesmo comportamento acima: há um maior uso de estratégias de esquiva do que de relativas de objeto direto. Novamente, os dados das crianças de 4 e de 6 anos apresentaram uma diferença significativa no teste de igualdade de proporções (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para os grupos de 4 e 6 anos). As crianças de 5 anos e os adultos não apresentaram uma diferença significativa entre a frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto nessa condição (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} > 0.24$, para o grupo de 5 anos, e $p\text{-valor} > 0.09$, para os adultos).

Nessa condição de animacidade, as porcentagens das construções utilizadas relativas às estratégias de esquiva em cada faixa etária constam na tabela a seguir.

Tabela 12: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.⁵⁶

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	4,8% (3)	27,4% (17)	1,6% (1)	21,0% (13)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	45,2% (28)
5 anos	7,8% (4)	31,4% (16)	1,9% (1)	27,5% (14)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	31,4% (16)
6 anos	6,9% (4)	34,5% (20)	20,7% (12)	15,5% (9)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	22,4% (13)
Adultos	0,0% (0)	18,9% (7)	78,4% (29)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	2,7% (1)

Na tabela acima, vemos que as crianças de todas as faixas etárias preferiram utilizar um adjetivo ou um verbo de mudança de estado ao produzirem uma relativa de sujeito, com frequências de 27,4%, 31,4% e 34,5% nos grupos de 4, 5 e 6 anos, respectivamente. Dentre as crianças, apenas o grupo de 6 anos utilizou passivas de forma frequente, sendo que essa construção figurou em segundo lugar nesse grupo. As construções absolutas aparecem com certa frequência em todos os grupos infantis também (21%, 27,5% e 15,5%, nos grupos de 4, 5 e 6 anos, respectivamente). Quanto aos adultos, assim como na configuração de animacidade apresentada acima, as passivas foram amplamente utilizadas (78,4%).

No que diz respeito ao uso de uma construção sem uma relativa, as crianças apresentam porcentagens decrescentes, de acordo com a idade de cada grupo. (45,2%, 31,4% e 22,4%, respectivamente para os grupos de 4, 5 e 6 anos), enquanto que os adultos recorreram a construções sem uma relativa apenas 1 vez (relativo a 2,7%).

A tabela abaixo mostra a distribuição de elementos resumptivos e lacunas nessa configuração, para cada grupo estudado.

⁵⁶ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

Tabela 13: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado].⁵⁷

4 anos			5 anos			6 anos			Adultos		
PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna
7,7%	0,0%	92,3%	5,1%	0,0%	94,9%	3,1%	0,0%	96,9%	0,0%	0,0%	100%
(4)	(0)	(24)	(2)	(0)	(37)	(1)	(0)	(31)	(0)	(0)	(23)

Nenhum dos grupos produziu relativas com um NP resumptivo. A frequência com que pronomes resumptivos foram usados é decrescente, de acordo com a idade dos informantes. Os grupos de 4, 5 e 6 anos produziram pronomes resumptivos respectivamente com as seguintes frequências: 7,7%, 5,1% e 3,1%. Já os adultos não recorreram ao uso de pronomes resumptivos. Em todos os grupos estudados, vemos que a construção mais utilizada entre as construções com uma relativa de objeto continha uma lacuna.

3.6.4.3. Sujeito [-animado], Núcleo Relativizado [+animado]

Partiremos agora para os dados referentes às orações relativas com sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado]. Abaixo, temos um exemplo de uma relativa com essa configuração.

23. Relativa alvo: “...a **coruja** que o **furacão** derrubou/levou.”

[+animado] [-animado]

Figura 5: O furacão derrubou a coruja. vs. O furacão levou a coruja.

⁵⁷ As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto daquela faixa etária. Legenda: Pronome resumptivo (PR), NP resumptivo (NPR) e Lacuna.

Gráfico 5: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado].

Nessa configuração de animacidade, continuamos a observar um uso mais frequente de estratégias de esquiva do que de relativas de objeto direto. No entanto, nessa configuração de animacidade, todos os grupos apresentaram uma diferença estatisticamente significativa (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para todos os grupos). A diferença estatisticamente significativa entre o uso de estratégias de esquiva e de objeto direto sugere que essa configuração de animacidade é difícil para as crianças e para os adultos.

Abaixo temos as porcentagens de uso de estratégias de esquiva por grupo.

Tabela 14: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.⁵⁸

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	18,3% (13)	16,9% (12)	4,2% (3)	18,3% (13)	1,4% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	40,9% (29)
5 anos	20,3% (12)	22,0% (13)	10,3% (6)	22,0% (13)	3,4% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	22,0% (13)
6 anos	29,6% (21)	23,9% (17)	15,5% (11)	11,3% (8)	1,4% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	18,3% (13)
Adultos	2,6% (1)	2,6% (1)	92,2% (35)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	2,6% (1)

Vemos na tabela acima que três construções foram utilizadas com maior frequência pelas crianças de 4, 5 e 6 anos, para produzir uma relativa de sujeito. São elas: o uso de um outro verbo, o uso de um adjetivo ou um verbo de mudança de estado, e a construção absoluta.

Novamente, podemos notar que a frequência de respostas sem uma relativa é decrescente se observarmos as porcentagens dos grupos de crianças de 4, 5 e 6 anos (40,9%, 22,0% e 18,3%, respectivamente). Os adultos recorreram a construções sem uma relativa apenas 1 vez (relativo a 2,7%).

A tabela abaixo mostra a frequência de uso de relativas de objeto direto em cada grupo, dividida entre a frequência de elementos resumptivos e de lacunas nessa configuração.

Tabela 15: Emprego de resumptivos e lacuna em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto direto com sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado].⁵⁹

4 anos			5 anos			6 anos			Adultos		
PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna	PR	NPR	Lacuna
15,8% (3)	21,0% (4)	63,2% (12)	9,7% (3)	19,3% (6)	71,0% (22)	15,8% (3)	10,5% (2)	73,7% (14)	0,0% (0)	0,0% (0)	100% (18)

Ao contrário do que temos na condição anterior, todos os grupos de crianças produziram relativas com um NP resumptivo, além dos pronomes resumptivos. A

⁵⁸ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

⁵⁹ As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto daquela faixa etária. Legenda: Pronome resumptivo (PR), NP resumptivo (NPR) e Lacuna.

frequência total de uso de itens resumptivos em cada grupo foi de 36,8%, 29% e 26,3% nos grupos de 4, 5 e 6 anos, respectivamente. Os adultos, por sua vez, não produziram itens resumptivos.

Em todos os grupos estudados, a construção mais utilizada dentre as construções com uma relativa de objeto continha uma lacuna.

3.6.4.4. Sujeito [-animado], Núcleo Relativizado [-animado]

Por fim, apresentaremos os dados relativos às relativas com o sujeito da relativa [-animado] e o núcleo relativizado [-animado] também. Abaixo, temos um exemplo de uma relativa com essa configuração e o par de figuras relacionado a ela.

24. Relativa alvo: “...o **vaso** que a **chuva** derrubou/molhou.”

[-animado] [-animado]

Figura 6: A chuva derrubou o vaso. vs. A chuva molhou o vaso.

Gráfico 6: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto, referentes à condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado].

Nessa configuração de animacidade, o uso mais frequente de estratégias de esquiva em comparação às relativas de objeto direto é atestado novamente. Os dados das crianças de 4 e de 6 anos apresentaram uma diferença estatisticamente significativa (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para ambos os grupos), enquanto que as crianças de 5 anos e os adultos não apresentaram uma diferença significativa entre a frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} > 0.07$, para o grupo de 5 anos, e $p\text{-valor} > 0.05$, para os adultos). Isto é, para as crianças de 4 e de 6 anos, a diferença entre o uso de estratégias de esquiva e de objeto direto indica uma maior dificuldade com essa configuração de animacidade, enquanto que, para as crianças de 5 anos e os adultos, a diferença entre essas duas classificações não sugere que as relativas com essa configuração de animacidade seja difícil (apesar de esses resultados se aproximarem mais do $p\text{-valor}$ que indicaria dificuldade com essa configuração do que em nas configurações com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [$\pm$ animado]).

As porcentagens de uso de cada construção referente às estratégias de esquiva seguem na tabela abaixo.

Tabela 16: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.⁶⁰

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	18,1% (13)	15,3% (11)	1,4% (1)	34,7% (25)	0,0% (0)	1,4% (1)	0,0% (0)	29,1% (21)
5 anos	18,5% (10)	20,4% (11)	9,3% (5)	20,4% (11)	0,0% (0)	1,8% (1)	0,0% (0)	29,6% (16)
6 anos	16,4% (10)	29,6% (18)	26,2% (16)	18,0% (11)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	9,8% (6)
Adultos	2,6% (1)	2,6% (1)	92,2% (35)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	2,6% (1)

A tabela acima mostra que, entre as crianças de 4 anos, a construção absoluta é a mais frequente dentre as estratégias de esquiva que envolvem uma relativa de sujeito. Já as crianças de 5 anos utilizam tanto as construções absolutas, quanto um outro verbo e um adjetivo ou um verbo de mudança de estado. Por sua vez, as crianças de 6 anos utilizam um adjetivo ou um verbo de mudança de estado e construções passivas mais frequentemente. Por fim, os adultos massivamente utilizaram construções passivas como estratégia de esquiva.

Com relação às produções sem uma relativa, notamos que as crianças de 4 e 5 anos as utilizaram com frequência parecida (29,1% e 29,6%, respectivamente), enquanto que as crianças de 6 anos utilizaram essa estratégia menos vezes (9,8%). No grupo de adultos, houve apenas uma ocorrência de construção sem uma oração relativa (2,7%).

A tabela abaixo mostra a frequência de uso de relativas de objeto direto em cada grupo, dividida entre a frequência de elementos resumptivos e de lacunas nessa configuração.

⁶⁰ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

Essa conclusão é baseada no Teste de Igualdade de Proporções, que aponta para uma diferença significativa entre o uso de estratégias de esquiva e o uso de relativas de objeto direto em todos os grupos estudados nessa configuração de animacidade. Para todos os grupos, o teste estatístico resultou em $p\text{-valor} < 0.01$.

Nossos resultados acerca da produção de relativas de objeto direto com essa configuração de animacidade corroboram estudos que indicam que tarefas envolvendo relativas com um sujeito [–animado] e um núcleo relativizado [+animado] acarretam dificuldades no processamento e na produção dessas sentenças (Gennari e Macdonald (2008), Gennari et al. (2012) e Mak et al. (2002, 2006), por exemplo).

Podemos ver na tabela comparativa abaixo que essa configuração de animacidade foi a que resultou nas menores frequências de relativas de objeto direto.

Tabela 18: Frequência de uso de relativas de objeto direto com lacuna, em todos os grupos e condições de animacidade testadas.⁶²

Grupo	Suj. [+an.] N.R. [+an.]	Suj. [+an.] N.R. [–an.]	Suj. [–an.] N.R. [+an.]	Suj. [–an.] N.R. [–an.]
4 anos	28,9% (26)	31,1% (28)	21,1% (19)	20,0% (18)
5 anos	47,8% (46)	43,3% (39)	34,4% (31)	40,0% (36)
6 anos	35,6% (32)	35,6% (32)	21,1% (19)	32,2% (29)
Adultos	41,7% (25)	38,3% (23)	30,0% (18)	36,7% (22)

Em comparação às outras três configurações de animacidade, vemos que a condição com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [–animado] foi a que resultou na maior frequência de uso de um outro verbo como estratégia de esquiva (cf. tabela 19). No entanto, é possível notar que, na tabela abaixo, a condição em que ambos o sujeito e o núcleo relativizado são [–animado] resultou em uma frequência de uso de um outro verbo como estratégia de esquiva próxima da frequência da configuração anterior.

⁶² As porcentagens se referem à frequência de produções de relativas de objeto frente ao total de produções em cada configuração de animacidade.

Tabela 19: Frequência de uso de um outro verbo ao se esquivar de uma relativa de objeto direto, em todas as condições testadas.⁶³

Grupo	Suj. [+an.] N.R. [+an.]	Suj. [+an.] N.R. [-an.]	Suj. [-an.] N.R. [+an.]	Suj. [-an.] N.R. [-an.]
4 anos	3,1% (2)	4,8% (3)	18,3% (13)	18,1% (13)
5 anos	10,6% (5)	7,8% (4)	20,3% (12)	18,5% (10)
6 anos	10,3% (6)	6,9% (4)	29,6% (21)	16,4% (10)
Adultos	0,0% (0)	0,0% (0)	2,6% (1)	2,6% (1)

Isso indica que, quando um predicado envolvendo um sujeito [-animado] é apresentado, a produção de uma relativa contendo a mesma relação entre esses argumentos é feita mais facilmente utilizando um verbo diferente daquele apresentado, em que o elemento relativizado (no caso, o objeto direto [±animado]) ocupa a posição de sujeito sintático.

Isso vai ao encontro das observações de Becker (2014) sobre o estudo de Clark e Begun (1971) (apresentadas no capítulo 2, seção 2.5). Considerando que as posições de sujeito e objeto em uma construção transitiva são comumente preenchidas por um argumento [+animado] e um argumento [-animado], respectivamente, o planejamento do enunciado envolvendo uma oração relativa pode ser facilitado caso o elemento [+animado] seja relacionado à posição de sujeito da oração relativa. No entanto, a relativização de um argumento em que o sujeito é inanimado é inesperada, sendo preterida durante o planejamento do enunciado. Isso explica o elevado número de construções envolvendo um outro verbo (além do uso de construções absolutas e incoativas) nas duas condições à direita na tabela acima.

É preciso observar que esse comportamento pode estar relacionado tanto à presença de um sujeito [-animado] como discutimos acima quanto aos verbos que utilizamos em nossos materiais. Os verbos utilizados nessas configurações (*derrubar, molhar, limpar, engolir, levar e destruir*) são comumente relacionados a um agente na posição de sujeito em construção transitiva. De acordo com Becker

⁶³ As porcentagens se referem ao uso um outro verbo como estratégia de esquiva. Legenda: sujeito da relativa (Suj.) e núcleo relativizado (N.R.).

(2014), argumentos com o traço [+animado] são mais frequentemente relacionados ao papel temático de agente. Portanto, a ocorrência de um sujeito [-animado] com esses verbos pode acarretar em uma sentença mais difícil de ser planejada pelo falante, que, por sua vez, utilizará uma relativa de sujeito para evitar uma relativa de objeto (cuja derivação partiria de uma estrutura transitiva contendo um sujeito [-animado]).

Com isso, a conclusão a que chegamos é que a produção de relativas contendo um sujeito [-animado] foi mais difícil para os sujeitos de nossa pesquisa e isso tem duas causas relacionadas: o tipo de verbo envolvido e, conseqüentemente, os tipos de sujeito que esses verbos aceitam.

Com relação ao uso de pronomes e NPs resumptivos, nossos dados atestam as menores frequências de uso desses elementos para as crianças quando o sujeito é [+animado] e o núcleo relativizado é [-animado]. Considerando que esta é a configuração relacionada à maior produção de relativas de objeto, podemos dizer que o uso de resumptivos também está relacionado à dificuldade inerente a certas configurações de animacidade nas relativas de objeto direto.

Tabela 20: Frequência de uso de resumptivos ao produzi uma relativa de objeto direto, em todas as condições testadas.

Grupo	Suj. [+an.] N.R. [+an.]	Suj. [+an.] N.R. [-an.]	Suj. [-an.] N.R. [+an.]	Suj. [-an.] N.R. [-an.]
4 anos	30,8% (8)	7,7% (4)	26,8% (7)	22,2% (4)
5 anos	25,6% (11)	5,1% (2)	29,0% (9)	16,7% (6)
6 anos	15,6% (5)	3,1% (1)	26,3% (5)	3,4% (1)
Adultos	4,0% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)

Também vemos que o uso mais frequente de pronomes e NPs resumptivos ocorre quando o antecedente, isto é, o elemento relativizado, é [+animado], conforme vemos nos exemplos em (26).

26.

- a. "...a **caixa** que o moço tá empurrando." C.M. (5;9)
[–animado]
- b. "...a **caixa** que ele tá empurrando." T.L. (6;1)
[–animado]
- c. "...o **menino** que a onda só molhou **ele**." C.M. (5;9)
[+animado]
- d. "...a **coruja** que o furacão fez a **coruja** cair." T.L. (6;1)
[+animado]

Esses dados lembram trabalhos sobre o objeto nulo em PB, como o de Cyrino (1994, 2000) e Casagrande (2010). Cyrino nota que, em sentenças com um antecedente [+animado], a posição de objeto direto é preferencialmente preenchida por um pronome lexical de terceira pessoa, enquanto que o objeto nulo está geralmente relacionado a um antecedente [–animado], conforme vemos nos exemplos abaixo.

27.

- a. O **Pedro**_i disse que a Maria beijou **ele**_i.
- b. A **Júlia**_i sempre chora quando ponho **ela**_i no berço.

(Cyrino, 2000: 67-68)

- c. Comprei o **casaco** sem experimentar ____.
- d. Onde está o **jornal**?
Maria perdeu ____.

(Cyrino, 1994: 40-51)

Apesar de Cyrino analisar elementos livres em posição de objeto direto, nossos dados com pronomes A'-ligados apresentam uma certa semelhança com os dados da autora no que diz respeito ao uso de pronomes (e NPs) resumptivos preferencialmente quando o antecedente é [+animado]. Conforme veremos na seção

3.6.6, os dados das relativas preposicionadas e animacidade indicam o mesmo comportamento.⁶⁴

Finalmente, considerando que nossos resultados indicam que as relativas de objeto direto contendo um sujeito [–animado] são as mais difíceis para as crianças, podemos dizer que o traço de animacidade não pode ser computado para fins de interveniência, como em Friedmann et al. (2009). Isto é, considerando a análise dos autores, que sugere que, diferentemente da gramática adulta, a gramática infantil não aceita uma especificação de inclusão dos traços do alvo com relação ao elemento interveniente (i.e. a gramática infantil requer uma especificação disjunta de traços), poderíamos esperar que a semelhança dos traços de animacidade do elemento relativizado e do sujeito da relativa pudesse fazer com que as relativas com sujeito e núcleo relativizado com traços de animacidade iguais fossem mais difíceis para a produção das crianças. No entanto, os testes estatísticos indicam que apenas as relativas com um sujeito [–animado] e um núcleo relativizado [+animado] são difíceis tanto para as crianças, quanto para os adultos, que recorreram a estratégias de esquiva mais frequentemente. Nesses casos, nossos dados sugerem que a dificuldade com as relativas de objeto direto tem uma relação com o traço de animacidade do sujeito da relativa, sendo que as relativas de objeto são mais difíceis para a produção de crianças quando o sujeito é [–animado].

Portanto, nossa análise é que o traço de animacidade do sujeito e do núcleo relativizado, em orações relativas de objeto direto, não são computados para fins de interveniência.

Na próxima seção, apresentaremos os dados relativos à produção de orações relativas de objeto preposicionado considerando as configurações de animacidade que utilizamos em nosso experimento, conforme fizemos na seção 3.6.2. Após essa apresentação, verificaremos quais condições de animacidade influenciaram a

⁶⁴ Cyrino (1994, 2000) analisa a lacuna em posição de objeto direto em sentenças como as exemplificadas em (27) como *pro*. Ressaltamos que em nossa discussão na seção 3.6.3, analisamos a lacuna em posição de objeto direto de uma relativa como um vestígio de movimento, considerando que as primeiras relativas a aparecerem na fala infantil são derivadas via movimento (cf. Grolla 2000, 2005), uma vez que elas são naturais aos falantes de PB. Com isso, reservamos nossa análise e a comparação com os dados de Cyrino aos resumptivos pronunciados que foram produzidos.

produção de relativas de objeto preposicionado, com base nas frequências de produção e em análises estatísticas.

3.6.5. Relativas de Objeto Preposicionado e animacidade

3.6.5.1. Sujeito [+animado], Núcleo Relativizado [+animado]

Iniciaremos nossa apresentação com os dados referentes às relativas com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado]. Um exemplo do desse tipo de construção segue abaixo.

28. Relativa alvo: “...o **menino** em quem a **menina** colocou o chapéu.”

“...o **menino** de quem a **menina** tirou o chapéu.”

[+animado]

[+animado]

Figura 7: A menina colocou o chapéu no menino. vs. A menina tirou o chapéu do menino.

Gráfico 7: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].

Nessa configuração de animacidade, a diferença entre as porcentagens de uso das estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado se mostra estatisticamente significativa, isto é, todos os grupos estudados apresentaram uma diferença significativa entre essas duas classificações, de acordo com o Teste de Igualdade de Proporções aplicado a esses dados (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para todos os grupos).

As porcentagens das construções utilizadas relativas às estratégias de esquiva, nessa condição de animacidade, em cada faixa etária constam na tabela a seguir.

Tabela 21: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.⁶⁵

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	29,6% (24)	1,2% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	34,6% (28)	0,0% (0)	34,6% (28)
5 anos	58,2% (39)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	28,4% (19)	0,0% (0)	13,4% (9)
6 anos	57,1% (44)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	31,2% (24)	0,0% (0)	11,7% (9)
Adultos	69,3% (27)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	20,5% (8)	5,1% (2)	5,1% (2)

Na tabela acima, vemos que, no grupo de crianças de 4 anos, entre as estratégias que envolvem a produção de uma relativa de sujeito, as crianças utilizaram um outro verbo (29,6%) ou uma estrutura contendo a reversibilidade (34,6%) de papéis, como na sentença em (18), abaixo. Por sua vez, a estratégia mais utilizada pelos grupos de crianças de 5 e 6 anos, além do grupo de adultos, foi o uso de um outro verbo (frequências de 58,2%, 57,1% e 69,3%, respectivamente).

29. Relativa alvo: “...a menina com quem o menino dançou.”

- Relativa produzida: “...a menina que dançou.” J.G. (4;10)
- Relativa produzida: “...a menina que tá dançando com o menino.” L.S. (5;6)
- Relativa produzida: “...a menina que dançou com o menino.” H.S. (6;1)

As produções sem uma relativa para os grupos estudados representam as seguintes porcentagens de frequência, respectivamente para os grupos de 4, 5 e 6 anos, e para o grupo de adultos: 34,6%, 13,4%, 11,7% e 5,1%.

Com relação à frequência de elementos resumptivos e lacunas, para as relativas de objeto preposicionado nessa configuração de animacidade, temos a tabela abaixo.

⁶⁵ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

Tabela 22: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [+animado].⁶⁶

	Pron. Resump.	NP Resump.	Lacuna sem Pied-piping	Lacuna com Pied-Piping
4 anos	18,2% (2)	18,2% (2)	63,6% (7)	0,0% (0)
5 anos	17,4% (4)	26,1% (6)	56,5% (13)	0,0% (0)
6 anos	30,8% (4)	15,4% (2)	54,8% (7)	0,0% (0)
Adultos	0,0% (0)	0,0% (0)	78,3% (18)	21,7% (5)

Conforme vemos acima, nenhum dos grupos infantis produziu relativas com *pied-piping* preposicional. A construção mais utilizada em todos os grupos foi a relativa cortadora (i.e. com uma lacuna, mas sem *pied-piping* preposicional). A frequência com que elementos resumptivos (pronomes ou NPs) foram usados pelos grupos de 4, 5 e 6 anos foi, respectivamente: 36,4%, 43,5% e 46,2%. Já os adultos não recorreram ao uso de resumptivos.

3.6.5.2. Sujeito [+animado], Núcleo Relativizado [-animado]

Passaremos agora para as produções relativas às orações relativas preposicionadas com um sujeito [+animado] e um núcleo relativizado [-animado]. Em (30), temos um exemplo de como essa configuração foi apresentada em nosso experimento.

30. Relativa alvo: “...a **caixa** em que o **menino** colocou a corda.”

“...a **caixa** de onde o **menino** tirou a corda.”

[-animado] [+animado]

⁶⁶ As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto de cada faixa etária.

Figura 8: O menino colocou a corda na caixa. vs. O menino tirou a corda da caixa.

Gráfico 8: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado].

Nessa configuração de animacidade, a diferença entre as porcentagens de uso das estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado se mostra estatisticamente significativa, isto é, todos os grupos estudados apresentaram uma diferença significativa entre essas duas classificações (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para todos os grupos).

As porcentagens das construções utilizadas relativas às estratégias de esquiva, nessa condição de animacidade, em cada faixa etária, constam na tabela a seguir.

Tabela 23: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado com sujeito [+animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.⁶⁷

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	ter DP PRT	N/A
4 anos	23,6% (17)	2,8% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	18,1% (13)	0,0% (0)	55,5% (40)
5 anos	29,5% (18)	3,3% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	34,4% (21)	0,0% (0)	32,8% (20)
6 anos	53,1% (34)	4,7% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	35,9% (23)	0,0% (0)	6,3% (4)
Adultos	63,2% (24)	7,9% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	21,1% (8)	2,6% (1)	5,2% (2)

De acordo com os dados da tabela acima, vemos que as construções mais utilizadas pelos sujeitos de pesquisa envolvem um outro verbo ou uma estrutura contendo a reversibilidade. Já as porcentagens relativas às construções que não continham uma oração relativa aparecem de forma decrescente nos grupos de 4, 5 e 6 anos, e no grupo de adultos (frequências de 55,5%, 32,8%, 6,3% e 5,2%, respectivamente).

A tabela a seguir mostra a frequência de resumptivos e lacunas na produção de relativas de objeto preposicionado, com um sujeito [+animado] e um núcleo relativizado [-animado].

⁶⁷ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”

Tabela 24: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [+animado] e núcleo relativizado [–animado].⁶⁸

	Pron. Resump.	NP Resump.	Lacuna sem Pied-piping	Lacuna com Pied-Piping
4 anos	15,0% (3)	20,0% (4)	65,0% (13)	0,0% (0)
5 anos	3,5% (1)	20,7% (6)	75,8% (22)	0,0% (0)
6 anos	11,5% (3)	11,5% (3)	77,0% (20)	0,0% (0)
Adultos	4,5% (1)	0,0% (0)	81,9% (18)	13,6% (3)

Quanto à produção de relativas de objeto preposicionado nesta condição de animacidade, assim como nos dados concernentes à condição de animacidade apresentada anteriormente, a construção mais utilizada em todos os grupos foi a relativa cortadora. A frequência de uso de elementos resumptivos nos grupos de 4, 5 e 6 anos foi respectivamente 35%, 24,2% e 23%, enquanto que os adultos produziram apenas uma relativa com um pronome resumptivo, equivalente a 4,5%.

3.6.5.3. Sujeito [–animado], Núcleo Relativizado [+animado]

A seguir, veremos os dados referentes à eliciação de orações relativas preposicionadas, em que o sujeito é [–animado] e o núcleo relativizado é [+animado]. O exemplo em (31) ilustra essa configuração.

31. Relativa alvo: “...o **velho** para quem a **onda** trouxe a garrafa.”

“...o **velho** de quem a **onda** levou a garrafa.”

[+animado] [–animado]

⁶⁸ As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto de cada faixa etária.

Figura 9: A onda trouxe a garrafa pro velho. Vs. A onda levou a garrafa do velho.

Gráfico 9: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado].

Novamente, o Teste de Igualdade de Proporções indica que a diferença entre o uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado nessa configuração de animacidade foi estatisticamente significativa para todos os grupos estudados (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para todos os grupos).

As porcentagens na tabela abaixo se referem às construções utilizadas nas estratégias de esquiva, em todos os grupos estudados.

Tabela 25: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado], por crianças e adultos.⁶⁹

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	Ter DP PRT	N/A
4 anos	51,4% (37)	1,4% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	2,8% (2)	0,0% (0)	44,4% (32)
5 anos	72,6% (45)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	1,6% (1)	0,0% (0)	25,8% (16)
6 anos	76,3% (58)	3,9% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	1,3% (1)	0,0% (0)	18,4% (14)
Adultos	89,5% (34)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	10,5% (4)	0,0% (0)

Os dados na tabela acima indicam que, para todos os grupos infantis e para o grupo de adultos, a maioria das construções relativas produzidas (diferente das relativas de objeto direto) envolviam um outro verbo. Por sua vez, as porcentagens de construções sem uma oração relativa nos grupos de 4, 5 e 6 anos são, respectivamente, de 44,4%, 25,8%, 18,4% e 5,2%. O grupo de adultos não utilizou construções sem uma relativa como estratégia de esQUIVA.

Na tabela abaixo, temos a frequência de produção de relativas de objeto preposicionado com elementos resumptivos e com lacunas.

Tabela 26: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [+animado].⁷⁰

	Pron. Resump.	NP Resump.	Lacuna sem Pied-piping	Lacuna com Pied-Piping
4 anos	44,5% (8)	22,2% (4)	33,3% (6)	0,0% (0)
5 anos	28,6% (8)	25,0% (7)	46,4% (13)	0,0% (0)
6 anos	52,9% (9)	17,7% (3)	29,4% (5)	0,0% (0)
Adultos	0,0% (0)	4,6% (1)	81,8% (18)	13,6% (3)

⁶⁹ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esQUIVA. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

⁷⁰ As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto de cada faixa etária.

A tabela acima mostra que as crianças de 4, 5 e 6 anos utilizaram relativas de objeto preposicionado com elemento resumptivo pronunciado com as seguintes frequências, respectivamente: 66,7%, 53,6% e 70,6%. As relativas cortadoras foram usadas por esses mesmos grupos com frequência de 33,3%, 46,4 e 29,4%, respectivamente. Por sua vez, os adultos utilizaram esse tipo de construção em 81,8% das relativas de objeto preposicionado produzidas, nesta configuração de animacidade.

3.6.5.4. Sujeito [-animado], Núcleo Relativizado [-animado]

Em seguida, apresentaremos os dados relativos à eliciação de orações relativas de objeto preposicionado com sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado]. Um exemplo desse tipo de configuração é ilustrado em (32), abaixo.

32. Relativa alvo: “...a **mesa** para a qual o **vento** trouxe o avião de papel.”

“...a **mesa** da qual o **vento** levou o avião de papel.”

[-animado] [-animado]

Figura 10: O vento trouxe o avião de papel pra mesa. vs. O vento levou o avião de papel da mesa.

Gráfico 10: Frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto preposicionado, referentes à condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado].

O Teste de Igualdade de Proporções para os dados dessa configuração de animacidade indicam que, para as crianças de 4 e 6 anos há uma diferença significativa entre a frequência de uso de estratégias de esquiva e de objeto preposicionado (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$, para os grupos de 4 e 6 anos). Por sua vez, as crianças de 5 anos e os adultos não apresentaram uma diferença significativa entre a frequência de uso de estratégias de esquiva e de relativas de objeto direto nessa condição (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} = 0.24$, para o grupo de 5 anos, e $p\text{-value} = 0.24$, para os adultos).

As porcentagens das construções utilizadas como estratégia de esquiva em cada faixa etária constam na tabela a seguir.

Tabela 27: As construções utilizadas ao se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, na condição sujeito [-animado] e núcleo relativizado [-animado], por crianças e adultos.⁷¹

Grupo	V#	Adj.	Pass.	Abs.	Refl.	Rev.	Ter DP PRT	N/A
4 anos	31,3% (21)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	3,0% (2)	0,0% (0)	65,7% (44)
5 anos	41,3% (21)	1,9% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	3,8% (2)	0,0% (0)	53,0% (27)
6 anos	52,5% (32)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	47,5% (29)
Adultos	65,7% (23)	2,9% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	20,0% (7)	11,4% (4)

Os dados na tabela acima indicam que, para todos os grupos de crianças e para o grupo de adultos, a maioria das relativas de sujeito produzidas envolviam um outro verbo (31,3%, 41,3%, 52,5% e 65,7%, para cada grupo, respectivamente). Com relação às produções sem uma relativa, as crianças de 4, 5 e 6 anos as utilizaram com as seguintes frequências: 65,7%, 53% e 47,5%. No grupo de adultos, há 4 ocorrências de construções sem uma oração relativa (11,4%).

Finalmente, a tabela abaixo mostra a frequência de produção de relativas de objeto preposicionado com pronomes e NPs resumptivos, além de lacunas com e sem *pied-piping* preposicional.

⁷¹ As porcentagens da tabela se referem ao uso de cada construção frente ao total de estratégias de esQUIVA. Legenda: Uso de outro verbo (V#), uso de adjetivo ou verbo de mudança de estado (Adj.), construções passivas (Pass.), construções absolutas (Abs.), uso de um reflexivo (Refl.), reversibilidade (Rev.), construções como em “...a árvore que teve o pneu arrancado (pelo vento) (ter DP PRT) e outras construções (N/A)”.

Tabela 28: Emprego de resumptivos e lacunas em cada grupo experimental ao eliciar relativas de objeto preposicionado, na condição sujeito [–animado] e núcleo relativizado [–animado].⁷²

	Pron. Resump.	NP Resump.	Lacuna sem pied-piping	Lacuna com pied-Piping
4 anos	0,0% (0)	17,4% (4)	82,6% (19)	0,0% (0)
5 anos	0,0% (0)	25,6% (10)	74,4% (29)	0,0% (0)
6 anos	0,0% (0)	20,7% (6)	79,3% (23)	0,0% (0)
Adultos	4,0% (1)	4,0% (1)	72,0% (18)	20,0% (5)

Em nossos dados, não houve uso de pronomes resumptivos na condição sujeito [–animado] e núcleo relativizado [–animado] pelas crianças de 4, 5 e 6 anos. Esses grupos utilizaram NPs resumptivos respectivamente com as seguintes frequências: 17,4%, 25,6% e 20,7%. As construções com uma lacuna sem *pied-piping* preposicional foram usadas por esses mesmos grupos com frequência de 82,6%, 74,4 e 79,3%, respectivamente. Por sua vez, os adultos utilizaram essa construção em 72% das relativas de objeto preposicionado produzidas, nesta configuração de animacidade. 20% das construções utilizadas pelos adultos correspondem à relativas com *pied-piping* preposicional. Quanto ao uso de resumptivos, 4% das produções dos adultos continham pronomes resumptivos, enquanto 4% continham NPs resumptivos.

3.6.6. Análise e discussão

Nossos dados experimentais indicam que, dentre as quatro configurações de animacidade que utilizamos em nosso material de pesquisa para eliciar as relativas de objeto preposicionado, três delas foram problemáticas para nossos sujeitos de pesquisa. Isto é, em três configurações de animacidade, tanto as crianças quanto os adultos utilizaram estratégias de esquiva mais frequentemente, sendo que nos testes estatísticos há uma diferença significativa entre a frequência de uso dessas estratégias de esquiva e a frequência de uso de relativas de objeto preposicionado

⁷² As porcentagens se referem à frequência de produções frente ao total de relativas de objeto de cada faixa etária.

em todos os grupos estudados (Teste de Igualdade de Proporções, $p\text{-valor} < 0.01$). Esses dados corroboram propostas que tomam as relativas preposicionadas como construções mais difíceis para a produção (Corrêa (1998) e Guasti e Cardinaletti (2003), por exemplo).

No que diz respeito às construções relativas utilizadas como estratégia de esquiva, em todas as condições de animacidade, a construção mais utilizada envolve um outro verbo. Isto é, nossos sujeitos de pesquisa apresentaram uma preferência por construções que favorecessem a relativização de um elemento em posição de sujeito, assim como foi feito com as relativas de objeto direto. Entretanto, diferentemente do que vimos com as relativas de objeto direto (em que os sujeitos de pesquisa utilizaram construções passivas e absolutas mais frequentemente), a estratégia de esquiva mais frequente quando tentamos eliciar relativas de objeto preposicionado foi o uso de um outro verbo. Podemos concluir que, uma vez que argumentos preposicionados não podem ser passivizados, a solução encontrada pelas crianças e pelos adultos para relativizar um elemento preposicionado foi utilizar um verbo diferente para promover o elemento relativizado para uma outra posição sintática. Ou seja, esses sujeitos de pesquisa utilizaram um outro verbo na maioria de suas respostas, de modo que (i) o elemento relativizado estivesse na posição de sujeito da relativa e (ii) o verbo utilizado fosse capaz de especificar o núcleo relativizado para cumprir a tarefa proposta.

A preferência pelas relativas de sujeito se fundamenta na mesma explicação dos fatos observados acerca das relativas de objeto direto. Com base em De Vicenzi (1991), a promoção do elemento relativizado para a posição de sujeito, por meio do uso de um outro verbo, faz com que o antecedente (*filler*) esteja o mais próximo possível da lacuna onde ele deve ser interpretado. Desta forma, o *parser* é capaz de produzir uma construção com uma operação mais local (no que diz respeito às operações de relativização).

Além disso, em todas as condições de animacidade, as crianças utilizam um outro verbo como estratégia de esquiva cada vez mais frequentemente, de acordo com a idade. As crianças de 5 anos utilizam essa construção mais frequentemente do que as crianças de 4 anos, enquanto que as crianças de 6 anos as utilizam mais frequentemente do que as crianças de 5 anos. Por sua vez, os adultos foram os que

mais utilizaram um outro verbo como estratégia de esquiva. Com isso, vemos que os dados sugerem que o comportamento infantil muda em direção ao comportamento adulto, no que diz respeito à escolha das estratégias de esquiva.

Com relação ao uso de pronomes e NPs resumptivos, nossos dados indicam que o uso mais frequente por parte das crianças de elementos resumptivos ocorre quando o elemento relativizado é [+animado].

Tabela 29: Frequência de uso de resumptivos ao produzir uma relativa de objeto preposicionado, em todas as condições testadas.⁷³

Grupo	Suj. [+an.] N.R. [+an.]	Suj. [+an.] N.R. [-an.]	Suj. [-an.] N.R. [+an.]	Suj. [-an.] N.R. [-an.]
4 anos	36,4% (4)	35,0% (7)	66,7% (12)	17,4% (4)
5 anos	43,5% (10)	24,2% (7)	53,6% (15)	25,6% (10)
6 anos	46,2% (6)	23,0% (6)	70,6% (12)	20,7% (6)
Adultos	0,0% (0)	4,5% (1)	4,6% (1)	8,0% (2)

Assim como na análise sobre os resumptivos nas orações relativas de objeto direto, verificamos que, enquanto as relativas de objeto preposicionado contêm uma lacuna quando o antecedente é [-animado], há um pronome lexical de terceira pessoa em sentenças com um antecedente [+animado].

Outro ponto comparável às conclusões na seção 2.6.5 diz respeito ao uso de construções sem uma oração relativa como estratégia de esquiva.

⁷³ As porcentagens se referem ao uso de elementos resumptivos (NPs + pronomes) frente ao total de estratégias de esquiva. Legenda: sujeito da relativa (Suj.) e núcleo relativizado (N.R.).

Tabela 30: Frequência de uso de construções sem uma relativa para se esquivar de uma relativa de objeto preposicionado, em todas as condições testadas.⁷⁴

Grupo	Suj. [+an.] N.R. [+an.]	Suj. [+an.] N.R. [-an.]	Suj. [-an.] N.R. [+an.]	Suj. [-an.] N.R. [-an.]
4 anos	34,6% (28)	55,5% (40)	44,4% (32)	65,7% (44)
5 anos	13,4% (9)	32,8% (20)	25,8% (16)	53,0% (27)
6 anos	11,7% (9)	6,3% (40)	18,4% (14)	47,5% (29)
Adultos	5,1% (2)	5,2% (2)	0,0% (0)	11,4% (4)

Em todas as condições testadas, a frequência de uso de construções que não contêm uma relativa diminui entre os grupos de 4 e 6 anos. Isso indica que é possível detectar um percurso de desenvolvimento rumo ao comportamento adulto em se tratando do uso de relativas para cumprir a tarefa proposta. Portanto, concluímos que as crianças mais velhas são mais aptas a seguir as instruções de uma tarefa envolvendo a eliciação de relativas de preposicionado.

Com relação a propostas que sugerem que a similaridade de traços do elemento relativizado e do sujeito da relativa pode induzir efeitos de interveniência para o movimento relativo, como em Friedmann et al. (2009), nossos dados sugerem que o traço de animacidade não pode ser contabilizado para fins de interveniência. Em PB pelo menos, as relativas preposicionadas são inerentemente difíceis, sendo derivadas pelas crianças exclusivamente por meio de estratégias não-padrão (com uma lacuna ou com um elemento resumptivo seguindo a preposição). Ou seja, a manipulação do traço de animacidade em nossos materiais não resultou em uma maior facilidade ou dificuldade para a produção de relativas de objeto preposicionado, diferentemente do que foi observado para as relativas de objeto direto (em que o traço de animacidade se mostrou ser um fator determinante para modular a dificuldade com que essas orações relativas são produzidas).

⁷⁴ As porcentagens da tabela se referem às construções sem uma relativa frente ao total de estratégias de esQUIVA utilizadas em cada grupo. Legenda: sujeito da relativa (Suj.) e núcleo relativizado (N.R.).

3.7. Síntese dos resultados

Neste capítulo, apresentamos como organizamos nosso experimento, como classificamos nossos dados e os resultados. A seguir, listaremos os principais pontos que levantamos nas duas seções de análise e discussão levando-se em consideração as posições relativizadas e as condições de animacidade testadas.

- Nas duas posições sintáticas e em todas as condições de animacidade testadas, foi verificado um frequente uso de relativas de sujeito. Baseamos nossa análise na proposta do *Minimal Chain Principle* (de Vincenzi, 1991). De acordo com esse princípio, assim que um elemento de uma cadeia é identificado, o *parser* deve associá-lo à lacuna mais próxima possível, postulando a relação mais local possível;
- É possível detectar um percurso de desenvolvimento acerca do uso das estratégias de esquiva ao se eliciar relativas de objeto direto: as crianças utilizam as construções absolutas cada vez menos em favor do uso de passivas, que é a estratégia de esquiva mais utilizada pelos adultos (cf. Grolla e Augusto (2016) e Rezende (2016));
- Com relação às relativas de objeto preposicionado, todos os grupos utilizaram um outro verbo como estratégia de esquiva mais frequente. Em nossa análise, isso ocorre uma vez que argumentos preposicionados não podem ser passivizados. Com isso, os nossos sujeitos de pesquisa recorreram ao uso de um outro verbo de modo a promover o elemento relativizado para a posição de sujeito da relativa, postulando uma relação mais local;
- O uso da estratégia padrão nas relativas de objeto preposicionado, i.e. relativas com *pied-piping* preposicional, ocorreu apenas no grupo de adultos, sendo que seu uso se mostrou suscetível a erros, assim como no aprendizado de uma segunda língua (cf. Guasti e Cardinaletti, 2003);
- Há uma diferença significativa entre a frequência de uso de estratégias de esquiva ao tentarmos eliciar relativas de objeto direto e de objeto

preposicionado. Isso sugere que as relativas de objeto preposicionado são mais difíceis do que as relativas de objeto direto;

- Além disso, a eliciação de relativas de objeto preposicionado apresentou uma diferença significativa entre o uso de estratégias de esquiva e uso de relativas em praticamente todas as condições de animacidade testadas, para;
- As relativas de objeto com um sujeito inanimado são as mais difíceis, dentre as relativas de objeto direto. Analisamos essas condições como as mais difíceis uma vez que a posição de sujeito tende a ser preenchida por um argumento animado (cf. Becker, 2014). Nessas condições, a estratégia de esquiva mais utilizada foi o uso de um outro verbo, de modo a promover o elemento relativizado para a posição de sujeito da relativa;
- Em geral, o uso de pronomes e NPs resumptivos é mais frequente quando o antecedente, isto é, o elemento relativizado, é animado (cf. Cyrino (1994, 2000) e Casagrande (2010));
- O traço de animacidade não é computado para fins de Minimalidade Relativizada Estendida (cf. Friedmann et al., 2009). No que diz respeito às relativas de objeto direto, nossos dados indicam que a dificuldade com essas relativas está relacionada à presença de um sujeito inanimado. Ou seja, a similaridade do traço de animacidade nas relativas não faz com que a estrutura seja difícil para o falante (i.e. uma estrutura em que o sujeito e o objeto são animados, ou em que o sujeito e o objeto são inanimados);
- Com relação às relativas de objeto preposicionado, o traço de animacidade também não é computado para fins de Minimalidade Relativizada Estendida (cf. Friedmann et al., 2009), já que todas as configurações de animacidade se mostraram difíceis para os falantes.

Capítulo 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1. Síntese da dissertação

Esta dissertação teve como objetivo investigar o comportamento linguístico de crianças adquirindo o PB como primeira língua no que diz respeito à produção de orações relativas de objeto direto e de objeto preposicionado, por meio de uma tarefa de produção eliciada com pares de figuras. Nosso estudo parte da comparação de diferentes resultados experimentais acerca do mesmo tema: a dificuldade com as orações relativas de objeto.

Primeiramente, consideramos trabalhos recentes sobre a produção e a compreensão de orações relativas de objeto. Trabalhos como Belletti (2008 e 2009), Belletti e Contemori (2010), Costa et al. (2014), Friedmann et al. (2009) e Utzeri (2007) propõem que as relativas de objeto, em geral, são mais difíceis do que as relativas de sujeito devido à semelhança estrutural do sujeito da relativa e do núcleo relativizado. Mais especificamente, esses trabalhos sugerem que a presença do traço [+NP] no sujeito e no núcleo relativizado é responsável por essa dificuldade, sendo o sujeito da relativa um elemento interveniente para o movimento do núcleo relativizado de sua posição dentro da oração relativa para sua posição de pouso (considerando que o movimento do núcleo relativizado “cruza” o sujeito da relativa). Nessa proposta, as relativas de objeto em que ambos o sujeito da relativa e o núcleo relativizado possuem o traço [+NP] são agramaticais para as crianças, uma vez que a gramática infantil não é capaz de computar um elemento para fins de movimento com base em todo um feixe de traços, i.e. a gramática infantil é violada quando uma parte desses traços é igual.

Em segundo lugar, consideramos estudos que observam que a dificuldade com as relativas de objeto apenas está presente quando o sujeito da relativa é inanimado e o núcleo relativizado é animado, mas que é a configuração inversa não é difícil para a produção e a compreensão dessas relativas i.e quando o sujeito da

relativa é animado e o núcleo relativizado é inanimado (Gennari e Macdonald, 2007; Gennari et al., 2012; Mak et al., 2006).

Partindo desses estudos, lançamos a seguinte hipótese:

Hipótese de trabalho:

O traço de animacidade de um NP e seu papel temático influenciam as estratégias utilizadas pelos falantes ao produzirem sentenças envolvendo relativas.

Hipótese nula:

O traço de animacidade de um NP e seu papel temático não influenciam as estratégias utilizadas pelos falantes ao produzirem sentenças envolvendo relativas.

Para verificar nossa hipótese, desenhamos um experimento de modo a eliciar relativas de objeto direto e de objeto preposicionado, com quatro configurações de animacidade, obtendo-se assim um estudo 2 x 4. Nossos sujeitos de pesquisa foram crianças agrupadas por idade (4;0 a 4;11, 5;0 a 5;11 e 6;0 a 6;11 anos de idade) e adultos de mais de 20 anos de idade.

Nossos dados indicam que as relativas de objeto direto mais difíceis para as crianças são aquelas com sujeito inanimado, independentemente do traço de animacidade do núcleo relativizado. A configuração contendo um sujeito inanimado e um núcleo relativizado animado foi a mais difícil para as crianças, seguida da configuração contendo um sujeito inanimado e um núcleo relativizado também inanimado. Por outro lado, vimos que as configurações de animacidade contendo um sujeito animado e um núcleo relativizado também animado, ou inanimado não foram difíceis para as crianças. Essas foram as condições em que elas mais produziram relativas de objeto direto, sugerindo que as relativas com um sujeito animado não são difíceis para as crianças. Se essa análise estiver no caminho certo, podemos dizer que o traço de animacidade influencia as estratégias utilizadas pelos sujeitos de pesquisa, verificando assim nossa hipótese de trabalho.

Além disso, nossa análise é que o traço de animacidade não deve ser computado para fins de “Minimalidade Relativizada Estendida”, à la Friedmann et

al. (2009). Caso tivéssemos verificado que as relativas mais difíceis para nossos sujeitos de pesquisa tinham traços de animacidade iguais para ambos o sujeito e o núcleo relativizado, poderíamos ter relacionado essa dificuldade à similaridade dos traços de animacidade. No entanto, isso não se verificou.

No que concerne às relativas de objeto preposicionado, as altas taxas de uso de estratégias de esquiva nas quatro configurações de animacidade sugere que elas são mais difíceis para as crianças do que as relativas de objeto direto. Além disso, o número de produções sem uma relativa foi mais alto quando tentamos eliciar as relativas de objeto preposicionado. Por sua vez, as relativas com alçamento de preposição só foram atestadas no grupo de adultos. Isso sugere que essas relativas são aprendidas tardiamente, provavelmente durante os anos finais do Ensino Médio (Corrêa, 1998). Com isso, podemos dizer que o traço de animacidade não influencia as estratégias utilizadas pelos falantes quanto às relativas de objeto preposicionado.

Com relação ao uso de estratégias de esquiva, observamos sua ampla utilização na eliciação dos dois tipos de relativas (de objeto direto e de objeto preposicionado), independente da configuração de animacidade, em todos os grupos. No que diz respeito às relativas de objeto direto, as crianças mais novas (i.e. as crianças de 4;0 a 4;11 anos de idade) preferiram utilizar um adjetivo (ou um verbo incoativo) e construções absolutas como esquiva, enquanto que os adultos utilizam construções passivas majoritariamente. Por sua vez, as produções das crianças de 5 e 6 anos indicam que há uma migração gradual do comportamento infantil em direção ao comportamento adulto (cf. tabela 5, capítulo 3). Isto é, as crianças de 4;0-4;11 anos de idade foram as que menos utilizaram as passivas como estratégia de esquiva, enquanto que as crianças de 5;0-5;11 anos de idade as utilizaram mais frequentemente, ficando atrás apenas das crianças de 6;0-6;11 anos de idade (e dos adultos). Ao mesmo tempo, o uso de outras construções como estratégia de esquiva, como as absolutas, diminui com a idade (4;0-4;11 < 5;0-5;11 anos de idade < 6;0-6;11 anos de idade < adultos), algo observado em outros estudos sobre a aquisição do PB (Grolla e Augusto (2016) e Rezende (2016)). Concluímos que essa mudança de comportamento está ligada à complexidade estrutural inerente às passivas. Por serem mais custosas, as passivas são evitadas pelas crianças, que utilizam, entre outras construções, as absolutas, que possuem uma

complexidade estrutural menor em comparação às passivas, já que elas não projetam um argumento externo (cf. seções 2.4 e 3.6.3).

No que diz respeito às relativas de objeto preposicionado, todos os grupos preferiram utilizar um outro verbo para produzir uma relativa de sujeito como estratégia de esquiva, sendo que podemos observar que as crianças utilizam essa estratégia cada vez mais frequentemente, em direção ao comportamento adulto (4;0-4;11 < 5;0-5;11 anos de idade < 6;0-6;11 anos de idade < adultos). Conforme previmos, o número de relativas envolvendo o alçamento de preposição foi próximo a zero. Apenas os adultos produziram relativas com essa construção (em 17,8% das relativas de objeto preposicionado produzidas), indicando que a produção dessa estratégia depende de seu ensino formal em contexto escolar (cf. Corrêa (1998)).

4.2. Algumas especulações sobre a aquisição das relativas em PB

Nesta seção, especularemos sobre como ocorre a aquisição das relativas não-padrão em PB, nos baseando nos trabalhos de Grolla (2000) e Kato e Nunes (2009). Também apresentaremos uma breve discussão sobre uma possível causa para a ausência de orações relativas com *pied-piping* preposicional.

Conforme vimos na seção 2.2.2, Kato e Nunes (2009) propõem que, nas orações relativas contendo um pronome resumptivo (aberto ou nulo), o elemento relativizado é gerado em posição de LD. Por sua vez, nas orações relativas padrão, o elemento relativizado é alçado de dentro da oração relativa. No que diz respeito à aquisição dessas duas estratégias de relativização do PB, podemos nos perguntar como elas são adquiridas.

Na seção 2.3.3, apresentamos o trabalho de Grolla (2000), que analisa dados longitudinais de uma criança adquirindo o PB no que diz respeito à aquisição da periferia esquerda. Em seu estudo, os dados analisados pela autora sugerem que as primeiras orações relativas que aparecem na fala infantil são aquelas que envolvem movimento do elemento relativizado. Além disso, a autora sugere que a aquisição dos elementos resumptivos em PB segue um padrão específico.

Primeiramente, a criança deve verificar se sua língua licencia esses elementos em dependências-A'. Durante esse estágio, não há produção de pronomes

resumptivos em contextos de aparente alternância entre pronome resumptivo e lacuna, como em relativas de objeto direto (cf. (1a-b) abaixo). Segundo a autora, nesse período, as produções relacionadas a dependências-A' são derivadas por movimento.

1.

- a. A menina que eu vi ____.
- b. A menina que eu vi *ela*.

Quando a criança detecta a possibilidade de uso de pronomes resumptivos em dependências-A', sua produção se restringe a contextos em que o movimento não é permitido, como exemplificam as relativas preposicionadas (2a-b). Nesses casos, a derivação se tornaria agramatical sem a presença de resumptivos.

2.

- a. Só carrão grandão que vira a roda *dele*. (2;11)
 - b. Eu vô no seu colo, porque lá tem aquela cobrinha que as muler dança *nela*. (3;1)
- (Grolla, 2000: 72)

Enquanto a aquisição de resumptivos abertos apenas depende que a criança os identifique no *input*, a aquisição dos resumptivos nulos em dependências-A' depende de uma análise mais detalhada de construções envolvendo uma lacuna, como os exemplos abaixo. Durante esse período, a criança ainda não produz relativas com um resumptivo em contextos de aparente livre alternância entre resumptivo aberto e lacuna de movimento.

3.

- a. Esse livro, eu conheço [uma menina que já leu *ele* dez vezes].
- b. Esse livro, eu conheço [uma menina que já leu ____ dez vezes].
- c. Esse é o livro que o João conhece [a autora que escreveu *ele*].
- d. Esse é o livro que o João conhece [a autora que escreveu ____].

(Grolla, 2000: 67)

Finalmente, quando a criança adquire os pronomes resumptivos nulos, construções envolvendo uma aparente livre alternância entre um pronome resumptivo aberto e com uma lacuna (isto é, em contextos de ambiguidade entre movimento e pronome resumptivo) passam a ser lícitas na gramática infantil.

4.

- a. O Adriano, num vi *ele* lá. (3;5)
- b. Essa eu num quero ___ mais. (3;6)

(Grolla, 2000: 72)

É nesse momento que a criança também começa a produzir resumptivos nulos correspondentes a todo um PP, como nos exemplos abaixo. Nessas sentenças, o verbo *brincar* seleciona um PP como seu complemento. No entanto, a lacuna correspondente ao PP é co-referente ao tópico DP. Essa falta de identidade categorial é uma indicação de que não houve alçamento do PP.

5.

- a. Nenhum brinquedo eu brinco. (3;7)
- b. Essa boneca eu vou brincar o dia inteiro. (3;10)

(Grolla, 2000: 73)

Posto isso, podemos formular uma resposta para nossa pergunta acima: como as estratégias de relativização do PB são adquiridas pela criança?

Segundo Grolla (2000), enquanto a criança está verificando a possibilidade do uso de resumptivos em sua língua, ela utiliza apenas a estratégia de movimento para derivar as primeiras orações relativas, já que ela é universal. Ou seja, podemos dizer que a primeira estratégia de relativização adquirida pela criança é a estratégia padrão, envolvendo o movimento de um DP relativo.

6.

- a. Come a pedrinha que tá aqui. (2;10)
- b. Quero vê a pelota que você viu. (3;2)

(Grolla, 2000: 47)

Para adquirir as estratégias não-padrão, i.e. as estratégias com um pronome resumptivo aberto ou um pronome resumptivo nulo, a criança depende da análise das construções envolvendo uma lacuna em dependências-A'. Um possível *trigger* para a aquisição dessas estratégias são construções em que se verifica uma falta de identidade categorial entre um elemento topicalizado e um elemento dentro da sentença. Em (7a-b) abaixo, os elementos topicalizados são DPs: a mesma categoria selecionada pelos verbos no interior das sentenças. Já em (7c-d), os verbos no interior da sentença selecionam elementos preposicionados. No entanto, esses mesmos elementos aparecem na periferia esquerda sem a preposição.

7.

- a. Tudo você tem. (2;5)
- b. Esse daqui eu achei. (2;8)
- c. Mas tapete ele num anda. (2;9)
- d. Nenhum brinquedo eu brinco. (3;7)

(Grolla, 2000: 33-34)

Grolla assume que essas estruturas são derivadas pela geração dos elementos topicalizados na base em TopP. Na sentença, há um *pro especial*, que não manifesta identidade categorial com o tópico. Isto é, no interior da sentença, há um *pro* ocupando a posição de um PP, enquanto o elemento em TopP é um DP.

Essa falta de identidade categorial também se verifica nas relativas de objeto preposicionado derivadas por meio das estratégias cortadora e resumptiva. Nessas estratégias não-padrão, não se verifica *pied-piping* preposicional, sendo que, na análise de Kato e Nunes (2009), os elementos relativizados também não são gerados dentro da oração relativa, mas em LD.

8.

a. o livro que você estava precisando

$$[DP\ o\ [CP\ [DP\ livro_i\ [DP\ que\ t_i]]_k\ [CP\ C\ [LD\ t_k\ [IP\ você\ estava\ precisando\ pro_k]]]]]$$

b. o livro que você vai precisar dele

$$[DP\ o\ [CP\ [DP\ livro_i\ [DP\ que\ t_i]]_k\ [CP\ C\ [LD\ t_k\ [IP\ você\ vai\ precisar\ dele_k]]]]]$$

(Kato e Nunes, 2009: 114-115)

Portanto, uma possível explicação para a aquisição das estratégias de relativização não-padrão do PB é que a criança, ao verificar que construções de tópico-comentário podem apresentar falta de identidade categorial entre o elemento topicalizado e o elemento no interior da sentença, entende que é possível relativizar elementos gerados em LD e, conseqüentemente, utilizar um pronome resumptivo (aberto ou nulo) no interior da sentença.

9. Você queria [a borsinha que eu tava junto com *ela*]? (3;6)

(Grolla, 2000: 48)

Em nossos dados experimentais, todas as crianças que participaram da pesquisa lidaram com a falta de identidade categorial de maneira parecida: um elemento resumptivo foi utilizado ao produzirem uma relativa de objeto preposicionado. Além disso, a estratégia de esquiva mais utilizada por todos os sujeitos de pesquisa foi o uso de um outro verbo em suas produções. Possivelmente, essa construção foi frequentemente utilizada de modo que a oração relativa produzida apresentasse identidade categorial entre o elemento relativizado e o elemento selecionado pelo verbo no interior da oração relativa.

Nossos dados indicam que, ao produzirem orações relativas de objeto preposicionado, as crianças utilizam exclusivamente as estratégias cortadora e resumptivas. Conforme apontamos anteriormente, esse comportamento deve estar relacionado a uma conjunção de fatores, como a ausência da estratégia padrão no *input* disponível à criança, a fatores ligados à economia derivacional (nos termos de Roeper, 2003) e a dependência do ensino formal da estratégia padrão. Outra possível explicação para o comportamento observado em nosso experimento diz

respeito ao número de adjunções envolvido na derivação das relativas preposicionadas com *pied-piping*. Como podemos ver em (10), a relativização de *livro* envolve uma operação de adjunção a mais do que nos exemplos em (8).

10. o livro de que você precisa

[_{DP} o [_{CP} [_{PP} livro_i [_{PP} de [_{DP} t_i que t_i]]]]_k [_{CP} C [_{IP} você precisa t_k]]]]

(Kato e Nunes, 2009: 114)

Em (10), o PP relativo se adjunge a CP. Em seguida, *livro* se adjunge primeiramente ao DP relativo e depois ao PP relativo. Nos exemplos em (8), o DP relativo se adjunge a CP. Em seguida, *livro* apenas se adjunge ao DP relativo. Ou seja, na derivação por meio da estratégia padrão, há uma operação de adjunção a mais do que nas derivações por meio das estratégias não-padrão. Poderíamos supor que, quanto maior o número de adjunções necessárias em uma derivação, mais difícil será a sua produção. Essa hipótese, ainda que embrionária, não se fundamenta em propostas que tratam *pied-piping* preposicional como algo problemático ou antinatural nas línguas. Pesquisas como a de Labelle (1990, 1996) indicam que, apesar *pied-piping* preposicional ser raramente usado por crianças ao produzirem orações relativas, elas não apresentam problemas com interrogativas-Qu com *pied-piping* preposicional. Portanto, o problema com as relativas de objeto preposicionado poderia estar relacionado apenas ao número de adjunções empregadas (seguidamente) em uma derivação.

Nesta breve seção, apresentamos algumas hipóteses sobre a aquisição das estratégias de relativização não-padrão do PB e sobre a quase que total ausência de *pied-piping* preposicional nas produções de relativas preposicionadas em nosso experimento. Buscamos aqui apresentar alguns temas diretamente relacionados à nossa pesquisa de maneira especulativa, uma vez que o foco desta dissertação é a análise do comportamento linguístico de crianças de 4 a 6 anos de idade acerca da produção eliciada de orações relativas de objeto direto e de objeto preposicionado, relacionando essas construções com diferentes configurações de animacidade.

4.3. Possíveis desdobramentos desta pesquisa

Acreditamos que essa dissertação pode contribuir para as investigações e o debate sobre a produção de orações relativas de objeto direto e de objeto preposicionado, além do papel do traço de animacidade nessas construções. Entretanto, há questões que podem ser exploradas e que são diretamente relacionadas a nosso trabalho. Por exemplo, com relação às relativas de objeto preposicionado, um estudo comparando diferentes tipos de relativas preposicionadas (elementos genitivos vs. elementos locativos; PPs argumentos vs. PPs adjuntos) pode apontar uma maior frequência de uso de estratégias de esquiva ao tentar eliciar cada tipo de relativa, considerando que *pied-piping* preposicional é algo que não atestamos nas produções de orações relativas, mas que são produzidas por crianças desde muito cedo em perguntas, como atesta Grolla (2000, 2005b).

Uma outra possibilidade de estudo é comparar perguntas e relativas com *pied-piping* preposicional e estruturas de tópico-comentário, de modo a verificar se a produção de perguntas e relativas com uma lacuna, sem *pied-piping* preposicional, como em “*que brinquedo você gosta?*” e “*o brinquedo que eu gosto*”, possui alguma relação com a produção de estruturas de tópico-comentário com falta de identidade categorial, como em “*esse livro, eu preciso*”.

Por fim, esperamos que nosso trabalho tenha contribuído com os estudos sobre as orações relativas e sobre animacidade, uma vez que, conforme apontamos anteriormente, nosso tema de pesquisa é bastante profícuo para os estudos em gramática gerativa. Ademais, esperamos que nossos dados contribuam com o debate acerca das estratégias de esquiva utilizadas ao eliciar orações relativas de objeto direto e preposicionado, tanto em PB adulto e PB infantil, como em estudos translinguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADANI, Flavia. Re-thinking the Acquisition of Relatives: A New Comprehension Study with Italian Children. *Proceedings of the 27th West Coast, Conference in Formal Linguistics*, University of California, Los Angeles, A.B.D. 2008.
- ADANI, Flavia; SEHM, Marie & ZUKOWSKI, Andrea. How do German children and adults deal with their relatives. In: STAVRAKAKI S.; KONSTANTINOPOULOU X. & LALIOTI M. (eds.) *Advances in language acquisition*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing. 2012. p. 14-22.
- AUGUSTO, Marina R. A. (2008) Distinções entre movimentos A e A-barra na computação on-line: QU e passiva. *Revista da ABRALIN*, v. 7, p. 9-33, 2008.
- BECKER, Misha. *The Acquisition of Syntactic Structure: Animacy and Thematic Alignment*. Cambridge University Press. 2014.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. (ed.) *The structure of CP and IP*, Oxford University Press. 2005. p. 16-51.
- _____. Acquisition meets comparison. Some notes. In: *Language acquisition and development: proceedings of GALA 2007*, eds. GAVARRÓ, Anna & FREITAS, Maria João, Cambridge. 2008.
- _____. Notes on passive object relatives. In: *Functional structure from top to toe: The .* In SVENONIUS, P. (ed.). *Functional structure from top to toe: the cartography of syntactic structures*, v. 9. Oxford: Oxford University Press. 2009. p. 282-338.
- BELLETTI, Adriana & CHESI, Cristiano. Relative clauses from the input: syntactic considerations on a corpus-based analysis of Italian. In: *STiL – Studies in Linguistics [CISCL Working Papers on Language and Cognition vol. 4]*, eds. MOSCATI, Vincenzo & SERVIDIO, Emilio, p. 2281-3128, Siena: University of Siena. Distributed by MITWPL. 2011.
- BELLETTI, Adriana & CONTEMORI, Carla. Intervention and attraction: on the production of subject and object relatives by Italian (young) children and adults. In: *Language acquisition and development: proceedings of GALA 2009*, eds. COSTA, João; CASTRO, Ana; LOBO, Maria & PRATAS, Fernanda, p. 39-52, Newcastle upon Tune: Cambridge Scholars Publishing. 2010.
- BELLETTI, Adriana; FRIEDMANN, Naama; BRUNATO, Dominique & RIZZI, Luigi. Does gender make a difference? Comparing the effect of gender on children's comprehension of relative clauses in Hebrew and Italian. *Lingua*, v. 122, 1053–1069. 2012.
- BELLETTI, Adriana & RIZZI, Luigi. Ways of avoiding intervention: some thoughts on the development of object relatives, passive and control. In: *Rich languages from poor inputs*, PIATTELLI-PALMARINI, M. & BERWICK, Robert (eds.), p. 115-126. Oxford: OUP. 2013.

- BENTEA, Anamaria; DURRLEMAN, Stephanie & RIZZI, Luigi. Refining intervention: the acquisition of featural relations in object A-bar dependencies. *Lingua*. v. 169. p. 21-41. 2016.
- BIANCHI, Valentina. *Consequences of antisymmetry: headed relative clauses*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- _____. The raising analysis of relative clauses: a reply to Borsley. *Linguistic Inquiry*, Cambridge v. 31, n. 1, p.123-140, 2000.
- BORSLEY, Robert D. Relative clauses and the theory of phrase structure. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 28, n.4, p. 629-647, 1997.
- CASAGRANDE, Sabrina. *A correlação entre aspecto e objeto no PB : uma análise sintático-aquisicionista*. 2010. 301f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- CHOMSKY, Noam. On wh-movement. In: CULICOVER, P. W., WASOW, Thomas & AKMAJIAN, Adrian (eds.). *Formal Syntax*. New York. 1977. p. 71-132.
- _____. Lectures on Government and Binding, Dordrecht: Foris. 1981.
- _____. *Language and problems of knowledge: The Managua lectures*. Cambridge: MIT Press. 1988.
- _____. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, Kenneth & KEYSER, Samuel J. (eds.) *The view from building 20*, Cambridge: MIT Press, 1993. p. 1-52.
- _____. The minimalist program. Cambridge: MIT Press. 1995.
- _____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael & HALE, Kenneth: A life in language. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- CLARK, Herbert H. & BEGUN, Jeffrey S. The semantics of sentence subjects. *Language and Speech*, 14, p. 34-46. 1971.
- COLLINS, Chris. A smuggling approach to the passive in English. *Syntax*, n. 8.2, p. 81-120. 2004.
- CONTEMORI, Carla & BELLETTI, Adriana. Relatives and passive object relatives in Italian-speaking children and adults: intervention in production and comprehension. *Applied Psycholinguistics*. v. 35, Issue 6, p. 1021-1053. 2014.
- CORRÊA, Vilma Reche. *Oração Relativa: O que se fala e o que se aprende no português brasileiro*. 1998. 165f. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- CORRÊA, Leticia M. Sicuro & AUGUSTO, Marina R. A. Custo de processamento e comprometimento da linguagem - movimento sintático na computação on-line e minimalidade relativizada em orações relativas e perguntas-QU. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*, p. 2364-2378. 2011.
- COSTA, João; FRIEDMANN, Naama; SILVA, Carolina & YACHINI, Maya. The boy that the chef cooked: Acquisition of PP relatives in European Portuguese and Hebrew. *Lingua*. v. 150, p. 386-409. 2014.

- CRAIN, Stephen & THORNTON, Rosalind. *Investigations in Universal Grammar: a guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics*. Cambridge: MIT Press. 1998.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. 217f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- _____. O objeto nulo no português brasileiro. In: GÄRTNER, Eberhard; SCHÖNBERGER, Christine Hundte Axel (org.) *Estudos de gramática portuguesa*, v. 3, p. 61- 73, Frankfurt am Main: TFM. 2000.
- DE VILLIERS, Jill G.; FLUSBERG, Helen B. Tager; HAKUTA, Kenji & COHEN, Michael. Children's Comprehension of Relative Clauses. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 8, n. 5, p. 499-518. 1979.
- DE VINCENZI, Marica. *Syntactic Parsing Strategies in Italian*. Kluwer, Dordrecht, The Netherlands. 1991.
- DE VINCENZI, Marica; ARDUINO, Lisa S.; CICCARELLI, Laura & JOB, Remo. Parsing Strategies in Children Comprehension of Interrogative sentences. *Proceedings of the European Conference on Cognitive Sciences*, Siena, 301-308. 1999.
- DE VRIES, Mark. *The syntax of relativization*. Utrecht: LOT, 2002.
- FERREIRA, Marcelo. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- _____. Null subjects and finite control in Brazilian Portuguese. In NUNES, Jairo (org.). *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 17-50.
- FITZPATRICK, Justin M. On Minimalist Approaches to the Locality of Movement. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 33, n.3, p. 443-463, 2002.
- FRIEDMANN, Naama. Young children and A-chains: The acquisition of Hebrew Unaccusatives. *Language Acquisition*, 14, 377-422. 2007.
- FRIEDMANN, Naama; BELLETTI, Adriana & RIZZI, Luigi. Relativized relatives. Types of intervention in the Acquisition of A-bar dependencies. *Lingua*, v. 119, p. 67-88. 2009.
- FRIEDMANN, Naama & COSTA, João. The child heard a coordinated sentence and wondered: on children's difficulty in understanding coordination and relative clauses with crossing dependencies. *Lingua*, v.120, issue 6, p. 1502-1515, 2010.
- GALVES, Charlotte. O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percorso de uma Pesquisa. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17, 65-90. 1989.
- GENNARI, Silvia P.; MACDONALD, Maryellen C. Semantic indeterminacy in object relative clauses. *Journal of Memory and Language*, v. 58, n. 2, p. 161-187. 2007.

- GENNARI, Silvia P.; MIRKOVIC, Jelena & MACDONALD, Maryellen C. Animacy and competition in relative clause production: a cross-linguistic investigation. *Cognitive Psychology*, v. 65, issue 2, p. 141-176. 2012.
- GROLLA, Elaine. *Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. 2000. 95f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- _____. Resumptive pronouns as last resort: Implications for Language Acquisition. *Proceedings of the 28th Annual Penn Linguistics Colloquium*, eds. ARUNACHALAM, S.; SCHEFFLER, T.; SUNDARESAN, S. & TAUBERER, J. Philadelphia. 2004.
- _____. Sobre a aquisição tardia de QU in situ em português brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 57-73, 2005a.
- _____. Pronomes resumptivos em português brasileiro adulto e infantil. São Paulo: *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 2, p.167-182. 2005b.
- _____. A Unified Account for Two Problems in the Acquisition of Pronouns. *Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. ALDERETE, John, HAN, Chung-hye & KOCHETOV, Alexei. Somerville: Cascadilla Proceedings Project. p. 173-181. 2005c.
- _____. Metodologias experimentais em aquisição da linguagem. *Revista Estudos da Língua(gem)*, n. 7, p. 9-42. 2009.
- _____. *Pronouns as Elsewhere Elements: Implications for Language Acquisition*. 1. ed. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. 173p.
- GROLLA, Elaine & AUGUSTO, Marina R. A. Pronomes resumptivos em português brasileiro infantil: dados de produção e compreensão. *Revista de Letras da UFF*, 49, p. 133-154. 2014.
- _____. Absolute Constructions in BP and Relativized Minimality Effects in Children's Productions. *Proceedings of the 6th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA 2015)*, PERKINS, Laurel et al. (eds.), p. 36-47. Somerville: Cascadilla Proceedings Project. 2016.
- GUASTI, Maria Teresa. *Language Acquisition: The Growth of Grammar*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- GUASTI, Maria Teresa. & CARDINALETTI, Anna. Relative clause formation in Romance child production. *Probus*, 15, p. 47-88. 2003.
- GUASTI, Maria Teresa. & SHLONSKY, Ur. The Acquisition of French Relative Clauses Reconsidered. *Language Acquisition*, v. 4, p. 257-276. 1995.
- GUASTI, Maria Teresa; STAVRAKAKI Stavroula & AROSIO, Fabrizio. Cross-linguistic differences and similarities in the acquisition of relative clauses - evidence from Greek and Italian. *Lingua*, v. 122, issue 6, p. 700-713. 2012.
- GÜNZBERG-KERBEL, Noa; SHVIMER, Lilach & FRIEDMANN, Naama. Take the hen that the cow kissed the hen: The acquisition of comprehension and production of various relative clauses in Hebrew. *Language and Brain*, 7, 23-43. 2008.

- HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to Government and Binding theory*. Cambridge: Blackwell. 1995.
- HORNSTEIN, Norbert. Pronouns in a minimalist setting. In: CORVER, Norbert & NUNES, Jairo. (eds.) *The Copy Theory of Movement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 351-385.
- HORNSTEIN, Norbert, NUNES, Jairo & GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- KATO, Mary A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-261.
- KATO, Mary A. & NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil - Volume III: A construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- KATO, Mary A. & NUNES, Jairo. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In NUNES, Jairo (org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*, Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 93-120.
- _____. Uma Análise Unificada dos Três Tipos de Relativas Restritivas do Português Brasileiro. *Revista Socio Dialeto*, v. 4, n. 12, edição especial, p. 575-590. 2014.
- KAYNE, Richard S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press; 1994.
- KEENAN, Edward L. & COMRIE, Bernard. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*, v. 8, n. 1, p. 63-99, 1977.
- KENEDY, Eduardo. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. 158f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. Raising como uma nova descrição sintática para as orações relativas. *Linguística (PPGL/UFRJ)*, v. 3, p. 197- 216, 2007.
- _____. As relativas preposicionadas padrão são naturais aos falantes do português brasileiro? Evidências de pesquisa experimental em psicolinguística. *Via Litterae*, v. 2, n. 1, p. 58-74, 2010.
- LABELLE, Marie. Predication, wh-movement and the development of relative clauses. *Language acquisition*, n. 1, p. 95-119. 1990.
- _____. The acquisition of relative clauses: movement or no movement? *Language acquisition*, v. 5, n. 2, p. 65-82. 1996.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. *As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição*. 2008. 197f. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Relativização Restritiva e Relativização Apositiva em Português Brasileiro. *Estudos da língua(gem)*, v.8, n.2, p. 37-60. 2010.

- MAK, Willem M.; VONK, Wietske & SCHRIEFERS, Herbert. The influence of animacy on relative clause processing. *Journal of Memory and Language*, v. 47, issue 1, p. 50-68. 2002.
- _____. Animacy in processing relative clauses: the hikers that rocks crush. *Journal of Memory and Language*, v. 54, issue 4, p. 466-490. 2006.
- MCDANIEL, Dana; MCKEE, Cecile & BERNSTEIN, Judy B. How Children's Relatives Solve a Problem for Minimalism. *Language*. 74, p. 308-334. 1998.
- MCKEE, Cecile & MCDANIEL, Dana. Resumptive pronouns in English relative clauses. *Language acquisition*, n. 9, p. 113-156. 2001.
- MIYAMOTO, Edson T. & NAKAMURA, Michiko. Subject/object asymmetries in the processing of relative clauses in Japanese. In: *Proceedings of the 22nd West Coast Conferences on Formal Linguistics*, eds. GARDING, Gina & TSUJIMURA, Mim. Somerville: Cascadia Press. p.342-355. 2003.
- NEGRÃO, Esmeralda V. & VIOTTI, Evani. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Linguística* (Madrid), v.23, p. 37-58. 2010.
- NOVOGRODSKY, Rama & FRIEDMANN, Naama. The production of relative clauses in syntactic SLI: A window to the nature of the impairment. *Advances in speech-language pathology*, 8, p. 364-375. 2006.
- NUNES, Jairo. *Linearization of chains and sideward movement*. Cambridge: MIT Press, 2004.
- NUNES, Jairo & SANTOS, Raquel S. Stress shift as a diagnostics for identifying empty categories in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo (org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 121-136.
- PEREIRA-PINTO, Flavia Regina Mello. *Compreensão de Estruturas de Tópico-comentário e Pronomes Resumptivos na Aquisição: avaliando os complementos diretos e indiretos*. 2016. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- PÉREZ-LEROUX, Ana Teresa. Resumptives in the acquisition of relative clauses. *Language acquisition*, n. 4, p. 105-139. 1995.
- PERRONI, Maria Cecília. *Primeiras orações relativas na gramática da criança*. Comunicação apresentada no XLV Seminário do GEL, IEL, Unicamp, Campinas. 1997
- _____. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *DELTA*, São Paulo. v. 17, n.1, p. 59-79. 2001.
- PINKER, Steven. *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1989.
- REZENDE, Camilla de. *Sentenças absolutas no português brasileiro infantil: um estudo experimental*. 2016. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- RIZZI, Luigi. *Relativized minimality*. MIT Press: Cambridge. Mass. 1990.

- _____. The Fine Structure of the Left Periphery. In *Elements of grammar*, HAEGEMAN, Liliane (ed.), Kluwer, 1997. p. 281-337.
- _____. Locality and left periphery. In BELLETTI, Adriana (ed.), *Structures and beyond: The cartography of syntactic structures*, v. 3, Oxford-New York: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.
- ROEPER, Thomas. Universal bilingualism. *Language and Cognition*, v. 2, issue 3, p. 169-186, 1999.
- _____. Multiple grammars, feature-attraction, pied-piping , and the question is AGR inside TP? In: MÜLLER, N. (ed.) *(In)vulnerable domains in multilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 335-360.
- SANTOS, Raquel S. Categorias sintáticas vazias e retração de acento em português brasileiro. *DELTA*, p. 67-86. 2002.
- _____. Traces, pro and stress retraction in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese linguistics*, n.2, p. 101-113. 2003.
- SAUERLAND, Uli. Two structures for English restrictive relative clauses. In: *Proceedings of the Nanzan GLOW*, eds. SAITO, Mamoru et alli, Nanzan University, Nagoya, Japan. 2000.
- SCHACHTER, Paul. Focus and Relativization. *Language*, v. 49, issue 1, p. 19-46, 1973.
- SHLONSKY, Ur. Resumptive pronouns as a last resort. *Linguistic inquiry*, v. 23, n.3, p. 443-468. 1992.
- TARALLO, Fernando. Relativization strategies in Brazilian Portuguese. 1983. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.
- UTZERI, Irene. The production and the acquisition of subject and object relative clauses in Italian: a comparative experimental study. *Nanzan linguistics*. v.1, Special Issue 3, p 283-313. 2007.
- VERGNAUD, Jean Roger. *French relative clauses*. 1974. 288f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1974.
- VIVANCO, Karin Camolese. *Orações relativas em karitiana: um estudo experimental*. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- VIVANCO, Karin Camolese & PIRES, Aline Helena. Aquisição de relativas de objeto no Português Brasileiro. *Anais do VIII ENAL / II ELAL Encontro Inter/Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. v.1, p. 15-22, 2011.
- _____. Resumptive NPs in Brazilian Portuguese acquisition. *Proceedings of IX Workshop on Formal Linguistics 2012*, Rio de Janeiro, 2013.

Anexo: Estímulos utilizados no experimento

Relativas de objeto direto

A menina empurrou o cachorro, e a menina abraçou o cachorro.

Qual **cachorro** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [+ animado] / Obj. [+ animado])

A menina molhou o menino, e a menina sujou o menino.

Qual **menino** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [+ animado] / Obj. [+ animado])

O cachorro mordeu a mulher, e o cachorro lambeu a mulher.

Qual **mulher** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [+ animado] / Obj. [+ animado])

O menino empurrou a caixa, e o menino levantou a caixa.

Qual **caixa** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [+ animado] / Obj. [- animado])

O menino sujou a bicicleta, e o menino molhou a bicicleta.

Qual **bicicleta** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [+ animado] / Obj. [- animado])

A menina lambeu o sorvete, e a menina mordeu o sorvete.

Qual **sorvete** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [+ animado] / Obj. [- animado])

Aqui a onda derrubou o menino, e aqui a onda só molhou o menino.

Qual **menino** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [- animado] / Obj. [+ animado])

O aspirador limpou a cachorra, e o aspirador engoliu a cachorra.

Qual **cachorra** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [- animado] / Obj. [+ animado])

O furacão derrubou a coruja, e o furacão levou a coruja.

Qual **coruja** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [- animado] / Obj. [+ animado])

O aspirador engoliu a toalha, e o aspirador só limpou a toalha.

Qual **toalha** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [- animado] / Obj. [- animado])

O furacão destruiu a casa, e aqui o furacão levou a casa.

Qual **casa** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [- animado] / Obj. [- animado])

A chuva derrubou o vaso, e a chuva molhou o vaso.

Qual **vaso** você escolhe? (Obj. Direto | Suj. [- animado] / Obj. [- animado])

Relativas de objeto preposicional

A menina colocou o chapéu no menino, e a menina tirou o chapéu do menino.
Qual **menino** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [+ animado] / Obj. [+ animado])

O menino falou com a menina, e o menino dançou com a menina.
Qual **menina** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [+ animado] / Obj. [+ animado])

O menino contou uma história para a menina, e o menino mostrou uma figura para a menina.
Qual **menina** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [+ animado] / Obj. [+ animado])

O menino falou com a boneca, e o menino dançou com a boneca.
Qual **boneca** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [+ animado] / Obj. [- animado])

O menino colocou a corda na caixa, e o menino tirou a corda da caixa.

Qual **caixa** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [+ animado] / Obj. [- animado])

O menino contou uma história para a boneca, e o menino mostrou uma figura para a boneca.

Qual **boneca** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [+ animado] / Obj. [- animado])

O computador tocou a música para a menina, e o computador mostrou o vídeo para a menina.

Qual **menina** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [- animado] / Obj. [+ animado])

O vento trouxe o papel para a menina, e o vento levou o papel da menina.

Qual **menina** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [- animado] / Obj. [+ animado])

A onda trouxe a garrafa para o velho, e a onda levou a garrafa do velho.
Qual **velho** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [- animado] / Obj. [+ animado])

O vento balançou o pneu da árvore, e o vento arrancou o pneu da árvore.
Qual **árvore** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [- animado] / Obj. [- animado])

A onda trouxe o remo para o barco, e a onda levou o remo do barco.
Qual **barco** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [- animado] / Obj. [- animado])

O vento trouxe o avião de papel para a mesa, e o vento levou o avião de papel da mesa.
Qual **mesa** você escolhe? (Obj. Prep. | Suj. [- animado] / Obj. [- animado])